



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

LARISSA ELISABETE FUMIS

LITERATURA ALEMÃ DE EXÍLIO: O BRASIL DE STEFAN ZWEIG

São José do Rio Preto/SP

2016

Fumis, Larissa Elisabete.
Literatura alemã de exílio : o Brasil de Stefan Zweig / Larissa
Elisabete Fumis. – São José do Rio Preto, 2016
118 f.

Orientador: Norma Wimmer.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura austríaca - Séc. XIX - História e crítica. 2. Literatura
alemã - Países estrangeiros. 3. Literatura - Autores exilados. 4. Brasil -
Exílio. 5. Zweig, Stefan, 1881-1942. - Brasil, um país do futuro - Crítica e
interpretação. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 830(436).09"18"

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

LARISSA ELISABETE FUMIS

LITERATURA ALEMÃ DE EXÍLIO: O BRASIL DE STEFAN ZWEIG

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração – História, Cultura e Literatura (HCL), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Profa. Dra. Norma Wimmer

São José do Rio Preto/SP

2016

LARISSA ELISABETE FUMIS

LITERATURA ALEMÃ DE EXÍLIO: O BRASIL DE STEFAN ZWEIG

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer

UNESP – São José do Rio Preto

Orientador

Prof. Dr. Ulisses Infante

UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª Juliana Santini

UNESP – Araraquara

São José do Rio Preto

05 de setembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Cursar um mestrado, e concluí-lo, não é tarefa fácil. Acredito que todos ingressam nessa jornada com muita empolgação e expectativa. Aos poucos, percebemos que o caminho é mais acidentado que se projetava, porém também cheio de gratificações. Por isso, a ajuda e a compreensão das pessoas mais próximas é fundamental para mantermos o foco, o ânimo e a determinação.

Desse modo gostaria de agradecer àqueles que estiveram e se mantiveram ao meu lado, apesar de minha ausência frequente, e acreditaram em mim. A ordem não implica em importância.

Quero agradecer às amigas de jornada, Manuela Graton, Marcela Rodrigues, Mirella Amaral, Mariluce Fleury Afonso, Ingrid Riguetto, Ursulandrea Abelan e Keli Barbosa pela compreensão, pelo desabafo em seus ouvidos tão cansados de lamúrias e pelas horas de descontração que proporcionaram. Também a Paulo Moura, pelo companheirismo e pelas conversas teóricas, indicação de leituras e discussões acadêmicas.

À minha irmã, Janine Lopes, por me ouvir, mesmo sem ter ideia do que eu estava falando e por sempre tentar me animar e me incentivar a continuar. À minha mãe, Maria Augusta, que teve de suportar as longas ausências, mas ainda que a saudade apertasse, mandava seu amor e apoio e por ter me ensinado desde cedo a encarar os desafios de frente e não desistir.

À Nathália Manchini, à Raissa Aquino e ao *staff* do College, pelo apoio e torcida, por tanto terem facilitado minha vida e pelos almoços que me proporcionaram, regados à incentivo e muita risada.

À Professora Doutora Zélia Lopes da Silva, da FLC/Assis, que me acompanha desde a Iniciação Científica. Amiga e apoiadora desde o início, sempre acreditou em mim.

Ao Doutor José Luís Félix, do DLM da FCL/Assis, pelas repetidas leituras e apontamentos sobre a dissertação, por todas as dúvidas que me esclareceu e pelas discussões ao longo desse curso, e por toda paciência em me ajudar a

desenvolver melhor as ideias e a compreender como funciona a mente de um poeta. Serei eternamente grata.

À Doutora Alessandra Moreno Maestrelli, do Território Lacaniano, pelo apoio psicológico, empatia e incentivos que foram fundamentais para que eu caminhasse na conclusão deste projeto.

Ao Instituto Martius-Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, à Daniela Rothfuss e Gerhard Springweiler por sempre atenderem prontamente nossas solicitações e manterem as portas do instituto abertas para nossas pesquisas.

À Casa Stefan Zweig, por sanar nossas dúvidas e por manter material para pesquisa sempre disponível. À Kristina Michahelles e à Doutora Marlen Eckl.

À minha orientadora por sempre me atender quando eu solicitava e por acreditar em mim e constantemente afirmar que tudo daria certo. E deu. Obrigada!

À Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pelo apoio financeiro que possibilitou o bom andamento da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O escritor austríaco Stefan Zweig produziu extensa e variada reflexão sobre temas históricos e literários. Consagrou-se como intelectual pelo volume de sua produção e pela qualidade do material produzido. No universo da intelectualidade, teve seu lugar conquistado e, semelhante a tantos outros escritores, viu-se obrigado a abandonar seu berço e percorrer o mundo.

Zweig também produziu literatura de exílio. E o fez já de um nível elevado, pois sua carreira estava bem delineada e apresentava obras de qualidade incontestável. Este homem maduro pôs-se a observar o Brasil e transportou para este país toda sua capacidade de análise. Desenvolveu, aqui, sua visão utópica de uma realidade, a de um país de contrastes. E não foram contrastes somente internos. Comparou-os à Europa e acentuou ainda mais as diferenças. Para Zweig, parece que o Brasil de contrastes é um país do futuro. Claro, isso diante de uma Europa degradante, na era do nazismo, e para muitos como para ele, não podendo mais ser um lugar de se viver.

Das anotações de viagens, observações e análises, Zweig elabora seu livro *Brasil, um país do futuro* (1ª. Ed., Editora Guanabara, 1941) - *Brasilien, ein Land der Zukunft* (1ª. Ed., Suhrkamp Taschenbuch, 1941). Fazendo uma leitura simultânea do original e da tradução percebe-se a empolgação do autor em mostrar uma civilização de contrastes que pode dar certo, pois permite o convívio do homem com o homem e do homem com a natureza e desses dois elementos entre si. Zweig viu uma realidade com olhos de poeta e registrou isto como esperança no ser humano.

Essa natureza perfeita, esse homem cordial, essa sociedade harmônica que Zweig descreve parecem caminhar na contramão dos rumos da humanidade. O Brasil, não fazia muitos anos, se livrara do peso da escravidão, o desemprego grassava, a construção de favelas e prostíbulos constituía parte do crescimento urbano de grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. Essa temática era catastrófica; entretanto, o escritor vivenciou, contrastou e descreveu a sua situação como vida promissora. Para o pensador da Europa, considerado uma das pérolas

da humanidade, que estava em xeque por causa da insanidade nazista, era preciso descarregar toda a esperança no mundo novo. O Brasil tinha de ter futuro.

O trabalho que apresentamos pretende examinar as imagens que Zweig produz a partir desta realidade brasileira em contraste com sua própria realidade. Suas impressões aparecem descritas com muitos adjetivos e valores que nem sempre correspondem à realidade observada. O relato da experiência de Zweig no Brasil é um texto literário e nem poderia ser de outra maneira, pois o autor é um poeta com bom manejo das palavras.

Para entender melhor o livro *Brasil, um país do futuro*, fizemos uma introdução ao tema, procuramos analisar o livro, o autor e sua biografia, tecemos considerações histórico-antropológicas e apoiamos-nos em alguns pressupostos teóricos acerca das imagens e figuras de linguagem no texto literário. Por fim, selecionamos e analisamos algumas passagens sobre a temática brasileira: o homem, a natureza, as cidades, os comportamentos, a religiosidade etc. Deste conjunto de temas tratados no livro e de sua mensagem fundamental, extraímos a utopia zweiguiana e procuramos comprovar sua visão por meio de um discurso imagético e literário. Zweig parece se destacar como um autor do futuro!

RESUMO

Entre os anos de 1933 e 1945, intelectuais, escritores e publicistas alemães e austríacos, incluindo muitos judeus, saíram de seus países devido às perseguições do nacional-socialismo e encontraram refúgio nos países da América Latina e também no Brasil. Dentre eles, destaca-se Stefan Zweig, de origem judaica, nascido em 1881 em Viena, na Áustria, e que pertencia ao grupo dos escritores mais lidos de seu tempo. Em 1936, Zweig fez sua primeira viagem ao Brasil. Em 1940, refugiou-se no país com sua segunda esposa Charlotte Elisabeth Altmann. Nessa viagem, passou cinco meses colhendo material para o livro *Brasil, um país do futuro*. Zweig visitou os estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Pará. Originalmente escrito em alemão, o livro foi traduzido para o português e publicado pela editora Guanabara com apoio de seu editor brasileiro Abrahão Koogan, em agosto de 1941, constituindo aquilo que se pode chamar de literatura de exílio. Partindo da leitura de *Brasil, um país do futuro*, essa dissertação pretende analisar de que forma o escritor austríaco transformou suas observações e comentários sobre o Brasil em material que pode ser lido como literário, a partir da utilização de imagens e figuras idealizadas. No livro, depois de uma incursão pela história e economia, o autor volta-se para seu interesse principal: a cultura brasileira. Não se preocupa em descobrir como os elementos europeus e africanos se recombinaram aqui; seu principal interesse é tornar conhecida a suposta ausência de preconceitos, a harmonia racial e a tolerância inata do povo, o que já revela o olhar peculiar e idealizado de Stefan Zweig sobre o Brasil e os brasileiros. Além do expressivo volume de sua obra e de sua fama internacional, o que também contribuiu para Stefan Zweig continuar sendo lembrado no Brasil, foram os rumores em torno da suspeita de ele ter sido financiado pelo governo Vargas e de *Brasil, um país do futuro* ser uma propaganda do Brasil para o resto do mundo, num período especialmente delicado para o governo da época. Em certa medida, essa suspeita é reforçada pelo caráter idealizado que se pode notar na narrativa, a partir das imagens que o livro proporciona sobre o país, seus habitantes e acontecimentos. O livro sustenta uma utopia, a utopia que chamamos zweiguiana, pois reflete características de sua personalidade e do que ele almeja como ideal de convivência.

Palavras-chave: *Stefan Zweig, Literatura de Exílio, Austríacos no Brasil, Exílio*

ABSTRACT

Between 1933 and 1945, German and Austrian intellectuals, writers and publishers, including many Jews, left their countries due to National Socialist persecution and found refuge in Latin American countries and also in Brazil. Among them, there was Stefan Zweig, a Jewish writer, born in 1881 in Vienna, Austria, who belonged to the group of the most read writers of his time. In 1936, Zweig made his first trip to Brazil. In 1940, he took refuge in the country with his second wife, Charlotte Elisabeth Altmann. On this trip, he spent five months collecting material for the book *Brazil, Land of the Future*. Zweig visited the states of Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco and Pará. Originally written in German, the book was translated into Portuguese and published by the publishing company Guanabara with the support of his Brazilian publisher Abraham Koogan in August of 1941, constituting what can be called *Exilliteratur* (German exile literature). From the reading of *Brazil, Land of the Future*, the present thesis intends to analyze how the Austrian writer converted his observations and comments on Brazil into material that can be read as literary, from the use of idealized images and figures. In the book, after an incursion through history and economy, the author turns to his main interest: Brazilian culture. He does not bother to find out how European and African elements are recombined here; his main interest is to disclose the alleged absence of prejudice, racial harmony and the innate tolerance of the people, which already shows the peculiar and idealized look Stefan Zweig has on Brazil and Brazilians. In addition to the significant volume of his work and international fame, which also contributed to Stefan Zweig remain remembered in Brazil, there were rumors around the suspicion that he was funded by the Vargas government and that *Brazil, Land of the Future* was a way to promote Brazil to the rest of the world at a particularly sensitive period for the government of the time. To some extent, such suspicion is reinforced by the idealized character that can be noticed in the narrative, from the images that the book provides about the country, its people and events. The book maintains an utopia, which it is possible to call zweiguian utopia, because it reflects characteristics of his personality and of what he desires as an ideal of coexistence.

Keywords: Stefan Zweig, German exile literature, Austrians in Brazil, Exile

ZUSAMMENFASSUNG

Von 1933 bis 1945 verließen Intellektuelle, Schriftsteller und deutsch-österreichische Verleger, darunter viele Juden, ihren Ländern wegen politischer Verfolgung des Nationalsozialismus und fanden Zuflucht in Lateinamerika und auch in Brasilien. Unter ihnen hob sich Stefan Zweig hervor. Geboren 1881 in Wien, Österreich und auch jüdischer Herkunft, er gehörte zu der Gruppe der meistgelesenen Schriftsteller seiner Zeit. Im Jahr 1936 machte er seine erste Reise nach Brasilien. 1940 nahm er mit seiner zweiten Frau Charlotte Elisabeth Altmann Zuflucht in Brasilien. Auf dieser Reise verbrachte er 5 Monate bei der Sammlung von Materialien für sein Buch *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Während seines Aufenthaltes hat Zweig Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco und Pará besucht. Ursprünglich auf Deutsch geschrieben wurde das Buch ins Portugiesische übersetzt und im August 1941 bei Guanabara-Verlag mit der Unterstützung von seinem brasilianischen Verleger Abraham Koogan veröffentlicht, welches als Exilliteratur genannt werden kann. Dieses vorliegende Forschungsergebnis beabsichtigt zu analysieren, anhand der Lektüre seines Buches und der Nutzung von Bildern und idealisierten Figuren, wie der österreichische Schriftsteller seine Beobachtungen und Kommentare zu Brasilien in Material richtete und dabei versucht man zu bestätigen, dass sein Werk als Literarisches gelesen werden kann. In seinem Buch, nachdem er einen Überblick auf die Geschichte und die Wirtschaft des damaligen Landes Brasilien verschafft, schaltet sich der Autor zu seinem Hauptinteresse: die brasilianische Kultur. Es scheint so, das es ihm nicht stört, wie die europäischen und afrikanischen Elemente hier rekombiniert worden waren. Viel mehr beschäftigt er sich mit dem angeblichen Fehlen von Vorurteilen, mit der Rassenharmonie und der angeborenen Toleranz der Menschen, die bereits die eigentümlichen und idealisierten Aussehen Zweigs auf Brasilien und Brasilianer zeigen. Neben dem erheblichen Umfang seiner Arbeit und seinen internationalen Ruf ist Stefan Zweig immer in Beziehung zum Vargas Regierung erinnert. Das bestände einen Verdacht, indem er und sein Buch von der brasilianischen Regierung finanziert gewesen wären. Dabei trüge einigermaßen die idealisierte Form seines Schreibensstils, ausgehend der beschriebenen Bilder, der Landbewohner und den Ereignissen seiner Zeit. Das Buch unterhält eine Utopie, die sogenannte Zweigutopie, denn sie spiegelt seine Eigenschaften, seine Bildung und seine Identität und die Art und Weise, wie Zweig als Idealregel für das Zusammenkommen einer weltlichen Gesellschaft.

Schlüsselwort: *Stefan Zweig, Exilliteratur, Österreicher in Brasilien, Exil*

SUMÁRIO

Agradecimentos	005
Apresentação	007
Resumo	009
Abstract	010
Zusammenfassung	011
Introdução	013
Capítulo 1. Stefan Zweig e <i>Brasil, um país do futuro</i>	021
1.1. O autor	021
1.2. O livro	025
1.3. O contexto histórico austríaco	031
1.4. O contexto histórico brasileiro	035
Capítulo 2. Considerações histórico-antropológicas	044
2.1. Considerações sobre a Imagem e a figura de linguagem na Literatura	044
2.2. Marilena Chauí e os mitos sobre o Brasil	047
2.3. Sérgio Buarque de Holanda e o Homem Cordial	050
Capítulo 3. Imagens e silêncios	054
3.1. Cultura, carnaval e religião	057
3.2. Jardins, morros, ilhas e as cidades	066
3.3. O brasileiro e o homem cordial	073
3.4. O negro e o mito da democracia racial	082
3.5. História e economia	092
3.6. O futuro – espaço e tempo	093
Considerações Finais	095
Referência Bibliográfica	097
Bibliografia	103
ANEXO: Outros exilados austríacos e sua contribuição para o Brasil	109

INTRODUÇÃO

No livro *Brasil, um país do futuro*, Stefan Zweig transformou suas observações e comentários sobre o Brasil e os brasileiros em um texto que pode também ser lido como literário, a partir da utilização de figuras e imagens idealizadas, criadas por meio de elaboração discursiva e não unicamente como relato de viagem. Na análise deste livro, utilizamos as teorias de Paz (1982), que trata das imagens literárias criadas por meio de figuras de linguagem. Empregaremos, também, os postulados de Bauman (2005) sobre a identidade, considerando, ainda, que o contexto histórico europeu daquela época aparece nos discursos do próprio autor do livro, levando-nos a considerar que tanto a identidade dos brasileiros quanto a do autor estão implicadas nessa narrativa. Consultamos, ainda, obras específicas sobre Zweig e a presença de intelectuais de língua alemã no Brasil, assim como o livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e estudos de alguns brasilianistas, como *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, de Marilena Chauí, *O Brasil visto de fora*, de Thomas Skidmore, que oferece uma visão internacional sobre o país, *A negociação da identidade nacional* e a *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidades e políticas de imigração*, de Jeffrey Lesser, sobre a interação de imigrantes e brasileiros com o objetivo de criar uma identidade nacional.

Zweig produziu o que se pode designar como literatura de exílio. Kestler retoma o discurso de alguns escritores sobre imigração e exílio para esclarecer o que se entende por essa literatura: em primeiro lugar, é a literatura que foi escrita no exílio; além disso, lançando mão do livro de Hildegard Brenner, Kestler explica que “é [...] aquela literatura em língua alemã que foi expatriada direta ou indiretamente pelo nacional socialismo, que teve que ser publicada no exterior e que, geralmente, não era acessível ao público alemão” (Kestler, 2003, p. 197). O termo literatura de exílio é compreendido, aqui, na acepção de produção decorrente da saída forçada por circunstância política, como no caso da obra de Zweig. Segundo Kestler, trata-se de produto da ruptura da evolução literária na Alemanha e na Áustria, fruto da fuga e da exclusão de autores de seus países de

origem. É uma produção decorrente de resistência política, literária e artística à instauração de um regime anti-intelectual, antilibertário e antiliberdades individuais, como foi o nacional-socialismo (KESTLER, 2005, p. 115). Desse modo, no que se refere à literatura de exílio, pouquíssimos autores de escrita alemã, entre esses Stefan Zweig (KESTLER, 2003, p. 64), deixaram marcas tão profundas no Brasil. Ainda de acordo com Kestler (2003, p. 64), grande parte dos autores que vieram ao Brasil não eram autores que gozavam de muito reconhecimento em seus países de origem. As exceções são, justamente, Stefan Zweig, Otto Maria Carpeaux¹ e Ulrich Becher². (2003, p. 64). Tanto Becher quanto Zweig escreveram no e sobre o Brasil, misturando verdade³ e poesia.

Stefan Zweig, assim como Ulrich Becher, não foram os únicos a escrever sobre seu país de exílio. Segundo Kestler (2003, p. 15, 16) outros escritores se ocuparam de seus países de exílio, descrevendo suas impressões culturais, econômicas e políticas. Kestler cita Anna Seghers e Egon Erwin Kisch, no México; Paul Zech, na Argentina e Erich Arendt, na Colômbia, entre os escritores que produziram “uma volumosa descrição do exílio em toda a América Latina”. No entanto, a autora afirma que não existe uma apresentação abrangente da literatura de exílio, e nem da situação dos escritores e jornalistas exilados. Em relação ao Brasil, Kestler diz que devido à proibição de se falar e publicar em língua estrangeira em 1941, algumas obras foram publicadas em francês, ou apenas depois do retorno do escritor ao seu país natal. Vale observar que, na formulação acima de Kestler, o francês parece não ser uma língua estrangeira, o que nos leva a pensar que o francês era uma língua de cultura e franca entre os intelectuais da época e, portanto, não constaria do rol das línguas que impunham algum risco para a mentalidade nacionalista em curso sobre a identidade do país. Kestler vai além e afirma que poucos escritores de renome vieram para o Brasil e que aqui foram escritos e publicados “livros pseudofilosóficos, ensaios, memórias

¹ Na verdade, Otto Maria Karpfen, escritor e publicista, nasceu em Viena no ano 1900. Viveu no Brasil desde o ano 1939 até sua morte em 1978, no Rio de Janeiro.

² Ulrich Becher foi escritor, poeta e publicista nascido em Berlim. Viveu exilado no Brasil entre os anos de 1941 a 1944. Enquanto exilado no Brasil, publicou alguns artigos para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

³ Termo usado na acepção de fatos observáveis, segundo Hobsbawm (2013, p. 9).

e traduções de livros escritos no exílio”. A autora retoma o texto do pesquisador do exílio Alexander Stephan: este afirma que as memórias e diários são uma forma indireta e superficial de superação do exílio (2003, p. 197, 198).

Além de sua vasta obra e de sua fama internacional, o que também contribuiu para Stefan Zweig continuar a ser lembrado no Brasil foram os rumores em torno da suspeita de ele ter sido financiado pelo governo Vargas e de *Brasil, um país do futuro* ser uma propaganda do Brasil para o resto do mundo. Essa suspeita persiste até hoje e divide opiniões. Em certa medida, ela é reforçada pelo caráter idealizado encontrado na narrativa, assim como o uso de ironia, possível subterfúgio para não ser totalmente cooptado pelo governo vigente na época. Não podemos, aqui, ignorar algumas possibilidades de interpretação para o modo como o autor construiu sua narrativa: a) ingenuidade, apesar de ser muito difícil sustentá-la; b) encomenda, por isso o uso de ironia, e c) construção de uma pátria, como novo objeto de amor, que Stefan Zweig pudesse colocar no lugar de sua Áustria perdida.

Stefan Zweig pode ter sido apenas ingênuo ao descrever o Brasil como o fez, talvez por estar cansado, como ele próprio afirmava, velho e sem forças para recomeçar, quis apenas ficar na superfície do que via, sem qualquer aprofundamento, mantendo-se na posição de estrangeiro privilegiado, tratado com honras de estado. No caso de ter sido constrangido a escrever por encomenda, pode ter sido irônico, ao colorir algumas características e acontecimentos e esconder outros, usando esse recurso como meio para fugir da tarefa de escrever um livro de propaganda para um governo que flertava com princípios fascistas, entre eles o reconhecimento dos direitos individuais, mas apenas daqueles que não entravam em conflito com as necessidades do Estado soberano, o culto ao líder e o nacionalismo. O governo do Estado Novo tinha como proposta a concentração do poder no Estado como a única instituição capaz de garantir a coesão nacional e de realizar o bem comum⁴. E, pode também ter usado esse projeto,

⁴ FGV CPDOC. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>>. Acesso em 20 julho 2016.

independentemente de ter sido encomendado ou não, para construir uma pátria que ele julgava digna de seu amor, respeito, admiração e à qual ele pudesse pertencer. Deste modo, usou de sua habilidade na escrita para recriar um lugar, para onde pudesse direcionar o amor pela pátria perdida e se sentir mais uma vez pertencente a uma nação, palavra que ele usa em muitos momentos do livro.

Não podemos negar que Zweig pinta o Brasil como o paraíso da humanidade. Essa ideia encontra eco em autores como Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Visão do Paraíso* (1959) e em Marilena Chauí em seu livro *Brasil: mito fundador* (2000), onde a autora aborda o tema da fundação do Brasil, ao invés de formação, e aponta os mitos existentes e difundidos sobre essa fundação. Independente de quais foram os motivos que levaram Zweig a escrever o Brasil como o fez, nosso intento aqui é, como já mencionado, ler as imagens por ele criadas sobre o Brasil.

Kestler (2003), afirma que “a produção de autores de exílio transmite [...] indícios e possibilidades para um esclarecedor *Trauerarbeit* [trabalho de elaboração de luto]” (KESTLER, 2003, p. 17 apud KLEINSCHMIDT, 1982, p. 42). Este *Trauerarbeit* pode ser empregado não apenas em relação à Alemanha, mas também em relação aos países daqueles que sofreram os efeitos de ditaduras e de perseguições políticas, além das perdas pessoais de todos os exilados e seus familiares. Freud (2011, p. 46) afirma que “O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.” Esclarece, ainda, que o luto é um processo consciente e que, nesse processo, a libido se desloca do objeto perdido para outro objeto, ocorrendo um reinvestimento libidinal. Nas palavras de Freud entendemos que o “resultado normal de um processo de luto é a retirada da libido do objeto perdido e seu deslocamento para um outro” (FREUD, 2011, p. 61). E foi o que aparentemente Zweig tentou fazer. Ao chegar ao Brasil e ao se dar conta da perda sofrida, do horror em que o mundo estava mergulhado por causa da guerra e da irreversibilidade dessa perda, Zweig construiu literariamente outra pátria para si,

para seu sentimento de pertencer, deslocando, assim, seu amor pela Áustria ao Brasil.

Parece-nos plenamente plausível lançar mão dessa teoria para tentar explicar em que medida Zweig criou, ao escrever o livro aqui analisado, um país para amar no lugar de sua pátria perdida. É preciso entender que a Áustria ainda existia e existe até hoje. Mas Zweig não conseguia recuperá-la. Não do modo como a concebia. A Áustria na qual ele nasceu, foi criança, adolescente, foi à escola, à faculdade, descobriu e cultivou seu amor pela literatura e pelas artes e, já adulto, viu ser destruída pelo fascismo. Ele, um austríaco de caráter, ou seja, em seus modos e formação, não poderia recuperar essa sua Áustria. Ele perdeu sua pátria, perdeu seu referencial de identidade quando foi forçado a se exilar, perdendo, em decorrência disso, seu lugar no mundo. Mesmo que retornasse para lá, não voltaria mais a seu país, que àquela altura dos acontecimentos, já não existia mais, não poderia ser recuperado.

Nossa interpretação é a de que Zweig elaborou o luto pela pátria perdida construindo para si um país que pudesse colocar no lugar daquele que perdeu, ou que lhe foi tirado. Assim, ele, um escritor já consagrado, usou sua experiência de escritor e sua arte para escrever *Brasil, um país do futuro* e fazer desse país seu novo objeto de amor, transferindo todo afeto retirado do país para ele perdido. O autor perde, paulatinamente, o mundo que conhecia e ao qual pertencia. Este mundo foi destruído pelo horror da guerra e, com ele, tudo o que lhe era familiar e estimado. Zweig expressa o desejo de um novo mundo que se constrói em oposição ao seu, que se destrói, valendo-se mais uma vez da figura do contraste para reorganizar o seu luto.

Dentre os escritores exilados no Brasil mais representativos, encontram-se, além de Zweig, Ulrich Becher. Este foi escritor e poeta alemão que morou em nosso país de 1941 a 1944, onde escreveu *Brasilianischer Romanzero* (Romanceiro Brasileiro) e algumas peças de teatro como *Samba* e *Der Herr kommt aus Bahia* (Deus vem da Bahia) (KESTLER, 2003, p. 76-79), e Otto Maria Carpeaux, consagrado crítico literário no Brasil, autor de ensaios literários sobre

correntes literárias, escritores selecionados e suas obras (KESTLER, 2003, p. 124, 198).

Mauro de Souza Ventura, autor do livro *De Karpfen a Carpeaux*, afirma que dos cerca de 20 livros de Carpeaux publicados no Brasil, onze são coletâneas de artigos e nove são obras temáticas. Essas obras temáticas abordam desde história da literatura e da música até filosofia da religião e política europeia, além da “monumental *História da literatura ocidental*, escrita nos anos 40 e publicada entre 1959 e 1966” (VENTURA, 2002, p. 11, 12).

Da produção literária desses intelectuais, a obra de Zweig sobreviveu ao tempo. Enquanto Becher foi esquecido, ou não mais lembrado, e Carpeaux considerado e lembrado muito mais como crítico literário, Zweig ainda é lido, comentado, estudado e adaptado. Em pesquisa realizada no site da instituição Casa Stefan Zweig, localizada no Rio de Janeiro, constata-se que ainda se fala, lê e escreve muito sobre Zweig no Brasil, na Alemanha, na Áustria e na Suíça. Realizam-se também estudos e exposições de filmes adaptados de suas obras. Autor de mais de 50 livros, entre romances, contos, peças de teatro e biografias, Zweig continua tendo grande expressão internacional e é, como consta na revista francesa, em sua versão online, ‘Le nouvel Observateur’⁵, um dos autores mais lidos na França.

A situação do exílio significou, para muitos intelectuais, escritores e artistas, uma ruptura profunda em suas vidas. Esses intelectuais perderam seu público leitor e o vínculo com as editoras em seus países de origem, empobreceram; perderam o contato cotidiano com a língua materna e sofreram aculturação, que, segundo Lesser (2001), é a modificação de sua cultura em resultado do contato com outra cultura majoritária (p. 22). Por fim, o desespero os levou à interrupção de sua produção literária, o que contribuiu para seu esquecimento posterior, e sua consequente pobreza financeira. Zweig, no entanto, figura como exceção.

⁵ BIBLIOBS. Pourquoi stefan zweig est-il l'écrivain étranger le plus lu en france?. Disponível em: <<http://bibliobs.nouvelobs.com/romans/20130416.obs8145/pourquoi-stefan-zweig-est-il-ecrivain-etranger-le-plus-lu-en-france.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

Edward Said aponta, em seu livro *Reflexões sobre o Exílio* (2003), em relação a esse tema, os exilados e sua condição social, emocional e financeira no país de exílio, cita também alguns aspectos muito semelhantes aos que Zweig e seus contemporâneos viveram aqui no Brasil. Said começa seu artigo sobre o exílio afirmando que o mesmo é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal” (p. 46) a mesma fratura que percebemos em Zweig, refletida em *Brasil, um país do futuro*, que o autor tenta a todo custo fechar. No entanto, Said ainda afirma que essa fratura e sua tristeza “jamais pode ser superada” (p. 46). Talvez, por essa razão tenham sido tão difíceis para Zweig a tentativa sincera e constante de superar as perdas do exílio, a tentativa de trabalhar e superar essas perdas elaborando o que já mencionamos aqui como *Trauerarbeit*, ou seja, um recurso para reelaboração de uma perda, no caso, a perda da identidade nacional por meio do exílio, uma espécie de luto da pátria perdida. Na verdade, ele parece não tê-lo conseguido, sucumbindo à depressão e cometendo, de acordo com as fontes oficiais, suicídio. Para Said, o “verdadeiro exílio é uma condição de perda terminal” (2003, p. 46).

As considerações de Said sobre o exílio e o exilado dão conta de que “na melhor das hipóteses, a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão” (2003, p. 47). Ainda segundo Said, “Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par” (2003, p. 47). Para Said ainda, o exílio é algo produzido por seres humanos para outros seres humanos (2003, p. 47).

Para contrapor esta questão do sentimento de exílio, vale lembrar que este recurso parece ser semelhante àquele do distanciamento dos desejos de um poeta. Goethe, por exemplo, não se exilou, ao menos no modelo que aqui se discute em relação a Zweig. Mas o grande poeta alemão reelaborou seu luto toda vez que tinha uma perda. O primeiro amor do poeta, o único não correspondido pela amada, levou o jovem Goethe à cama e ao desespero entre a vida e morte. O resultado desta crise foi uma reelaboração de seus sentimentos, recorrendo à

produção escrita para se reestabelecer. O mesmo aconteceu em toda a carreira do poeta Goethe. Ele entrava em crise e escrevia reorganizando esta espécie de luto. Neste sentido, o exílio parece também brotar do interior do escritor, um exílio mal resolvido, um desejo de exílio e de contraste com sua situação de descontentamento. Cabe pensar o que teria Goethe escrito, se tivesse vivido uma situação semelhante à de Zweig.

O estudioso considera que, de certo modo, os poetas e escritores do exílio “conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade às pessoas” (SAID, 2003, p. 48). Essa dignidade advém das tentativas, ora com êxito, ora sem, de reconstruir uma vida fora de seu país natal, de não sucumbir à perda, de por vezes, escrever literatura de combate às políticas fascistas. A dignidade surge da luta e da resistência. No caso particular de Zweig, não apenas da luta e da resistência, mas também da tentativa de conferir dignidade ao país que o recebeu, construindo para nós, brasileiros, mais do que para ele próprio, um país possível de amar, desejável, um modelo para o restante do mundo e um orgulho para seus habitantes.

CAPÍTULO 1: Stefan Zweig e *Brasil, um país do futuro*.

*Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá
até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que
para mim e meus contemporâneos o mundo
jamais será novamente um lugar feliz.
Ele é demasiado horrendo.*

(Freud, em carta a Lou Andreas-Salomé, escrita
em 25 de novembro de 1914 – FREUD, 2011, p. 108)

Neste capítulo faremos algumas apresentações e contextualizações sobre Stefan Zweig, sobre o livro *Brasil, um país do futuro* e o contexto brasileiro e austríaco, assim como sobre as leis de imigração vigentes no Brasil no período do Estado Novo, época em que Zweig viveu no país e escreveu o livro aqui estudado.

A importância dessas ideias decorre do fato de estarmos lidando com um período relevante e de grandes agitações para o Brasil, um período ditatorial, às vésperas de entrarmos em guerra contra os países do Eixo, momento em que as leis brasileiras proibiam a entrada de judeus e controlavam a entrada de outros candidatos considerados não assimiláveis, condição imperativa para ter a entrada permitida. Nesse mesmo período, Stefan Zweig, um judeu austríaco, vive no país como exilado e escreve sobre ele um livro que mantém sua importância até os dias de hoje.

Neste sentido, consideramos a contextualização relevante, pois Zweig, na condição de judeu exilado, escrevia um livro de propaganda elogiosa sobre um país que praticava uma política antissemita, num período especialmente delicado para os judeus de todo mundo. Isto torna a natureza de sua escrita ainda mais intrigante, pois o período abarca a política adotada por este governo em relação aos imigrantes e, em especial, aos imigrantes e exilados de origem judaica.

1.1. O autor

Stefan Zweig atribui a si algumas identidades, ou características, em sua autobiografia; ele se refere a si próprio como “austríaco, judeu, escritor,

humanista e pacifista” (ZWEIG, 2014, p. 13). Essas características vão acompanhá-lo ao longo de sua vida e influenciar na tomada de algumas decisões importantes.

Zweig nasceu em Viena em 28 de novembro de 1881, estudou filosofia, germanística, línguas e literaturas neoclássicas na Universidade de Viena. Mudou-se para Berlim onde apresentou, em 1904, a tese de doutorado *A Filosofia de Hippolyte Taine*⁶. Zweig participou da Primeira Guerra Mundial como voluntário, trabalhando como redator de publicidade no Arquivo de Guerra (CARNEIRO, 1996, p. 176). Fez inúmeras viagens à Índia, Indonésia, Estados Unidos, América Central, Grã-Bretanha, Itália. A partir de 1901, publicou alguns romances e fez fama como intermediário e tradutor de autores da Literatura da Europa Ocidental entre eles Verlaine⁷, Sainte-Beuve⁸, Balzac⁹ e Montaigne¹⁰. Zweig mantinha um grande círculo de amizades, Emile Verhaeren¹¹, Romain Rolland¹², Maxim Gorki¹³ e Joseph Roth¹⁴ e trocava cartas com diversas personalidades europeias. Morando em Salzburg desde 1919, Zweig decidiu, após uma violenta busca em sua casa, no ano de 1934, mudar-se definitivamente para Londres. Foi um dos escritores mais lidos e traduzidos na Europa dos anos 30, mas isso não impediu

⁶ Hippolyte Taine foi crítico e historiador francês e membro da Academia Francesa, ocupando a cadeira 25 entre os anos de 1878 a 1893. Foi um dos expoentes do Positivismo do século XIX, na França. Taine criou um método de fazer História e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. (http://www.iscsp.ulisboa.pt/~cepp/autores/franceses/1823._taine.htm). Acesso em 25.03.2016.

⁷ Paul Marie Verlaine é considerado um dos maiores e mais populares poetas franceses.

⁸ Charles Augustin Saint-Beuve foi um crítico literário e uma das grandes figuras da história da literatura francesa.

⁹ Honoré de Balzac foi escritor francês considerado o criador do Realismo na literatura moderna. A Comédia Humana, sua *magnum opus*, consiste em uma obra de 95 romances, novelas e contos que procuram retratar todos os níveis da sociedade francesa da época, em particular a florescente burguesia após a queda de Napoleão Bonaparte em 1815.

¹⁰ Michel de Montaigne foi jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo.

¹¹ Émile Verhaeren foi poeta belga de expressão francesa, autor de contos, poesia, pelas teatrais e crítica literária.

¹² Romain Rolland foi romancista, biógrafo e músico francês, recebeu o Nobel de Literatura em 1915.

¹³ Maxim Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi escritor, romancista e ativista político russo, foi um escritor da escola naturalista que formou uma espécie de ponte entre as gerações de Tchekhov e Tolstói e a nova geração dos escritores soviéticos.

¹⁴ Joseph Roth foi jornalista e escritor austríaco que nasceu no Império Austro-Húngaro.

que seus livros fossem queimados pelos nacional-socialistas em 1933. Casou-se em 1920 com Friderike von Winternitz e divorciou-se em 1938. Em 1936 fez sua primeira viagem ao Brasil e foi recebido pelo próprio presidente Getúlio Vargas. Na ocasião, fez uma breve passagem pelo país quando se dirigia a Argentina, para participar de um congresso do PEN Club Internacional. Casou-se novamente em 1939 e em 1940 refugiou-se com sua segunda esposa no Brasil. Em sua segunda visita passou cinco meses viajando pelo país, para colher material para o livro. Concluiu-o na biblioteca da Universidade de Yale (New Haven, Connecticut) entre fevereiro e março de 1941 e, naquele mesmo ano, em agosto, conseguiu organizar o lançamento de *Brasil, um país do futuro* em oito edições: duas em português (Brasil, pela editora Guanabara e Portugal), duas em inglês (Estados Unidos e Canadá), em francês (para os países francófonos, exceto a França ocupada), em espanhol (para a Argentina), em alemão e sueco (impressas em Estocolmo). Em novembro desse mesmo ano, o autor terminou sua autobiografia *Die Welt von gestern* (“Autobiografia: o mundo de ontem” em português lançado em 2014 pela Zahar, edição que usamos como referência nesse trabalho). Em 23 de fevereiro de 1942, Zweig e Lotte cometeram suicídio, em sua residência em Petrópolis, ingerindo substância tóxica. O suicídio é atribuído por intelectuais da época e pessoas próximas, à desesperança de Zweig, que já não mais acreditava na possibilidade de a situação do mundo em guerra melhorar, ao isolamento intelectual, aliado à depressão diante da sombria situação mundial e da saraivada de críticas que recebera da imprensa e do público intelectual da época, segundo as quais *Brasil, um país do futuro* teria sido redigido por encomenda da ditadura de Vargas. Algumas dessas críticas podem ser acessadas no site da Casa Stefan Zweig, que mantém um arquivo com charges e recortes de revistas da época, além de alguns artigos escritos por Alberto Dines¹⁵. Um exemplo dessas críticas foi a

¹⁵ Alberto Dines é jornalista, professor universitário, biógrafo e escritor brasileiro. Dines dirigiu e lançou diversas revistas e jornais no Brasil e em Portugal. Foi editor-chefe do *Jornal do Brasil* durante doze anos e diretor da sucursal da *Folha de S. Paulo* no Rio de Janeiro. Dirigiu o Grupo Abril em Portugal, onde lançou a revista *Exame*. Escreveu mais de 15 livros, entre eles *Morte no paraíso, a tragédia de Stefan Zweig* (1981) e *Vínculos do fogo – Antônio José da Silva, o Judeu, e outras histórias da Inquisição em Portugal e no Brasil, Tomo I* (1992). O livro sobre Stefan Zweig foi adaptado para o cinema por Sylvio Back em 2002 no filme *Lost Zweig*. Alberto Dines também

campanha do *Correio da Manhã*, um dos mais importantes jornais do país na época. De acordo com o artigo escrito por Alberto Dines “A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo”¹⁶, Costa Rego, redator-chefe e jornalista, escreveu cinco artigos sucessivos na prestigiosa página dois do jornal, no mesmo espaço onde escrevia seus comentários políticos. Segundo Dines, Costa Rego concentrou-se em detalhes irrelevantes, os reconhecia como insignificantes, “mas parecia dominado pela compulsão de desmoralizar o célebre escritor estrangeiro que estaria a serviço de um governo que ele não tinha a coragem de criticar”. Dines comenta ainda, “que Costa Rego jamais contestou o tosco ufanismo do conde Afonso Celso tão estimulado durante o Estado Novo, mas sentiu-se na obrigação de gozar o estrangeiro que tentava uma patriotada com uma pátria que não era sua”¹⁷. Zweig reagiu às calúnias numa entrevista publicada dois meses depois do lançamento do livro, na revista “Vamos Ler!”, que pertencia ao governo, e talvez por isso não tenha tido grande alcance. Ali afirmava que se orgulhava de, em 40 anos de vida literária, nunca ter escrito um livro que não fosse por paixão artística e jamais ter visado qualquer vantagem pessoal ou interesse econômico. No entanto, não há como negar, Zweig efetivamente fez um negócio com o governo brasileiro, escreveu o livro em troca dos vistos de residência para ele e para a mulher. Pode não ter havido um contrato, mas um entendimento entre as duas partes. O governo autorizou a concessão dos vistos dispensando o casal de qualquer documentação num prazo muito curto, o que não era o costume, e isso ajuda a entender que Zweig recebeu um privilégio que confrontou de forma ostensiva a má vontade e a desumanidade com que o governo Vargas tratou os refugiados do nazismo, sobretudo os judeus. Depois de sua morte, sua casa foi transformada em museu.

fala sobre Stefan Zweig no documentário do mesmo diretor. Criou o site *Observatório da Imprensa*, o primeiro periódico de acompanhamento da mídia no Brasil, que conta atualmente com versões no rádio e na TV. (WIKIPEDIA. Alberto Dines. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/alberto_dines>. Acesso em: 27 abr. 2016).

¹⁶ CASA STEFAN ZWEIG. *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=18>. Acesso em: 27 abr. 2016.

¹⁷ Idem nota 15.

1.2. O livro

O livro *Brasil, um país do futuro* é composto por 16 capítulos, que narram sobre colonialismo, escravidão, economia e cultura, cultivos de cana-de-açúcar, de algodão, de tabaco e de café, extração de borracha, de diamantes e febre do ouro, e sobre as cidades e aspectos culturais e religiosos. Alguns capítulos são intitulados com os nomes dos estados que Zweig visitou: Rio de Janeiro, quando fala sobre o verão, os morros, as ilhas, e ainda “algumas coisas que amanhã já poderão ter desaparecido”, como, por exemplo, as favelas e as ruas de prostituição (ZWEIG, 2013, p. 181); seguem ainda São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Recife, Pará e Amazonas. Zweig escreveu um capítulo específico para cada ciclo econômico brasileiro, sua história e civilização. Em cada capítulo aborda temas característicos do local visitado, sempre com olhar de aprovação. Oferece-nos ainda uma tabela cronológica, no final do livro, cobrindo a história do Brasil de 1497, quando da partida da primeira expedição portuguesa para às Índias e chegando ao ano 1930, à posse de Getúlio Vargas na presidência. Com esta estrutura deixa claro que seu livro foi escrito para o leitor estrangeiro.

Em *Brasil, um país do futuro* Stefan Zweig descreve em tons muito positivos e, por vezes emotivos, um país aparentemente livre dos preconceitos raciais, um eldorado da miscigenação e da tolerância entre as raças, um berço para o futuro do mundo e um exemplo para outras nações. Embora o livro, de certa forma, tenha sido financiado pela hospitalidade do governo, que algumas vezes cobriu despesas de estadia e viagens (PRATER, 1981, p. 155 apud KESTLER, 2005, p. 129) não se pode afirmar que se trata de uma obra encomendada por Vargas para fazer uma propaganda positiva do Brasil para o exterior. Neste sentido, em conformidade com Herbertz, quando da primeira viagem de Stefan Zweig ao Brasil, no ano de 1936, ele produziu o ensaio “Pequena viagem ao Brasil”, que teria sido escrito em 9 partes; a primeira tem por título “O Brasil: primeiro um curso de repetição para o europeu”, um texto informativo para europeus que conhecem pouco o Brasil; a última parte é uma mensagem de despedida do autor, e as outras constituem-se de observações sobre os lugares que

visitou; este ensaio foi ampliado e deu origem ao livro *Brasil, um país do futuro*. Ainda de acordo com Herbertz, em 1937 Zweig entra em contato com Abraão Koogan, falando sobre sua intenção de ampliar o ensaio para ser publicado em forma de livro. Assim, tanto Herbertz quanto Prater, o autor que Herbertz usa como fonte, afirmam que *Brasil, um país do futuro* foi uma obra planejada com antecedência, e que não teria surgido como uma retribuição pelo visto de permanência concedido pelo governo Vargas, como suspeitado e sustentado por alguns críticos, jornalistas, publicistas e intelectuais da época como, por exemplo, Alberto Dines (HERBERTZ, 2001, p. 48), o cineasta Silvio Back em seu documentário *Stefan Zweig: Morte em Cena* e Jeffrey Lesser. Izabela Kestler retoma o discurso de Jeffrey Lesser para dizer que Stefan Zweig teria sido obrigado a escrever o livro pra obter o visto (Kestler, 2003, p. 204).

É preciso notar aqui que o Brasil, comandado por Getúlio Vargas, deixou de lado a neutralidade e entrou na guerra em fevereiro do ano de 1942, ou seja, um ano após a publicação da primeira edição da tradução do livro aqui estudado. Este fato contribui para a suspeita que paira sobre o livro e seu autor, pois o Brasil se uniu aos países que lutavam contra os alemães¹⁸. Era interessante para o governo da época fazer boa figura junto ao cenário mundial, principalmente a despeito das políticas praticadas contra imigrantes.

Nesse período, o governo Vargas colocou em prática um programa de nacionalização e pressionou todos os imigrantes a se abrigarem, obrigando as escolas dos imigrantes e associações culturais a usarem a língua portuguesa, proibindo o uso de língua estrangeira em público, fechando clubes e jornais estrangeiros.

Neste contexto, sobre nacionalização e a presença de estrangeiros não desejáveis, ou julgados não assimiláveis, no país, seria pertinente considerar o que

¹⁸ No contexto da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha fazia parte do grupo de países conhecido como Países do Eixo, considerados estimuladores do conflito era composto pela Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini e o Japão do Imperador Hirohito. Contra os Países do Eixo, se reuniram os Aliados: primeiramente, os Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética, juntando-se a eles, mais tarde, a China, a França e a Polônia, além de outros 40 países, entre eles, o Brasil.

Edward Said (2003) afirma sobre o tema. Para ele, o nacionalismo tem uma associação essencial com o exílio, o nacionalismo sendo uma declaração de pertencimento, “a um lugar, um povo, uma herança cultural” (p. 49). O nacionalismo afirma uma pátria que foi criada por uma comunidade de língua, de cultura e de costumes e que assim sendo, ao se afirmar, repele o exílio e luta para evitar seus estragos (2003, p. 49). Said considera que a interação entre nacionalismo e exílio segue a dialética hegeliana do senhor e do escravo: interagindo como opostos que informam e constituem um ao outro, como dois lados que formam uma moeda. Deste modo, o nacionalismo não se firmaria com tanta veemência sem o exílio e os “perigos” percebidos ou imaginados pelos nacionalistas, pois “em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação” (2003, p. 49). Exatamente o que o Brasil vivencia nesse momento. Ainda seguindo a lógica hegeliana, Said afirma que os nacionalismos dizem respeito a grupos e que o exílio, ao contrário, “é a privação sentida por não se estar com os outros na habitação comunal” (2003, p. 50). “O exílio [...] é fundamentalmente um estado de ser descontínuo” e os exilados, uma vez separados de sua origem e de seu passado sentem, segundo Said, uma “necessidade urgente de reconstruir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou um povo restaurado” (2003, p. 50). Exatamente o mesmo desejo que acometeu Stefan Zweig. Parece-nos que foi uma conjunção de condições e desejos, a elaboração do luto para superar suas perdas, e por isso, construir um país tão grandioso como o fez em seu livro, na tentativa de substituir um objeto de amor, e simultaneamente, reconstruir sua vida, ajudando a construir um país que fosse digno do amor de todos, não apenas dele. Desse modo, os exilados contribuem para o fortalecimento do nacionalismo e para a diferenciação deles e dos outros, no caso, os brasileiros. Com sua escrita e influência, mesmo numa situação de separação e perda, os exilados ajudam a construir a identidade do país, por mais contraditório que isso possa parecer.

Quaisquer que tenham sido os motivos que levaram Stefan Zweig a escrever o livro, o que nos interessa aqui é analisar as imagens criadas pelo

narrador a partir de seu olhar positivo e idealizado, criado por meio de imagens literárias e pelo uso de figuras de linguagem. Segundo Octavio Paz (1982, p. 119), a imagem na literatura é capaz de apresentar “muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou concilia sem suprimi-los”. E, de fato, é o que se pode encontrar no livro de Stefan Zweig, pois as imagens criadas adquirem um tom condescendente e extremamente otimista, gerando uma ilusão de quase perfeição absoluta. Um exemplo disso é quando o autor apresenta, numa mesma situação, o negro pobre e maltrapilho ao lado do europeu branco rico, vestido com terno bem cortado, em um cenário aparentemente paradisíaco, e tenta projetar uma imagem de harmonia e contentamento.

O livro nos parece um projeto de utopia, talvez mais uma ideia ou um desejo, de Stefan Zweig, de convivência pacífica entre as raças e está intimamente ligado a sua visão pacifista, à sua desesperança quanto ao futuro da Europa e a sua perda pessoal. O narrador imprime em suas páginas um otimismo exuberante e exacerbado sobre o Brasil, o que resulta em uma bem formulada descrição literária sobre o País. Stefan Zweig narra, em uma personificação com leve toque erótico, como se apaixonou pelo Rio:

O Rio de Janeiro não se empertiga, abre seus braços macios, femininos, recebe o recém-chegado com um abraço carinhoso e aconchegante, atrai, abandona-se com certa volúpia aos olhares (ZWEIG, 2013, p. 158)¹⁹.

Este é o estilo que permeia todo o livro. Ele usa metáfora, personificação, por vezes usa situações que parecem não se conciliar, para criar um efeito de sentido como uma antítese, além da repetição e dos contrastes na narrativa. Stefan Zweig descreve as paisagens cariocas com um olhar apaixonado por um novo mundo, por uma cidade que aguarda o visitante, como uma bela mulher. Vale lembrar que o Rio de Janeiro tem o gênero masculino na língua portuguesa; no

¹⁹ Rio de Janeiro aber bäumt sich einem nicht entgegen - es breitet sich auf mit weichen, weiblichen Armen, es empfängt in einer weit ausgespannten zärtlichen Umarmung, es zieht an sich heran, es gibt sich mit einer gewissen Wollust dem Blicke hin (ZWEIG, 1989, p. 179).

alemão, o autor emprega o gênero neutro *es* e migra para o feminino ao conferir características femininas ao modo como a cidade recebe o visitante. Outra observação relevante, é que o autor não usa o termo “recém-chegado” no original, mas ele aparece na tradução. No texto em alemão, Zweig usa o termo *es empfängt* que quer dizer “recebe”, deixando a ideia da recepção ainda mais aberta a qualquer um que chegue ou retorne à cidade.

Além disso, destaca-se, em seu livro, sua identificação com a imagem idealizada que ele próprio criou do brasileiro, pois Stefan Zweig o considera “de compleição mais delicada do que o europeu”; também para ele “falta à alma brasileira qualquer traço de brutalidade, violência [...] tudo que é grosseiro, presunçoso e arrogante” e completa afirmando que “o brasileiro é um tipo, quieto, sonhador e sentimental” (ZWEIG, 2013, p. 129). Parece que o autor atribui aos brasileiros de seu livro características que reconhece em si próprio. Talvez isso faça de *Brasil, um país do futuro* uma leitura ainda mais interessante; talvez possamos considerá-lo como uma segunda autobiografia, onde ele deixa de lado os fatos históricos e fatores externos e consegue se mostrar, sem medo de ser reconhecido, em contraposição à autobiografia propriamente dita, onde o autor se concentra em narrar os fatos históricos que circundam sua vida e pouco fala de si.

Nesse contexto, no que tange à personalidade dos brasileiros e ao modo como isso era percebido por Stefan Zweig, vale citar Sérgio Buarque de Holanda, em seu texto “O Homem Cordial”, onde afirma que:

[...] a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam representam, com efeito, um traço definido do caráter do brasileiro [...] (2012, p. 52).

“O Homem Cordial” é um capítulo do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936; *Brasil, um país do futuro* é de 1941. Livros quase contemporâneos, mas de autores de posturas díspares, cada um com uma percepção peculiar sobre o homem brasileiro e o modo como lida com as

situações cotidianas. Para Stefan Zweig, na posição de estrangeiro, o brasileiro é o melhor modelo de humanidade e convivência entre as raças e classes sociais em um país. Holanda, no entanto, desnuda e expõe de outro modo o caráter e modos do brasileiro, numa crítica nada apaixonada ou positiva, além de discorrer sobre a forma como os estrangeiros veem o Brasil, visão que corrobora a que Stefan Zweig imprime em seu livro.

Em nota explicativa ao termo “cordial”, Holanda esclarece que “a inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (2012, p. 102). Deste modo, podemos presumir que supervalorizamos nossa suposta cordialidade para o bem e a boa convivência quando, na verdade, a usamos para nosso próprio benefício, lançando mão do famigerado “jeitinho brasileiro”, misturando as esferas pública e privada, numa eterna relação de apadrinhamento e favorecimento.

De certa forma, pode-se dizer que *Brasil, um país do futuro* parece um conto de fadas, que evoca um paraíso existente apenas na imaginação do autor, pois, para Stefan Zweig, a experiência aqui provavelmente foi melhor do que aquela vivenciada em seu país nos tempos do nazismo. Ele se livrou de fome, sofrimento, ameaças e perseguição e foi recebido num lugar onde abunda alimento, beleza e aconchego. O paraíso existiu para ele.

Neste caso específico, não convém separar autor e obra, uma vez que esta foi diretamente influenciada pela experiência pessoal do autor. No entanto, sabemos que “a obra de ficção não pode ser de maneira alguma confundida com a realidade do autor” (HERBERTZ, 2002, p. 9); entretanto, não devemos desconsiderar que um escritor precisa alimentar sua imaginação para criar e, no caso de Zweig, de que lugar melhor ele tiraria inspiração que de sua vida? A experiência de exílio com seus conflitos, dificuldades, restrições e carências marcaram as obras que Stefan Zweig escreveu aqui, assim como marcaram as de outros autores. Kestler (2005, p. 120, 121), afirma que com o passar dos anos de exílio, as condições de vida dos escritores e intelectuais se deterioraram

paulatinamente, sobretudo a partir do ano 1937, provocando uma queda na produção literária e artística. A autora menciona sucintamente os suicídios de escritores como Ernst Toller²⁰, Walter Hasenclever²¹, Walter Benjamin²² e Ernst Weiss²³ como exemplos do desespero que tomou conta dos artistas exilados. De modo geral, afirma Kestler, o exílio significou para todos os autores uma ruptura profunda em suas vidas. Uma perda levando a outra. Com a perda do público leitor, vieram as perdas econômicas e a perda do vínculo com as editoras, que agravou a primeira, seguida da perda do contato cotidiano com a língua materna, o isolamento e a aculturação.

1.3. O contexto histórico austríaco

Nesta seção vamos discorrer sobre a situação social e política da Áustria que o autor teve de deixar, assim como sobre os fatores que o expulsaram de seu país.

Cabe, para entendermos a situação do país na época em que Stefan Zweig partiu, uma breve volta ao passado, não tão distante assim. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a derrota das potências centrais no outono de 1918, desmoronou também a ordem europeia até aí existente.

O Império Austro-Húngaro foi dissolvido em 1918. A dissolução foi um processo que ocorreu após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial e o fez desaparecer como Estado no fim de 1918. As tensões existentes desde o século XIX foram agravadas pela guerra e a morte do Imperador Francisco José I, em novembro de 1916, apenas acelerou a crise. As diferentes nacionalidades que compunham o estado intensificaram seus esforços para conseguir a

²⁰ Ernst Toller foi poeta, dramaturgo, político e revolucionário alemão de origem judaica que escreveu várias obras expressionistas.

²¹ Walter Hasenclever foi dramaturgo e poeta alemão, considerado um dos principais dramaturgos expressionistas.

²² Walter Benjamin foi ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem.

²³ Ernst Weiss foi médico e escritor judeu do Império Austríaco.

independência, contribuindo para sua desestruturação. Em 1919, dissolvia-se oficialmente a Monarquia Austro-Húngara e proclamava-se a Primeira República Austríaca, que deixa de existir em 1938, com a anexação da Áustria pela Alemanha, assunto que abordaremos adiante. A proclamação da Primeira República da Áustria veio facilitar a denominação dos emigrantes aqui no Brasil, principalmente no caso dos austríacos, pois juntamente com ela, foi criada a Primeira República da Checoslováquia, a República Democrática da Hungria, o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos e a Segunda República da Polônia. Assim, a partir de 1918 e com a definição dos territórios, seus cidadãos eram austríacos ou checos, poloneses e etc isto é, já pertenciam a uma nacionalidade, com as fronteiras territoriais dos países definidas e a Áustria deixando de ser um país multiétnico e cultural, como o fora durante o período imperial.

De acordo com Elmer & Wahnout (2005, p. 25), o ano de 1933 marca o fim provisório da democracia austríaca. Em março de 1938, as tropas de Hitler ocupam o território austríaco. A essa ocupação histórico-militar chamamos de *Anschluss*, que no idioma alemão significa anexação. Em 1939 a Áustria é oficialmente incorporada ao *Reich* alemão e não volta a ser soberana antes do final da Segunda Guerra Mundial. Os grupos de resistência mais ativos, no final da guerra, entraram em contato com as tropas aliadas a fim de acelerar sua libertação. Antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em abril de 1945, o governo provisório, chefiado por Karl Renner²⁴, proclamou a independência e a autonomia da Áustria (Segunda República) e reintroduziu a Constituição do ano de 1920, na sua versão revista de 1929, uma revisão importante, que reforçou os poderes do presidente da República Federal ao instaurar o voto popular direto, o que tornou o país novamente democrático e livre. Ainda usando a brochura como referência (2005, p. 24), os judeus que viviam na Áustria nesse período foram expostos a anos de terror sem exemplo na História, sofrendo humilhações psíquicas, torturas físicas e sendo despojados de seus bens.

²⁴ Karl Renner foi político e jurista austríaco e presidente da Áustria de 1945 a 1950.

De acordo com informações contidas no site do *United States Holocaust Memorial Museum*²⁵, o antissemitismo existe no mundo desde muito tempo. Especialistas e historiadores remontam o preconceito, por vezes baseado em raça e/ou religião, aos tempos bíblicos. Na Idade Média, com a Igreja condenando a usura e os judeus assumindo os papéis de cobradores de impostos e emprestadores de dinheiro para a maioria cristã, a situação piorou para esse grupo. No século XIX, novas formas de antissemitismo surgiram, apesar do florescimento da ideia de liberdade e igualdade política. Líderes europeus, que desejavam estabelecer colônias na África e a Ásia, criaram o argumento de que a raça branca era superior às outras, e portanto, “os brancos tinham o direito e o dever de estabelecer colônias no mundo e dominar as raças mais fracas e menos civilizadas”. Este mesmo argumento foi aplicado aos judeus como sendo um grupo homogêneo, definindo-os como de raça semita, por compartilharem, entre si e como grupo, o mesmo sangue e características, desconsiderando o fato de existirem judeus brancos, negros e asiáticos. Isso significava que, mesmo se os judeus se convertessem ao cristianismo, eles não poderiam mudar sua raça. Partindo disso, alguns políticos mal-intencionados passaram a usar a ideia de superioridade racial branca em suas campanhas para angariar votos em tempo de dificuldades.

Um desses políticos foi Karl Lueger²⁶, eleito prefeito de Viena no final do século XIX a partir de uma plataforma antissemita. Ele atraiu eleitores ao culpar os judeus pelo fraco desempenho econômico daquela época. Karl Lueger era considerado um herói por Adolf Hitler, que desenvolveu suas ideias sobre antissemitismo no período em que viveu em Viena. Hitler aprendeu as táticas de Lueger e leu panfletos e jornais antissemitas que se multiplicaram no período em que este foi prefeito.

²⁵ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Holocausto: um local de aprendizado para estudantes. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?moduleid=10007691>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

²⁶ Karl Lueger foi político austríaco e prefeito de Viena nos anos de 1897 a 1910. Foi co-fundador do Partido Socialista Cristão, em alemão *Christlichsoziale Partei* (CS).

A história do antissemitismo, como já afirmado aqui, é longa e passa por vários momentos marcantes. Esta corrente de pensamento já se evidencia no século XIX, com o livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, que constituíam atas das assembleias de líderes judaicos cujo objetivo seria uma conspiração para dominar o mundo. Os Protocolos foram publicados em diversos países, inclusive no Brasil, e são usados, ainda em nossos dias, por antissemitas, para reforçar seus argumentos contra os judeus. No Brasil, a obra traduzida por Gustavo Barroso²⁷ foi amplamente usada pelos integralistas²⁸, que nunca contestaram sua autenticidade e integrava a biblioteca de muitos intelectuais (CARNEIRO, 1988, p. 60).

Ainda no século XIX, o caso Dreyfus dividiu a opinião pública na França e expôs um antissemitismo latente. Albert Dreyfus, capitão judeu do exército francês, foi preso e acusado de entregar documentos que envolviam a segurança nacional da França à Alemanha. O caso se desdobrou em acusação e condenação e depois de muito empenho de intelectuais franceses, Dreyfus acabou finalmente absolvido.

Lueger foi prefeito de Viena por 13 anos com suas ideias relativas ao antissemitismo econômico, conseguiu o apoio de pequenos empresários e artesãos que enfrentavam dificuldades desde o início do capitalismo gerado pela revolução industrial na Áustria. Estes acreditavam que os judeus detinham o monopólio do capitalismo e por isso competiam de forma desleal no mercado econômico. Esta forma de antissemitismo também foi usada por outros partidos de direita, tanto na Áustria, quanto na Alemanha no início do século XX, como forma de aumentar seu apelo popular. Adolf Hitler é extremamente influenciado pelo antissemitismo de Lueger e por sua habilidade na conquista do apoio popular. As ideias de Lueger são aproveitadas na plataforma do Partido Nazista alemão na década de

²⁷ Gustavo Barroso foi advogado, professor, político, cronista e ensaísta brasileiro e um dos mais destacados e ideólogos líderes nacionais da Ação Integralista Brasileira.

²⁸ A Ação Integralista Brasileira foi grupo criado em 1932 por Plínio Salgado, jornalista e político brasileiro, com o objetivo de discutir os problemas gerais da nação. Os integralistas ficaram conhecidos como os camisas-verdes, por causa da cor dos uniformes que usavam. A AIB foi extinta após a instauração do Estado Novo.

1920, dando início aos anos de terror e perseguição a que os judeus foram submetidos no século XX e causando uma fuga em massa dos judeus que puderam deixar seus países, além da expulsão de intelectuais que se exilaram nos países da América Latina, entre eles Stefan Zweig.

Adolf Hitler usou o antissemitismo como instrumento de poder. O objetivo imediato foi forçar os judeus a emigrarem. Eles foram excluídos das profissões liberais, escolas, universidades e da vida pública e cultural. Com isso, médicos, juristas, jornalistas e outros profissionais perderam a autorização para exercer suas profissões pelo simples fato de serem judeus, e tiveram reduzidos, com isso, seus ganhos e condições de subsistência (CARNEIRO, 1988, p. 69). Pressionados, até então, pela precária condição de vida, muitos judeus se viram forçados a emigrar e procurar exílio em outros países, incluindo o Brasil, que, a partir de 1934, adotou o sistema de cotas que dificultava a entrada desse grupo no país (CARNEIRO, 1988, p. 70). Com as emigrações, o antissemitismo transbordou para além das fronteiras do *Reich* de Hitler e foi fortificado pelo “mito do judeu internacional”. Daí em diante, a situação só recrudesceu. Os judeus foram excluídos da cidadania alemã e foram isolados do resto da sociedade, sendo proibidos de prestar serviços domésticos aos arianos e até mesmo de manter qualquer contato com eles. Essas exclusões eram justificadas em base puramente biológica (CARNEIRO, 1988, p. 70).

1.4. O contexto histórico brasileiro

No ano de 1917, havia surgido a questão do movimento operário brasileiro que se fortaleceu em pouco tempo; neste ano, 70 mil trabalhadores pararam para exigir melhores condições de trabalho e aumento salarial. A greve durou apenas uma semana, mas foi severamente reprimida pelo governo. Uma das justificativas oficiais foi a de que os trabalhadores eram comandados por lideranças estrangeiras que iludiam os brasileiros. Em decorrência disso foi aprovada no Congresso, em 1921, a Lei de Expulsão de Estrangeiros, que permitia a deportação daqueles

envolvidos com o anarquismo. Este fato dificultou sobremaneira a vida dos estrangeiros no Brasil.

No Brasil, o período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo teve início em novembro de 1937, com um golpe liderado pelo próprio presidente Getúlio Vargas, e perdurou até o ano de 1945. Os tempos eram de agitações intensas no Brasil e na Áustria.

O Estado Novo promovia grandes manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas. Os apelos patrióticos na imprensa e nos livros didáticos eram incentivados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda.

Foi iniciada uma campanha de nacionalização para integrar os imigrantes e sua cultura à realidade nacional, diminuindo sua influência e buscando sua integração à população brasileira. Apesar do antissemitismo praticado pelo governo, o Brasil abrigou inúmeros judeus perseguidos durante o regime nazifascista europeu. Fez isso à margem da política oficial praticada pelo governo, que flertava com princípios fascistas, como já foi mencionado anteriormente.

Em relação aos imigrantes, as leis praticadas na Era Vargas eram mais rigorosas do que as da Primeira República, pois não permitiam manutenção de núcleos coloniais homogêneos (BUENO, 2008, p. 4). A era Vargas era mais autoritária e controladora da presença de imigrantes no país, e não apenas controlava, mas também direcionava as correntes imigratórias, assim como os tipos desejados, escolhendo aqueles que mais facilmente se tornariam brasileiros. A legislação da Primeira República estava apenas preocupada com a questão econômica, com a presença do imigrante como substituto para a mão de obra escrava no trabalho com a agricultura e com a ocupação do território. O governo Vargas, pressionado pela elite da época, preocupava-se com as questões culturais e linguísticas que se relacionavam ao tema da nacionalidade, pois os imigrantes, por meio de sua interação com os brasileiros, com casamentos e negócios, contribuíam para a formação da nacionalidade brasileira. A ideia era não permitir a formação de núcleos extremamente homogêneos que preservassem a tradição, religião, seus costumes e idioma (BUENO, 2008, p. 4).

Para Vargas era impossível a manutenção dos traços estrangeiros e estranhos nos núcleos coloniais, pois isso provocaria uma deturpação no caráter nacional do Brasil. Isto é, uma deturpação do objeto de valor a ser construído. Além disso, o Estado que os acolhera deveria ser soberano em relação a eles. Não era o país que deveria aceitar elementos e valores estrangeiros em seu próprio solo, mas sim os imigrantes é que deveriam aceitar e acatar os valores brasileiros (BUENO, 2008, p. 5). As novas leis em relação aos imigrantes eram intolerantes e preconceituosas e buscavam eliminar todo e qualquer traço diferente do esperado, para facilitar a formação da brasilidade. Por isso, asiáticos e negros não eram aceitos como imigrantes, tendo barrada sua entrada no país.

As dificuldades dos imigrantes no Brasil em relação à vida em comunidade e trabalho sempre existiram. Antes de Vargas instalar um regime de exceção, que se configura por suspensão temporária de certas garantias constitucionais marcadas pela necessidade de defesa da ordem pública, o governo decretou a obrigação de residência em localidade determinada, a busca e apreensão em domicílio, a suspensão da liberdade de reunião e associação e a censura de correspondência, imprensa e telecomunicações.

Depois disso, a Lei dos Dois Terços conservava dois terços, em cada categoria, das vagas existentes nas empresas brasileiras e restringia a aquisição de concessões. No entanto, estrangeiros casados com brasileiros e estabelecidos por mais de dez anos no Brasil eram, nesses casos, tratados como brasileiros (PRUTSCH, 1996, p. 166).

A campanha de nacionalização visava a miscigenação de todos os elementos considerados “alienígenas”, categoria esta que incluía tanto os imigrantes quanto seus descendentes, classificados como não assimilados e portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade, em nome da unidade nacional. Esta campanha foi concebida como guerra para erradicar ideias alienígenas, com o objetivo de impor o espírito nacional aos que formavam quistos étnicos tolerados pelo liberalismo da República Velha, também conhecida como Primeira República (1889 a 1930) (SEYFERTH, 1997, p. 95).

Segundo Seyferth, o Exército desempenhou papel importante na concepção e efetivação da prática da campanha, partindo do pressuposto de que os núcleos de colonização estrangeira constituíam quistos no corpo da nação. Na visão militar, esses quistos eram considerados uma anomalia e só podiam ser eliminados através da ação cívica de todos os patriotas que pretendiam viver num Brasil uno, independente e forte. A presença de grupos étnicos formados no curso do processo imigratório, concentrados de forma expressiva nos estados mais ao sul do país, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, suscitou diversas manifestações de xenofobia no âmbito dos discursos nacionalistas mais radicais. Essa posição nacionalista unívoca, assumida no contexto histórico do Estado Novo, não fazia concessões ao pluralismo étnico. Fatores que contribuíram para o recrudescimento dessas ações foram as denúncias sobre a atuação nazista dos imigrantes alemães no Brasil, que ajudaram também a construir uma imagem negativa dessa população composta por imigrantes e seus descendentes. Seyferth relata ainda que o exército preparava uma intervenção direta nas instituições e na vida cotidiana em uma região marcada pela presença preponderante de descendentes de imigrantes alemães ciosos da sua identidade teuto-brasileira, agravada pelas denúncias sobre atuação nazista naquelas colônias, como já mencionado acima. Ainda citando Seyferth, no entanto, os indícios de maior resistência ao “abrasileiramento” foram encontrados naquelas regiões consideradas “redutos do germanismo”, constituindo uma situação de risco para a integridade cultural, racial e territorial da nação (SEYFERTH, 1997, p. 96).

Essa ideologia não atingiu apenas os descendentes de alemães. Quase todos os descendentes de imigrantes, em algum grau, estavam desnacionalizados. As resistências ao processo de nacionalização constituíam situação de risco para a integridade cultural, racial, e territorial da nação, pois para os alemães, tanto na Europa, quanto fora dela, é possível pertencer à comunidade alemã e, simultaneamente pertencer a outro Estado. A nacionalidade alemã é determinada pelo *jus sanguinis*, que se contrapõe ao *jus solis* brasileiro. Os teuto-brasileiros, por exemplo, continuariam a ser alemães ao mesmo tempo em que eram brasileiros. *Jus sanguinis* e *jus solis* são expressões em latim para “direito de

sangue” e “direito de solo” no que diz respeito à nacionalidade de uma pessoa. Em relação ao tema cidadania tratado acima, Kestler afirma que “o Brasil é historicamente um país de imigração, o que pode ser comprovado tanto pela estrutura populacional, quanto pela lei de cidadania, cujo fundamento é o *jus solis*” (2003, p. 45).

A campanha de nacionalização foi praticada durante o Estado Novo (1937-1945), atingindo os imigrantes tanto nas áreas coloniais, consideradas as mais enquistadas e mais afastadas da sociedade brasileira, como nas cidades, onde as organizações étnicas estavam mais visíveis.

O primeiro ato de nacionalização atingiu o sistema de ensino em língua estrangeira. A nova legislação obrigou as chamadas “escolas estrangeiras” a modificar seus currículos, a dispensar os professores não-brasileiros e a adotar material didático nacional, assim como disciplinas e professores brasileiros. Desta forma, cria-se a figura da professora de língua portuguesa, que ao entrar nas escolas estrangeiras, provoca um enfrentamento cultural até então desconhecido no dia a dia. Geralmente essa professora não sabia a língua estrangeira da comunidade, seus alunos só sabiam a língua estrangeira da comunidade, criando sérios problemas de comunicação.

Prisões arbitrárias, policiamento ostensivo, humilhações públicas como castigo pelo uso de língua estrangeira e cerceamento de atividades produtivas marcaram o cotidiano tenso de algumas regiões onde a maioria da população se enquadrava na categoria dos alienígenas. Prevaleceu nesse período uma concepção de Estado-Nação²⁹ que negava legitimidade às etnicidades, que

²⁹ O conceito de Estado-Nação diz respeito à forma de organização dos governos dos Estados Modernos e às organizações sociais que se estabeleceram em torno deles. Um Estado-Nação é constituído por uma massa de cidadãos que se considera parte de uma mesma nação. Sob essa perspectiva, podemos afirmar que todas as sociedades modernas são *Estados-Nações*, isto é, todas as sociedades modernas estão organizadas sob o comando de um governo instituído que controla e impõe suas políticas. Nos Estados-Nações modernos, a maior parte das pessoas que vive sob a jurisdição de um sistema político é cidadã, partilhando de direitos e deveres assegurados por seu governo, tendo ainda o poder de interferência e influência nas decisões políticas de seu interesse. (MUNDO EDUCAÇÃO. Sociologia - conceito de estado-nação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-estado-nacao.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2016).

privilegiava a assimilação e o caldeamento racial como base da formação nacional.

Em 1930 foi promulgada a primeira lei de restrição à imigração. Essa lei, de número 19.482 de 12 de dezembro de 1930, limitava o número de imigrantes que podiam entrar no país para manter baixo o nível de desempregados, diminuir o acirramento da luta de classes pela entrada de imigrantes doutrinados (KESTLER, 2003, p. 45).

Em conformidade com a lei de imigração, de 1934 a 1938, a entrada de imigrantes em território nacional era condicionada por restrições vistas como necessárias para assegurar a unidade étnica, a capacidade física e cívica. Portanto, o fluxo de migrantes de cada país, e por ano, não ultrapassava o limite de 2% do número total dos estrangeiros pertencentes a uma determinada etnia que nos últimos 50 anos tinham vindo para o país.

O decreto nº. 24.258, do dia 16 de maio de 1934, foi a expressão da política de assimilação dos anos 30, que pretendia realizar uma unidade linguística e cultural. O decreto declarava quem o estado entendia como imigrante e especificava em que condições estrangeiros podiam entrar e permanecer no país. Para o governo, os imigrantes se dividiam em duas categorias: agricultores e não agricultores, deixando clara a preferência por braços para a lavoura e por gente que não tinha interesse em ficar nas cidades. O decreto, inspirado na legislação norte americana, determinava a migração concentrada para os agricultores e técnicos agrícolas, com uma duração de, no mínimo, três anos. Havia a necessidade de uma carta de chamada. O Brasil diferia dos outros estados latino-americanos pelo repentino rigor no controle de entrada de estrangeiros.

A partir de 1937, o país tentou, quando do aumento do antissemitismo, conter a imigração judaica. Fez isso por meio de suas circulares secretas. Carneiro (1988, p. 168) nos informa que era recusado visto a todo requerente que se sabia de origem semítica. Em caso de suspeita, a ordem era para “retardar a concessão do visto” até a comprovação ou não da origem semita do requerente. As circulares

eram secretas para evitar a suspeita de colaboração do governo Vargas com o Terceiro *Reich*.

Com o *Anschluss* (anexação) os pedidos de imigração aumentaram e, com eles, as restrições para os imigrantes de origem semita.

O Decreto 406, de maio de 1938 substituiu o termo "imigrante", por “estrangeiro temporário ou permanente”. Enquanto o primeiro grupo tinha permissão para permanecer apenas seis meses no país, o segundo seguiria a já mencionada quota dos 2%, sendo que 80% desses 2% deveriam ser compostos por agricultores e técnicos agrícolas. O Departamento Nacional de Imigração assumiu o controle da imigração dirigida.

Os decretos visavam uma forma mista de colonização, de modo a evitar a formação de grupos homogêneos. A partir de 1938, 30% dos habitantes de uma colônia deveriam ser brasileiros, enquanto não era permitida uma concentração maior que 25% de estrangeiros da mesma nacionalidade, pois algumas nações foram classificadas como física e mentalmente inassimiláveis (PRUTSCH, 1996, p. 168 - 170). As nações eram classificadas pela competência física, psíquica e grau de assimilação. Os critérios eram principalmente branquidão, docilidade, aceitar trabalhar na agricultura, ter traços caucasianos, o que impedia a entrada de asiáticos e negros. Um bom exemplo eram as restrições e as tentativas de impedir a entrada de chineses, considerados não apenas inassimiláveis, mas também um perigo. Os negros sofriam o mesmo boicote. Lesser (2015, p. 41) nos informa que o branqueamento transformaria fisicamente a população, passando de não branca a branca com a mistura do sangue branco e forte ao sangue não branco e fraco. Em adição a isso, a lei impediria a entrada de raças fracas. Lesser (2015, p. 51) acrescenta que havia profundas divergências que se embutiam na discussão sobre a mão de obra chinesa e a relação entre imigração e identidade nacional. O grupo favorável insistia no aumento da produção econômica, e o contrário insistia em que os chineses eram biologicamente degenerados. Dentro desse grupo havia quem defendesse a ideia de que apenas “os africanos eram biologicamente adequados ao trabalho estafante da grande lavoura”.

A partir de 1939 a intervenção direta recrudescceu e a exigência de abasileiramento tornou-se assertiva, criando entraves para toda a organização comunitária étnica de diversos grupos emigrados. Assim desapareceram, progressivamente, as publicações em língua estrangeira, assim como a imprensa e algumas sociedades recreativas, esportivas e culturais que não aceitaram a mudança (SEYFERTH, 1997, p. 97).

Kestler (2003) faz um panorama sobre essas leis, decretos-lei e circulares que dificultavam ou proibiam a entrada de imigrantes judeus no Brasil entre os anos 1930 e 1945. Segundo a autora, cerca de 58 mil judeus entraram no Brasil; esta informação provém do Ministério das Relações Exteriores citado por ela, e a autora aponta ainda cerca de 8 circulares, leis e decretos-lei emitidos para impedir a entrada desses imigrantes indesejados, cujo número era, sem dúvida, maior. Kestler pontua ainda que dos cerca de 86 mil refugiados de fala alemã vindos para a América Latina, 16 mil vieram para o Brasil. Um número relativamente pequeno, quando consideramos a extensão territorial do país. Kestler também nos informa que cerca de 20% desses imigrantes eram de ascendência judaica. Referindo-se a eles, autora usa ora a palavra refugiados, ora a palavra imigrantes, esta última, porém, entre aspas. Pelo fato de o Brasil não ter elaborado uma política de asilo, os fugitivos europeus que vieram para cá a partir de 1933 eram considerados imigrantes (p. 44).

Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi intensificada a repressão com restrições às liberdades individuais. Havia, então, a necessidade de autorização para viajar dentro do país; apreensão de livros, revistas, jornais e documentos, com destruição de parte da memória histórica da imigração, e eventual prisão daqueles que não falassem português (SEYFERTH, 1999, p. 345).

A partir do envolvimento do Brasil com a guerra estava consolidado o processo de nacionalização da Era Vargas. Para os estrangeiros isto significava a reorganização de valores, a construção de uma nova identidade e até mesmo o emprego da língua portuguesa. O contexto da época era favorável à reflexão mais

aprofundada sobre a constituição da sociedade brasileira, especialmente sobre o papel do proletariado, do negro, do estrangeiro, do sertanejo e de todos os outros elementos que integravam a população.

Vale ressaltar que o processo imigratório já havia trazido diferentes nacionalidades ao Brasil e entre esses imigrantes encontravam-se, não raro, intelectuais que dariam grande contribuição à formação do pensamento brasileiro.

CAPÍTULO 2: Considerações histórico-antropológicas

Conforme já afirmado, o objetivo principal desta pesquisa é analisar as imagens do Brasil que Stefan Zweig cria em seu livro. Além das imagens, buscaremos também trabalhar um pouco o conceito de cordialidade, mansidão, harmonia e conciliação que ele confere ao brasileiro como inatos, fazendo uma projeção de sua própria personalidade. Para tanto, lançaremos mão de algumas teorias, como a de Paz sobre a imagem, de Bauman sobre identidade e de Holanda, sobre o homem cordial, assim como outras anotações e escritores, quando pertinentes.

2.1 Considerações sobre a Imagem e a figura de linguagem na Literatura

Octávio Paz, em o *Arco e a Lira* (1982), escreve um capítulo, chamado “A Imagem”, onde trata das imagens literárias, explicando o modo como se criam e as leis que as regem, ressaltando que estas não servem para todas as imagens. Para o autor, a imagem está ligada ao material verbal do texto, à elaboração estética, sendo as figuras de linguagem, como a metáfora, a essência do texto literário pois, por meio delas, se criam as imagens.

Para Paz, a imagem é tida como uma construção verbal que possibilita muitos significados, conciliando opostos e criando efeitos de sentidos. Desse modo, tudo o que interpretamos forma imagens, e estas, ao se formarem da disparidade, conciliam realidades opostas. É o que encontramos em algumas passagens no livro aqui estudado.

Paz afirma, ainda, que a palavra imagem possui significações diversas e contrárias; pode ser uma representação ou figura produzida com a imaginação. E explica que se entende por imagem, “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases”, assim como “comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias [...]” (PAZ, 1982, p. 119). No texto de Stefan

Zweig encontramos imagens formadas por metáforas, personificação, jogos de palavras, repetição e também pela constatação de realidades opostas sendo, como diz Paz, cifra da condição humana, um modo de mostrar a realidade sem ter de dizê-la.

Paz afirma que a imagem é capaz de abarcar em si contrários e opostos. Isto se dá, porque ela aceita o que o poeta diz e recria o ser dentro dela. Existe um jogo de redução, onde os dois primeiros elementos dão lugar ao terceiro, sem que se percam suas características originais. É o caso da abstração pedra/pluma/peso. Pedras e plumas continuam sendo o que são: pedras e plumas, com suas características de dureza e leveza; no entanto, depois do confronto, cedem lugar a uma terceira realidade: o peso. Deixam assim, de lado, as características que as distanciam e elevam a característica que as une: o peso. Assim se dá a imagem. Apesar de esse jogo dialético não se aplicar a todas as imagens, é um modo de se reconhecer uma imagem num texto literário ou não. Os três tempos do processo de formação da imagem são: a) a pedra é um momento da realidade, b) a pluma, outro e c) do choque se cria a imagem, a nova realidade, que é o terceiro momento. No processo dialético os dois elementos originais desaparecem em favor de um terceiro elemento ou realidade: no caso das pedras e das plumas é o peso. Uma abstração que os dois elementos originais têm em comum.

Podemos afirmar que o mesmo acontece com algumas construções de Zweig em seu livro aqui estudado. Ele coloca na imagem duas realidades opostas e estas, juntas, dão lugar a uma terceira realidade, que é resultado da imaginação, ou seja, uma imagem.

O poeta não transforma nada, apenas nomeia as coisas. Na poesia, ou em outro texto literário, os elementos da imagem mantêm o seu caráter singular (PAZ, 1982, p. 120). Podemos identificar esse recurso de elaboração discursiva no texto de Zweig. Ao descrever um lugar, uma situação ou algum costume brasileiro, ele o faz poeticamente, com nuances de cores, com figuras de linguagem, com recursos que criam efeitos de sentido, mas não mexe na essência do objeto narrado. A realidade continua ali, intocada; ele apenas nomeia, narra de

um modo fora do usual, e assim, direciona nosso olhar para o belo, o poético, o encantamento. Desse encontro entre a narrativa poética e a realidade mostrada por meio da imagem surge uma imagem de conciliação.

Paz aponta dois momentos da imagem em seu texto. A perspectiva do poema/poeta e a perspectiva da imagem: “O poema não diz o que é e sim o que poderia ser” e “[...] a imagem revela o que é e não o que poderia ser” (PAZ, 1982, p.120, 121). Nesse jogo, o poeta aponta ou cria uma determinada realidade com as palavras, mas a imagem resultante dessa criação traz de volta à superfície a realidade, ou algo próximo a ela. Esses dois excertos são perfeitos para as considerações acerca do negro versus europeu, que estará na análise: Zweig como poeta, tenta dizer o que poderia ser, mas a imagem resultante do que ele escreve mostra o que é: a realidade recriada e exposta pela imagem.

As figuras de linguagem são recursos que tornam mais expressivas as mensagens, escritas ou faladas, e auxiliam a compreender melhor os textos literários. As figuras ajudam a expressar melhor o significado simbólico das palavras e dos textos. Elas constituem um recurso linguístico para expressar experiências comuns de formas diferentes, conferindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso. As figuras revelam muito da sensibilidade de quem as produz, traduzindo particularidades estilísticas do autor. A palavra empregada em sentido figurado, não denotativo, passa a pertencer a outro campo de significação, mais amplo, criativo e abstrato. Algumas figuras mais comumente utilizadas são metáfora, que estabelece uma relação de semelhança entre os termos; metonímia, que é a substituição de uma palavra por outra semelhante; alegoria, uma forma de representação indireta em que se emprega uma pessoa, animal ou objeto como signo de outra coisa; ironia, que é a afirmação contrária daquilo que se pensa; antítese, o uso de palavras de sentidos opostos; e personificação, que é a atribuição de qualidades próprias de seres animados em seres inanimados. Tropo é uma figura de linguagem ou da retórica onde ocorre uma mudança de significado, seja interna, no nível do pensamento, ou externa no nível da palavra.

De acordo com Manuel Frias Martins, autor do verbete Teoria da Literatura do E-Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia, Teoria da Literatura é a argumentação científica ou filosófica da interpretação e da crítica literária, da História da Literatura e do conceito de Literatura no geral, que compreende literariedade, poeticidade e a sua definição enquanto poesia, etc. Martins considera que a Literatura reflete, antes de mais nada, sobre si própria, e que a Teoria da Literatura garante a existência de um espaço de questionamento do fenômeno literário.

2.2. Marilena Chauí e os mitos sobre o Brasil

Marilena Chauí, em seu livro *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária* (2000), faz um apanhado expondo os mitos sobre o Brasil e os brasileiros, que persistem até hoje, entre eles o mito da democracia racial e o da cordialidade inata do brasileiro. Consideramos pertinente o livro de Chauí para esta dissertação, uma vez que ele toca em questões que são caras a Zweig e às quais ele confere um tratamento especial em sua obra.

Stefan Zweig se concentra principalmente nos aspectos positivos que Chauí traz em seu livro. É interessante notar, que os dois autores usam a representação do brasileiro de modos distintos, Zweig a usa como positiva e verdadeira, Chauí, a mostra apenas como representação, que por natureza, não pode ser real:

[...] cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiros, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, [...] (CHAUÍ, 2002, p.7).

No trecho que lemos acima, vimos que a representação do brasileiro sobre si é positiva e persistente. Corrobora a imagem que Zweig cria em seu livro e

também o tom amigável que ele confere a sua narrativa, sempre transformando problemas e crises em combustível para mudanças positivas.

Chauí elenca algumas das crenças cristalizadas que o brasileiro mantém sobre si. Segundo a autora, o “[...] o Brasil: 1) “é um dom de Deus e da Natureza”, ideia que também encontramos na narrativa de Zweig, que louva incansavelmente a farta, exuberante e generosa natureza, capaz de consolar até o mais desfavorecido dos homens; 2) “tem um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor” aqui novamente encontramos concordância entre os textos de Chauí e Zweig; como veremos no próximo capítulo, ele retoma todas essas mesmas características citadas por Chauí; 3) “é um país sem preconceitos (é raro o emprego da expressão mais sofisticada ‘democracia racial’), desconhecendo discriminação de raça e de credo e praticando a mestiçagem como padrão fortificador da raça”. Esse é um dos pontos que mais encantaram Zweig: o fato de negros e brancos, pobres e ricos dividirem o mesmo território sem isso resultar em conflito ou guerra; 4) “é um país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar e, aqui, só não melhora e só não progride quem não trabalha, não havendo, por isso, discriminação de classe e sim repúdio da vagabundagem, que, como se sabe, é a mãe da delinquência e da violência”. Como já foi mencionado, Zweig vê o brasileiro como um tipo manso, dócil, cordial, que nem ao menos serve para cometer algum crime, fala também sobre o trabalho e a facilidade do brasileiro para aprender, sendo preferido das empresas internacionais; 5) “é um ‘país dos contrastes’” regionais destinado, por isso, à pluralidade econômica e cultural”, e contrastes também são abordados por Zweig, sobre a natureza, as cidades entre si, os tipos humanos e os costumes. Essa crença se completa com a suposição de que o que ainda falta ao país é a modernização – isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte [...] (CHAUÍ, 2000, p. 8).

Chauí considera que a força persuasiva dessa representação transparece quando a vemos em ação, isto é, quando se resolve, imaginariamente, uma tensão real e se produz uma contradição que passa despercebida. Assim, por exemplo,

podemos afirmar que os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas simultaneamente, conseguimos declarar que nos orgulhamos de ser brasileiros, porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças. Essa representação permite a uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o *apartheid* social, ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna (CHAUÍ, 2000, p. 8). A mesma imagem e idealização que encontramos reproduzidas no livro de Stefan Zweig.

Chauí (2000) considera ainda que tomamos o mito também no sentido antropológico, que serve como uma solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. E ela o designa mito fundador, pois ele impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo (2000, p. 9).

Esse conceito de fundação que acompanha o mito se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene, quase eterno, que sustenta e dá sentido ao curso temporal (CHAUÍ, 2000, p. 10). A fundação aparece como emanando da sociedade, em nosso caso, da nação, da qual ela emana. É por isso que estamos nos referindo à fundação como mito.

Por sua vez, Anderson, em seu livro *Comunidades Imaginadas* (2008), considera que “é possível dizer que nações não possuem data de nascimento

identificada num registro oficial [...]” (p. 9), o que nos faz pensar que, em decorrência disso, pode-se bem fundar uma nação, no sentido conferido por Chauí.

Segundo Chauí, um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra, se for um local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possui um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heroica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação. No caso de Zweig, ser brasileiro tinha esse caráter, era mais que uma identidade, ser brasileiro para Zweig significava paz e conciliação (CHAUÍ, 2000, p. 12).

Chauí considera que se acompanhamos a elaboração ideológica do “caráter nacional” brasileiro, observamos que este é sempre pleno e completo, seja essa plenitude positiva (como no caso de Afonso Celso, Gilberto Freyre ou Cassiano Ricardo, por exemplo) ou negativa (como no caso de Silvio Romero, Manoel Bonfim ou Paulo Prado, por exemplo). Em outras palavras, quer para louvá-lo, quer para depreciá-lo, o “caráter nacional” é uma totalidade de traços coerente, fechada e sem lacunas porque constitui uma “natureza humana” determinada (CHAUÍ, 2000, p. 21).

2.3. Sérgio Buarque de Holanda e O Homem Cordial

“Estado não é uma ampliação do círculo familiar” (HOLANDA, 2012, p. 45). É assim que Sérgio Buarque de Holanda inicia seu texto “O homem cordial” afirmando ainda, que tampouco é uma reprodução pública dos modos de família. No entanto, não é isso que acontece no dia a dia de um brasileiro, nem do brasileiro descrito por Zweig, nem daquele que podemos encontrar no livro de Marilena Chauí.

Holanda continua seu texto dizendo que entre família e Estado não existe uma gradação, e sim uma descontinuidade e até uma oposição. E que a indiferenciação entre as duas formas é um prejuízo romântico ocorrido no século XIX. De acordo com esse pensamento, o Estado seria uma simples evolução da família, um descendente direto. No entanto, Holanda afirma que o Estado só é possível por uma transgressão da ordem familiar, doméstica (HOLANDA, 2012, p. 45). E que uma pessoa passa então de simples indivíduo a cidadão, contribuinte, eleitor, também elegível, recrutável e responsável ante as leis da Cidade. Não são alterações pequenas, uma vez que as obrigações e deveres aumentam para cada indivíduo, e que a partir de então cada cidadão, antes indivíduo, passa a ter de assumir responsabilidades por si e pelos demais. Estado e família pertencem a ordens diferentes em essência.

Quando Estado e família se separam, ocorre algo interessante: o triunfo do geral sobre o particular. A partir desse momento, não é mais a vontade do indivíduo que conta, e sim a vontade para o bem comum, exatamente o oposto do que ocorre no romance como gênero literário, o triunfo do particular sobre o geral. Talvez por isso os romances sejam tão bem recebidos pelo público: é uma maneira de poder voltar a viver na ordem familiar, que, com o surgimento do Estado, é abolida por uma transcendência. Para ilustrar a intensidade da oposição entre Estado e família e, mesmo, a incompatibilidade entre elas, Holanda usa Sófocles como exemplo. Creonte encarna a noção abstrata da Cidade em luta contra o que é a família, algo concreto. Antígona, em oposição, sepulta Polínicé contra as ordenações do Estado, agindo em favor e de acordo com os princípios da família, atraindo sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos, do Estado.

Em todos os lugares e épocas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular é acompanhada de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar profundamente a estrutura da sociedade. O regime de trabalho das velhas corporações é comparado por Holanda à família, pois seus membros, mestres e aprendizes se sujeitavam a uma hierarquia natural, e partilhavam das

mesmas privações e confortos. Por outro lado, com o desenvolvimento do moderno sistema industrial, a separação de empregados e empregadores diferenciou cada vez mais suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade e estimulou o antagonismo de classe. Agora, para o empregador moderno, com o desaparecimento da relação humana, o empregado é um simples número.

É difícil a transição do círculo familiar, com laços de afeto e sangue e favorecimento, para uma instituição fundada em princípios abstratos, impessoais onde supostamente não haveria privilegiados, a não ser em casos específicos de necessidade.

Apesar de algumas famílias se preservarem concentradas em si mesmas, na época em que o “O homem cordial” foi escrito, a educação familiar serviria apenas como treinamento para vida em sociedade, fora da família. Elas tendiam a separar o indivíduo da comunidade doméstica e separá-lo das “virtudes” familiares. Essa separação é uma das condições primárias de qualquer adaptação à vida prática. Ambientes familiares excessivamente estreitos e exigentes, pondera Holanda, que condenam as crianças apenas ao horizonte da paisagem doméstica, chegam a ser verdadeiras escolas de inadaptados e até mesmo de psicopatas (HOLANDA, 2012, p. 51).

Holanda considera, ainda, as limitações que os vínculos familiares demasiado estreitos e quase sempre opressivos, podem impor à vida posterior dos indivíduos. Ele cita Joaquim Nabuco que diz: “em nossa política e em nossa sociedade [...], são os órfãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam”. Pois os modos e laços como os pais criavam seus filhos, voltados para a vida privada e para a casa, dificultava, para essas pessoas, a vida em sociedade, que exigia uma inclinação mais igualitária (HOLANDA, 2012, p. 50).

Segundo Holanda (2012, p. 51), no Brasil imperou, e se tornou a prática até os dias de hoje, o tipo primitivo da família patriarcal. Não era fácil para essas pessoas compreenderem a distinção fundamental entre os domínios público e privado. Ainda hoje podemos perceber isso, com o uso privado de instituições

públicas e até mesmo na busca de pequenos privilégios, como passar na frente de uma fila, conseguir um ingresso, um favorecimento numa repartição pública.

Para o funcionário “patrimonial”, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular e tudo o que o envolve relaciona-se a direitos pessoais do funcionário e não a interesses objetivos. Até mesmo a escolha dos homens que irão exercer funções públicas se dá por critérios subjetivos (HOLANDA, 2012, p. 51).

É possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares.

Depois dessa breve consideração sobre a origem e separação da família e do Estado, que não funciona muito bem no Brasil, ou que funciona de uma maneira muito peculiar, Holanda nos apresenta o “homem cordial”:

[...] a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, [...] Seria enganoso supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (HOLANDA, 2012, p. 52).

Holanda segue adiante com suas considerações ao afirmar que nenhum outro povo está mais livre e mais distante de uma noção ritualista da vida do que o brasileiro. E completa dizendo que sua forma de convívio social não se pauta pela polidez. A polidez funciona como uma defesa ante a sociedade (HOLANDA, 2012, p. 53). Antes de tudo, a cordialidade brasileira é um modo de burlar a seriedade e distanciamento imposto pelo Estado.

CAPÍTULO 3: Imagens e silêncios

[...] o poeta não tem compromisso com a verdade.

Manoel de Barros

O livro *Brasil, um país do futuro* fala muito mais sobre o próprio Stefan Zweig do que do país que ele descreveu ou criou. O livro traça um retrato da personalidade do autor e dos desejos mais profundos que ele nutria no momento. A desesperança de Stefan Zweig talvez tenha só aumentado no paraíso. Aqui Stefan Zweig se viu numa rede da qual não poderia sair com facilidade. Recebeu favores do governo e estava sendo pressionado a retribuir. Seu livro não foi tão bem recebido quanto esperava, sendo alvo de milhares de críticas quanto à motivação para a escrita. A situação de seus conterrâneos na Alemanha em guerra, a Áustria tomada pela Alemanha, a clara impossibilidade de ajudá-los e a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos Aliados, também contribuíram para sua tristeza profunda. E mais, ele não esqueceu a Europa. Não esqueceu, nem deixou para trás a Europa e sua tão amada Áustria. Ironicamente, nem a natureza exuberante e consoladora do Brasil foi capaz de ajudá-lo. Assim, podemos afirmar que Zweig descreveu não o que viu, mas o que queria ter visto, influenciado pela beleza, exuberância e generosidade da natureza.

Zweig demonstra uma relação estreita com seu passado, um forte sentimento de perda e ressentimento e talvez, por isso, ele confira tanta importância ao que o Brasil prometia, ou parecia prometer. Logo no início de sua narrativa ele já alerta seu leitor, sobre o potencial para a grandeza que o país carrega:

Pela primeira vez, comecei a perceber a grandeza inconcebível daquele país que não deveria ser chamado de país e sim de continente, [...] Um país cuja importância para as próximas gerações é inimaginável até fazendo as combinações mais ousadas. [...] Percebi

que tinha lançado um olhar para o futuro do nosso mundo (ZWEIG, 2013, p. 15)³⁰.

A palavra futuro e o que ela representa permeia grande parte de sua narrativa, e traz em si uma promessa. Talvez seja interessante notar, ainda, que Zweig não se ocupou, aqui no Brasil, em combater o nazi-fascismo de Hitler. Essa foi uma postura adotada por muitos exilados escritores e intelectuais, que, juntamente com grupos políticos, escreveram literatura de combate e propaganda antinazista. É o caso, por exemplo, dos jornais literário-políticos *Die Sammlung*, editado por Klaus Mann na Holanda, e do *Mass und Wert*, sob a direção de Thomas Mann na Suíça. Em Paris foi criada, sob a direção de Heinrich Mann, a Deutsche Freiheitsbibliothek (Biblioteca da Liberdade Alemã) com as obras de todos os autores “queimados” no dia 10 de maio de 1933³¹ (KESTLER, 2005, p. 119). Zweig, por outro lado, reescreveu sua história, dedicou-se a terminar sua autobiografia intitulada *Die Welt von gestern* (O mundo que eu vi, 1942) já mencionada nessa dissertação, a escrever o livro aqui estudado e a escrever o romance *Schachnovelle* (Novela de Xadrez, 1942). Parece-nos claramente uma tentativa de reconstruir e recuperar sua história.

Trataremos, neste capítulo, das imagens que Stefan Zweig cria em seu livro e também das tentativas, conscientes ou não, de silenciar sobre alguns temas, como subdesenvolvimento, preguiça, preconceito racial e de classe, vícios e violência. Essas tentativas de silenciar sobre assuntos delicados são contornadas

³⁰ [...] zum erstenmal begann ich die unfassbare Größe dieses Landes zu ahnen, das man eigentlich kaum mehr ein Land nennen sollte, sondern eher einen Erdteil, [...] Ein Land, dessen Wichtigkeit für die kommenden Generationen auch mit den kühnsten Kombinationen nicht auszudenken ist. [...] Ich wußte, ich hatte einen Blick in die Zukunft unserer Welt getan (ZWEIG, 1989, p. 9).

³¹ No dia 10 de maio de 1933, foram queimadas em praça pública, em várias cidades da Alemanha, as obras de escritores alemães inconvenientes ao regime. Tudo o que fosse crítico ou desviasse dos padrões impostos pelo regime nazista foi destruído. Centenas de milhares de livros foram queimados no auge de uma campanha iniciada pelo diretório nacional de estudantes. Albert Einstein, Stefan Zweig, Heinrich e Thomas Mann, Sigmund Freud, Erich Kästner, Erich Maria Remarque e Ricarda Huch foram algumas das proeminências literárias alemãs perseguidas na época. O poeta nazista Hanns Johst foi um dos que justificou a queima, logo depois da ascensão do nazismo ao poder, com a "necessidade de purificação radical da literatura alemã de elementos estranhos que possam alienar a cultura alemã". (DEUTSCHE WELLE. Calendário histórico. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>>. Acesso em: 27 abr. 2016).

pela criação de imagens. O que o autor não diz com palavras, ele o mostra com imagens. Utilizaremos aqui, para introduzir este segundo capítulo, a definição de imagem feita por Octavio Paz no capítulo “A imagem” de seu livro *O arco e a lira*:

Convém advertir, pois, que designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema. Essas expressões verbais foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas, etc (PAZ, 1989, p. 119).

Assim, utilizaremos essa definição de Paz para trazer à luz as imagens que o autor cria em seu livro. Para facilitar a leitura e compreensão, dividimos o capítulo em seções temáticas. Trataremos, então, de paisagens urbanas e naturais, do brasileiro e da figura do negro, de alguns aspectos culturais, que incluem o carnaval e religiosidade e, quando possível, de economia.

Marilena Chauí, em seu livro *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, aponta algumas obras sobre o Brasil que carregam em si o mesmo tom que Zweig emprega em seu livro. É o caso, por exemplo, do livro de Afonso Celso *Por que me ufano de meu país* (1900), publicado por ocasião do aniversário de quatrocentos anos da descoberta do Brasil. O livro visava despertar na juventude brasileira um ilimitado amor à pátria. Nele, o autor apresentou 11 motivos para a superioridade de nosso país em relação aos outros. É o caso também de Sílvio Romero, que, em *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro* (1871), inspira-se no naturalismo evolucionista e no positivismo e parte do determinismo natural para a formação do caráter nacional, isto é, das condições climáticas e da raça, às quais acrescenta o determinismo dos usos e costumes (CHAUÍ, 2000, p. 47, 48, 50, 51). Essas e outras obras, escritas e publicadas antes da vinda de Stefan Zweig para o Brasil, nos levam a pensar que o autor nada mais fez do que, em seu livro, realizar um apanhado destes textos. Esse procedimento não deixa de ter seu mérito, por ajudar a divulgar o país no exterior e contribuir

com sua arte de escrita bem elaborada e prenehe de imagens, mesmo tendo conferido muito pouco de seu no que se refere a ideias e reflexões. Stefan Zweig tornou a realidade brasileira mais agradável aos nossos sentidos, e a imagem do Brasil mais vendável aos olhos estrangeiros. Isso se comprova, no artigo “*A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*”³² de Alberto Dines para o site Casa Stefan Zweig, onde consta que, quando de sua segunda viagem ao Brasil, Zweig conversou com muita gente e teve Roberto Simonsen como seu consultor em matéria socioeconômica, Afrânio Peixoto o ajudou com matéria de literatura, sobretudo no tocante a *Os Sertões* e Pedro Calmon o ajudou com matéria histórica. Dines nos informa ainda que Zweig esteve com Gilberto Freyre, mas aparentemente não leu seus escritos, no entanto, este contato influenciou sobremaneira o livro de Zweig, que “não poderia ser mais freyriano” nas palavras de Dines.

3.1. Cultura, carnaval e religião.

Os aspectos culturais brasileiros parecem causar grande estranhamento para o intelectual Stefan Zweig. Vejamos a questão da pontualidade. Ele trata do assunto com um certo humor, na medida em que vê pontualidade no atraso, terminando seu comentário com a proposta de ajustar o relógio para, assim, acabar com o problema, como segue abaixo:

Aqui existe pontualidade no sentido de que cada conferência ou concerto começam pontualmente com quinze minutos ou meia hora de atraso. Basta adaptar o relógio a isso para nunca se atrasar (ZWEIG, 2013, p. 135)³³.

³² CASA STEFAN ZWEIG. *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=18>. Acesso em: 27 abr. 2016.

³³ Pünktlichkeit gilt hier höchstens insofern, als jede Vorlesung, jedes Konzert ziemlich pünktlich eine Viertel- oder halbe Stunde später anfängt als angesagt; stellt man seine Uhr richtig darauf ein, so versäumt man nichts und paßt sich selber an (ZWEIG, 1989, p. 150).

E, atento, Zweig observa o atraso em outros lugares como quando da lavagem do Senhor do Bonfim. Ele também faz um comentário a respeito disso:

[...] o cortejo se põe em movimento, com o habitual atraso brasileiro (ZWEIG, 2013, p. 239)³⁴.

Ainda sobre o aspecto cultural, Zweig descreve a organização da cidade do Rio de Janeiro e de como se apresentam as casas de prostituição. Zweig considera que essas casas são “uma curiosidade” e que em breve cairão “vítima de uma ambição civilizadora” (ZWEIG, 2013, p. 183). Como de costume, Zweig não poupa elogios e maestria na escrita para descrever o que seus olhos veem e compara essas casas brasileiras às japonesas no bairro de Yoshivara. Além disso, faz um apelo para que sejam registradas e explica seu motivo: um espetáculo de luz e cores, “verdes, vermelhas, amarelas, brancas e sombras fugidias” formando um espetáculo oriental e misterioso (ZWEIG, 2013, p. 183). Outro aspecto bem explorado são as mulheres que ocupam essas casas:

Em cada janela, em cada porta, como animais exóticos atrás das grades, mil ou talvez mil e quinhentas mulheres de todas as raças e cores, de todas as idades e origens - negras senegalesas ao lado de francesas que mal conseguem disfarçar suas rugas, suaves indianas e robustas croatas – esperam pelos clientes que passam em uma procissão interminável diante dessas janelas a fim de examinar a mercadoria (ZWEIG, 2013, p. 183)³⁵.

Zweig usa o pretexto da prostituição para enfatizar o mosaico de tipos físicos e nacionalidades das mulheres num primeiro plano, mercadoria sem valor, comparadas a animais atrás de uma gaiola, iluminadas por uma luz de fundo à

³⁴ [...] mit der üblichen brasilianischen Verspätung – setzt sich der Zug in Bewegung (ZWEIG, 1989, p. 271).

³⁵ Fenster an Fenster oder vielmehr Tür an Tür stehen und warten hier wie exotische Tiere hinter den Gitterstäben tausend oder sogar fünfzehnhundert Frauen aller Rassen und Farben, jeden Alters und jeder Herkunft, senegalische schwarze Negerinnen neben Französinen, die ihre Altersrunzeln kaum mehr überschminken können, zarte Inderinnen und feiste Kroatinnen auf die Kunden, die in unaufhörlichem Zug vor diesen Fenstern vorüberspähen, um die Ware zu prüfen (ZWEIG, 1989, p. 206).

moda de Rembrandt, realçando a beleza dos contrastes. Com esse recurso, ele parece conseguir minimizar a carga negativa da prostituição e das condições de vida dessas mulheres, elevando o Rio de Janeiro a uma categoria de centro exemplar de ambição civilizadora. Desta forma, Zweig promove o Rio de Janeiro a uma *Yoshivara* carioca, termo este tomado aos bairros de prostituição do Japão, nos distritos de Kyoto, Edo e Osaka, que tinham fama de ser muito limpos, organizados e belos, parâmetros caros aos padrões culturais europeus.

Além do contraste do ambiente da prostituição, Zweig descreve a tranquilidade das pessoas naquele espaço, realçando, mais uma vez, sua visão da mansidão e cordialidade brasileiras, conforme podemos aferir abaixo:

[...] a característica mais tipicamente brasileira nesse mercado é a calma, a tranquilidade, a disciplina serena; enquanto nesse tipo de ruelas de Marselha ou de Toulon ecoam risos, gritos, berros e gramofones enlouquecidos, enquanto os fregueses bêbados gritam, aqui todos são calmos e moderados (ZWEIG, 2013, p. 183)³⁶.

Na mesma sequência, ele enfatiza a beleza plástica do lugar, transformando o que seria um aspecto feio e vergonhoso das cidades, como ele afirma ocorrer em Marselha e em outros lugares, num triunfo de cores e luzes variadas:

[...] até nesse canto que, em outras cidades, esconde-se envergonhado nos bairros mais feios e mais decadentes, aqui no Rio ainda tem beleza e se torna um triunfo da cor e da luz variada (ZWEIG, 2013, p. 184)³⁷.

³⁶ Aber das Überraschendste, das zugleich Brasilianische bei diesem Markte ist die Stille, die Gelassenheit, die ruhige Disziplin; während in den Gassen von Marseille, von Toulon in solchen Straßen alles dröhnt von Lachen, Geschrei, Hochrufen und tollgewordenen Grammophonen, während die betrunkenen Gäste dort wild und gefährlich durch die Gassen gröhlen, bleibt hier alles bildhaft und leise (ZWEIG, 1989, p. 206).

³⁷ [...] auch dieser abseitige Winkel, der sich in anderen Städten, seines Geschäfts irgendwie schamvoll bewußt, in die häßlichsten und verfallensten Quartiere drückt, hat in Rio noch Schönheit und wird ein Triumph der Farbe und des vielfältigen Lichts (ZWEIG, 1989, p. 206).

Em contraposição à imagem romântica da prostituição, que lemos acima, das casas de prostituição e das mulheres que prestam esse serviço no Brasil, que lemos acima, Zweig nos apresenta uma outra imagem sobre o mesmo tema em seu país, a Áustria. Ao descrever a prostituição e seus efeitos na sociedade austríaca, o autor não mantém o mesmo tom laudatório que emprega ao tratar do tema no Brasil. Quanto toca no assunto, ele o aborda como sendo permitido aos rapazes de sua juventude fruir dos “prazeres indignos fora do muro da santa moralidade” (ZWEIG, 2014, p. 84, 85). Obviamente há uma certa carga de ironia no uso das palavras, no entanto, não podemos dizer o mesmo do tom elogioso e otimista, que tende a ser, neste caso, pessimista e desesperançoso. Zweig segue tratando do tema, das moças que vendem esse serviço e dos rapazes que os compram, com certo tom pessimista, como podemos ver na citação seguinte, que aponta a prostituição como degradante, não apenas para a sociedade com um todo, mas para todos os envolvidos: “por baixo das ruas bem-varridas com suas belas lojas de luxos e elegantes passeios, as cidades escondem canais subterrâneos nos quais corre a imundície das cloacas” e emenda, fazendo menção ao risco que a sociedade, hipócrita, expunha os jovens, com o seguinte comentário: “Era indiferente a que perigos o jovem era exposto e em que esfera ele acabava penetrando” (ZWEIG, 2014, 85).

Além disso, o autor fala sobre as moças pobres que se prostituem, por precisarem de dinheiro e também, por terem mais liberdade para relacionamentos passageiros sem visar o casamento:

Malvestidas, cansadas depois de uma mal paga jornada de doze horas, maltratadas (um banheiro naqueles tempos ainda era privilégio de famílias ricas) essas pobres criaturas estavam tão abaixo do nível de seus amantes que esses em geral evitavam ser vistos em público com elas (ZWEIG, 2014, 86).

Mesmo em meio a essa verdade não tão bonita quanto, provavelmente, Zweig gostaria, ele considera a prostituição “o fundamento da vida erótica fora do casamento [...] o porão escuro acima do qual se erguia o suntuoso prédio da

sociedade burguesa, com sua fachada imaculadamente cintilante” (ZWEIG, 2014, 87). É interessante notar a plasticidade com que o autor transita entre os dois polos do tema, conferindo ao Brasil características otimistas e à sua Áustria, características desanimadoras. O trecho que segue ilustra bem isso:

A mercadoria feminina era oferecida a céu aberto a qualquer preço e a qualquer hora, e um homem comprava uma mulher por um quarto de hora, uma hora ou uma noite com tão pouco dinheiro e esforço quanto ele adquiria um maço de cigarros ou um jornal (ZWEIG, 2014, p. 87).

Para Zweig a prostituição é vista como um “produto trágico de uma pseudomoral”, pois “não se ousava reconhecer abertamente o direito das mulheres de se venderem, mas do ponto de vista higiênico não se podia abrir mão da prostituição, porque ela canalizava a inconveniente sexualidade extraconjugal” (ZWEIG, 2014, p. 87). Sobre o tema, Zweig ainda discorre longamente, falando sobre a diferença de tratamento das moças pobres e ricas, o que era ou não permitido a uma e a outra classe, das moças que se prostituíam nas ruas, chamadas de *Strichmädchen* – garotas do traço – pois eram obrigadas a ficar em determinados espaços nas ruas, dos bordéis, ou casas fechadas que ofereciam aos clientes conforto, luz, calor, uma aparência de luxo; se questiona sobre como seria possível o mesmo mundo que “defendia politicamente a pureza da mulher”, tolerar e lucrar com o “comércio vil de mulheres que se vendiam”; e também dos problemas que os jovens clientes poderiam enfrentar nesse mercado, como por exemplo, a) não ter dinheiro para se submeter a um tratamento de saúde sem que a família soubesse, b) ser chantageado por causa de um aborto, c) não poder pagar pensão a um filho que lhe era atribuído, d) ter a carteira roubada em um bordel e ter vergonha de prestar queixa à polícia. E Zweig encerra essa parte de sua biografia, afirmando que precisou se alongar nos detalhes para “compor um cenário honesto da época” (ZWEIG, 2014, p. 88 - 91).

Um outro aspecto cultural que Zweig descreve são os festejos do carnaval e a envolvimento das pessoas neste evento:

[...] esse calor acumulado leva a uma explosão dos impulsos que ocorre com regularidade no carnaval. [...] Durante meses todos poupam e ensaiam [...] uma explosão de prazer, uma manifestação de alegria de toda população [...] é como se a cidade inteira tivesse sido picada por uma tarântula gigantesca. Todos vivem nas ruas, dança-se e canta-se até tarde da noite, e tocam-se todos os tipos imagináveis de instrumentos (ZWEIG, 2013, p. 193)³⁸.

Ao descrever assim a cidade e seus aspectos de organização social noturna, a vida profissional da prostituição e a mistura de pessoas de várias etnias, percebe sintonia e beleza e consequência. O calor humano dos bairros noturnos de prostituição parece levar à orgia carnavalesca.

Stefan Zweig comete alguns deslizes ou se contradiz em alguns momentos. Ele afirma que não existem diferenças sociais, ou que elas não teriam um peso significativo. Mas em outros momentos, como leremos logo abaixo, sinaliza para a existência dela para, então, dizer novamente que no carnaval ela é suspensa, pois, nesses dias:

Todas as diferenças sociais são abolidas, estranhos caminham abraçados, todos falam com todos, e gradualmente essa animação recíproca se exalta e chega a um tipo de loucura; veem-se pessoas exaustas deitadas na calçada sem que tivessem bebido uma só gota de álcool, apenas se extenuaram de tanto dançar e cantar (ZWEIG, 2013, p. 193)³⁹.

E mesmo com toda essa euforia carnavalesca, que permite ao brasileiro extravasar suas energias e fazer barulho, cantar e falar com qualquer um na rua,

³⁸ [...] es ist, als sammelte sich in ihnen diese aufgestaute Hitze zu einem einzigen impulsiven Ausbruch, der dann mit kalendarischer Regelmäßigkeit im Karneval erfolgt. [...] Monatelang zuvor wird gespart und geübt, [...] ein Lustausbruch, eine Temperamentsmanifestation des ganzen Volks, [...] es ist, als sei die ganze Stadt von einer riesigen Tarantel gestochen. Alles lebt auf den Straßen, bis tief in die Nacht wird getanzt, gesungen und mit allen denkbaren Instrumenten bis zur Raserei gelärmt (ZWEIG, 1989, p. 217, 218).

³⁹ Jeder soziale Unterschied ist aufgehoben, Fremde wandern Arm in Arm mit Fremden, jeder spricht jeden an, und allmählich steigert sich die gegenseitige Erhitzung, das unaufhörliche Lärmen zu einer Art Tollheit; man findet Menschen erschöpft auf der Straße liegen, ohne daß sie einen Tropfen Alkohol getrunken, sie haben sich nur krank getanzt und gelärmt (ZWEIG, 1989, p. 218).

Zweig ainda consegue notar que até mesmo pessoas das “camadas mais baixas” não perdem seu “espírito de humanidade” e que apesar da liberdade em se usar máscaras “não acontecem brutalidades” e completa dizendo que a multidão “dança infantilmente” (ZWEIG, 2013, p. 194). Stefan Zweig compara esses arroubos de alegria e extravasamento inocente, ou nas palavras do próprio Zweig “as pessoas se libertaram do calor acumulado”, ao um temporal de verão, que vem, faz barulho e provoca certo temor, mas depois vai embora deixando tudo como estava.

Até mesmo a imagem do nosso cafezinho cotidiano é percebida por Zweig, que destaca o tamanho das xícaras, a consistência do produto e, mais uma vez, a cordialidade dos brasileiros:

Quando visitamos alguém no Brasil, a qualquer hora do dia nos é oferecido um café – delicioso café preto em pequenas xícaras. É um dos hábitos gentis como todos os outros neste país hospitaleiro. [...] e em todos esses lugares ele era igualmente aromático, forte e revigorador dos nervos, fogo negro que aclara os sentidos e ilumina as ideias (ZWEIG, 2013, p. 205)⁴⁰.

Interessante notar, na descrição de Zweig sobre o café, que esta vai na direção oposta ao povo brasileiro, de acordo com o que ele próprio concebe. Ao passo que, para o autor, o brasileiro é um tipo manso e cordato, o café “forte e revigorador [...] fogo negro” deveria agir como combustível para animar quem o consome. Não é o caso. Ao menos o autor não menciona nada sobre isso, e o modo como a bebida é preparada. No entanto, parece que o que exerce influência sobre o brasileiro é a religião. Podemos perceber, no texto de Sérgio Buarque de Holanda “O homem cordial”, a força que a religiosidade exerce, e também no livro de Zweig, que analisamos nesse trabalho. O autor não deixa de notar, ainda, que o povo tem, assim como o caráter, um tipo especial de religiosidade:

⁴⁰ Freundliche Sitte wie jedwede in diesem gastfreien Land: besucht man in Brasilien ein Haus, so wird einem zu jeder Stunde des Tages Kaffee angeboten, köstlicher schwarzer Kaffee in kleinen Tassen, es ist hier eine Selbstverständlichkeit. [...] an allen Stellen war er gleich zauberhaft würzig, stark und nervenbelebend, ein schwarzes Feuer, das die Sinne heller und die Gedanken leuchtkräftiger macht (ZWEIG, 1989, p. 231).

Essa abundância de igrejas me surpreendeu [...] eu perguntei ao gentil sacerdote que me acompanhava se a Bahia ainda era uma cidade religiosa, assim como antigamente. Ele sorriu e disse: “Sim, o povo aqui é religioso, mas à sua maneira” (ZWEIG, 2013, p. 236)⁴¹.

Quando trata da questão da religiosidade, novamente cabe mencionar Holanda. É possível que Zweig tenha emprestado essas observações de Holanda ou ele próprio percebido esse “tipo especial de religiosidade”. Holanda reproduz o comentário de um visitante ao qual “doía a pouca atenção dos fiéis durante os serviços religiosos” e acrescenta que “para o povo aquilo tudo era como se fosse um folguedo, com ruas cheias de gente apenas para ver a movimentação” (HOLANDA, 2012, p. 57, 58). E, na mesma direção de Holanda, Zweig faz uma observação sobre a religiosidade e o homem brasileiro, considerando que “para esse povo cordial e sensível, a religião está indissoluvelmente ligada a festejo, alegria” (ZWEIG, 2013, p. 236). Mais adiante, Zweig considera alguns aspectos da religiosidade que não passam pela festa, fala sucintamente, sobre a lavagem da escadaria do Senhor do Bonfim e se comove com “seu aspecto primitivo” (ZWEIG, 2013, p. 238). Em seguida, descreve uma convulsão de gente “como de cem demônios negros” em meio à lavagem, cada um querendo fazer sua parte:

E de repente começou no meio da igreja um movimento como de cem demônios negros. Um arrancava a vassoura do outro, às vezes eram dois, três, dez que atravessaram a igreja, agarrados a um cabo, outros que não tinham vassoura se lançavam ao chão e esfregavam a terra com suas mãos e tocos [...] (ZWEIG, 2013, p. 240)⁴².

⁴¹ Diese Fülle der Kirchen [...] überraschte mich. [...] ich fragte den freundlichen Geistlichen, der mich begleitete, ob Bahia noch immer wie einst die Stadt der Frömmigkeit sei. Er lächelte leise und sagte: „Ja, die Leute sind hier fromm. Aber sie sind es auf ihre Art“ (ZWEIG, 1989, p. 267, 268).

⁴² Und plötzlich begann inmitten der Kirche ein Treiben wie von Hunderten schwarzen Teufeln. Einer riß dem andern den Besen weg, oft waren es zwei, drei, zehn, die an einem Stiel durch die Kirche fuhren; andere, die keine Besen hatten, warfen sich hin und rieben mit den nackten Händen die Erde, [...] (ZWEIG, 1989, p. 272, 273).

O autor usa, no original, as palavras “*mit den nackten Händen*” que se distancia um pouco da versão traduzida “com suas mãos e tocos”. Entendemos a dificuldade de tradução de um texto dessa natureza, por isso sinalizamos e indicamos, aqui, uma outra possibilidade de leitura, que poderia ser “com as mãos vazias” ou “apenas usando as mãos”.

Zweig não consegue deixar de falar sobre seu espanto ao presenciar a convulsão na lavagem do Senhor do Bonfim. Ele usa os termos “loucura coletiva” e “irrealidade”, pois, ao que parece, não podia acreditar no que via:

Foi provavelmente o primeiro acesso de loucura coletiva que eu vi na minha vida, ainda aumentada em sua irrealidade pelo fato de estar acontecendo em uma igreja, sem álcool, sem música, sem estimulantes, no meio do dia, sob um céu gloriosamente radiante (ZWEIG, 2013, p. 240, 241)⁴³.

Então, ele faz uma mistura, talvez se referindo a um sincretismo religioso, aqui usamos um termo anacrônico para a época, mas a ideia não o é, pois ele se refere ao que viu na lavagem como um “rito cruento” africano que se “mescla” com fanatismo católico (ZWEIG, 2013, p. 241). Zweig, apesar de curioso sobre o Brasil, de querer experimentar tanto quanto podia, não se permitiu acreditar em muita coisa; talvez, sua sensibilidade europeia, de homem polido pela cultura, como ele próprio se considerava, não o deixasse. É assim quando ele fala sobre a macumba, afirmando que todo estrangeiro se vangloria de ter visto uma “macumba verdadeira” com a ajuda de um amigo (ZWEIG, 2013, p. 241), mas garante que a macumba que ele próprio assistiu tinha sido representada, pois para ele “esses ritos insólitos e estranhos [...] viraram uma curiosidade e geraram [...] apresentações encenadas” (ZWEIG, 2013, p. 241):

⁴³ Es war eigentlich die erste Massentollheit, die ich gesehen, und noch gesteigert in ihrer Unwahrscheinlichkeit dadurch, daß sie in einer Kirche geschah, ohne Alkohol, ohne Musik, ohne Stimulantien und mitten am Tag unter einem glorreich strahlenden Himmel (ZWEIG, 1989, p. 273).

A macumba à qual eu assisti foi – confesso sinceramente – sem dúvida encenada (ZWEIG, 2013, p. 241)⁴⁴.

Zweig une as duas experiências como parte de um todo. Ao falar da macumba, remete à lavagem do Senhor do Bonfim, afirmando já ter presenciado a música, a bebida, a dança e sua “monotonia”, que conferia aos presentes uma “embriaguez” tanto na lavagem quanto na macumba (ZWEIG, 2013, p. 241). Além disso, o autor confere a esses ritos e manifestações religiosas uma carga de primitividade pois, segundo ele, tudo que já fora polido pelos costumes modernos ou que tivesse suas origens encobertas pelos valores europeus na Bahia, ainda se conservava primitivo, misterioso, instintivo e extático⁴⁵.

Apesar de Zweig descrever esse aspecto da cultura brasileira de um modo um tanto negativo, considerando-o primitivo e instintivo, ele não deixa de reconhecer a beleza dos lugares e seus costumes, mesmo os ainda não revestidos de modernidade. Para ele, o país teria beleza para encantar uma pessoa por muitos anos:

Mas enquanto o motor começa a rodar para me levar embora, penso com gratidão na sorte e na felicidade dessas semanas e meses. Quem realmente é capaz de sentir o Brasil viu beleza suficiente para a metade da vida (ZWEIG, 2013, p. 250)⁴⁶.

3.2. Jardins, morros, ilhas e cidades.

O Rio de Janeiro continua lindo...

(Aquele abraço, música de Gilberto Gil)

⁴⁴ Auch die Macumba, die ich gesehen, war – ich gestehe es ehrlich ein – zweifellos gestellt und inszeniert (ZWEIG, 1989, p. 274).

⁴⁵ Adjetivo: que está em estado de êxtase; que pode ser provocado por êxtase ou que se relaciona com êxtase; enlevado. DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Extático. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/extatico/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

⁴⁶ Aber dann besinnt man, da der Motor anhebt zu rattern, um uns fortzutragen, wieviel Dank man schon schuldet für Glück und Gewinn dieser Wochen und Monate. Wer Brasilien wirklich zu erleben weiß, der hat Schönheit genug für ein halbes Leben gesehen (ZWEIG, 1989, p. 284).

Outros aspectos que o autor descreve, produzindo imagens, são as paisagens. É o caso da narrativa da sua chegada ao Rio de Janeiro, cuja beleza o deslumbrou e emocionou, despertando nele reações de caráter físico e emocional:

O olhar excitado não se cansava de ver e, para onde se olhasse, era recompensado. Fiquei possuído por um torpor de beleza e de felicidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito, e quanto mais eu via, nunca era o bastante (ZWEIG, 2013, p. 14)⁴⁷.

É curioso notar como Zweig se contaminou com o estado de embriaguez e ou possessão, antes condenada no cerimonial da lavagem da escadaria do Senhor do Bonfim e, agora, assumida para si mesmo, ao se deixar levar “por um torpor de beleza e de felicidade”.

Com essa breve descrição, Zweig desperta os sentidos do leitor para que este possa acompanhar a visita e não apenas ler a descrição da mesma. Zweig proporciona, por meio das palavras, ao exagerar as emoções e sentimentos, que o leitor tenha a mesma experiência que o narrador. É como se ele transportasse o leitor ao local descrito, recurso este sobre o qual Paz nos informa em seu livro, afirmando que a imagem tem a capacidade de revelar o que o objeto é e não o que ele poderia ser, e também de recriar o ser, ou objeto em questão (1982, p. 121).

Stefan Zweig personifica a cidade do Rio de Janeiro valendo-se das qualidades femininas. E, ao usar a palavra *Wollust*, que em português significa luxúria, volúpia, confere-lhe, além de feminilidade, sensualidade:

O Rio de Janeiro não se empertiga: abre seus braços macios, femininos, recebe o recém-chegado com um abraço carinhoso e aconchegante, atrai, abandona-se com certa volúpia aos olhares (ZWEIG, 2013, p. 158)⁴⁸.

⁴⁷ [...] das erregte Auge wurde nicht müde zu schauen, und wohin es blickte, war es beglückt. Ein Rausch von Schönheit und Glück überkam mich, der Sinne erregte, die Nerven spannte, das Herz erweiterte, den Geist beschäftigte, und soviel ich sah, es war nie genug (ZWEIG, 1989, p. 9).

⁴⁸ Rio de Janeiro aber bäumt sich einem nicht entgegen – es breitet sich auf mit weichen, weiblichen Armen, es empfängt in einer weit ausgespannten zärtlichen Umarmung, es zieht an sich heran, es gibt sich mit einer gewissen Wollust dem Blicke hin (ZWEIG, 1989, p. 179).

Parece-nos um encanto literário o uso que Zweig faz do gênero neutro da língua alemã. O pronome empregado para Rio de Janeiro é *es*, neutro, o mesmo que se emprega nas palavras *Weib* e *Mädchen*, respectivamente, fêmea e moça. O alemão de Zweig encanta ainda mais quando menciona *es gibt sich*, expressão que bem poderia ser traduzida como a entrega feminina ao prazer dos olhos de quem a observa, no caso em questão, a cidade.

Para o autor, o Brasil, não importa em que circunstâncias, oferece sempre algo de belo e consolador, quando não, um espetáculo aos olhos de qualquer um que queira ver. Como quando narra sobre a partida de sua primeira visita ao Brasil. Naquela ocasião, ele observa que era uma noite estrelada, mas que, apesar da iluminação natural, podia-se ver que aquela “cidade única brilhava com seus colares de pérolas de luz elétrica mais bela e mais misteriosa que as faíscas do firmamento”, e fala da sensação de saber não estar vendo o país pela última vez (ZWEIG, 2013, p. 15).

Zweig também se impressiona com a facilidade de mudança de um cenário para outro, no Rio de Janeiro. O autor se encanta com a possibilidade de, em cinco minutos de trajeto, ir de um lugar montanhoso para a praia, dali, saindo de um mundo luxuoso “para a mais primitiva miséria dos barracos” e então novamente, com pouco tempo de trajeto, estar novamente em meio a um movimento cosmopolita de “cafés resplandecentes” e um “rio de automóveis” e afirma que “tudo aqui se confunde, se entrecruza” elogiando a convivência respeitosa entre pobres e ricos, jovens e velhos, da paisagem com a cultura, dos casebres com os prédios, e negros e brancos. O encanto é profundo; ele afirma que “tudo é bonito, mesclado e fascinante” e que não se cansa nem se farta de olhar e experimentar as dúzias de perfis da cidade (ZWEIG, 2013, p. 154, 155).

Outro aspecto de extrema importância para Zweig é a harmonia. Para ele, “tudo se mescla sonoramente”; nem mesmo os sons urbanos como de carros, navios atrapalham essa harmonia que se repete “em acordes sempre variados”, e percebida a partir dos morros, ou do mar, é sempre harmônica. Para Zweig, a verdadeira beleza do Rio não está em seu aspecto utilitário nem no histórico, mas

sim na “sua incomparável arte de resolver de forma harmoniosa todos os contrastes (ZWEIG, 2013, p. 168). Assim, ele se mostra cativo confesso das belezas do Rio:

Ambígua e inesgotável, grandiosa e generosa, assim como nos recebe ela sabe nos manter cativos. Desde o momento da chegada já sabemos que os olhos e os sentidos não se cansarão nessa cidade única (ZWEIG, 2013, p. 158)⁴⁹.

Zweig faz referência a um outro aspecto cultural brasileiro: o desaparecimento da tradição e o amor, ou ânsia pelo novo. E o faz não sem um certo estranhamento. Ele conta sobre suas visitas à cidade do Rio de Janeiro e se dá conta de que o “Morro do Castelo, a colina histórica onde quatrocentos anos antes os franceses se entrincheiraram onde os portugueses vencedores depois lançaram a pedra fundamental da cidade” havia sido demolido. Ele constata ainda que o Rio antigo havia desaparecido e que o novo Rio, moderno, estava num solo totalmente diferente do anterior (ZWEIG, 2013, p. 160).

Não preservamos o passado, não guardamos nossa História. O novo é valorizado em detrimento do velho; por isso, este tem de dar lugar ao novo, ao moderno, ao futuro. Zweig estranha isso. E não sem razão. A Europa, por tradição, trabalha para preservar o passado, a história, por manter viva a memória e os caminhos percorridos pela sociedade. Mesmo com toda a poesia e o encantamento que sentia pelo Brasil, Zweig não pode deixar de estranhar e comentar esse fenômeno.

Em alguns momentos, Zweig confere à sua descrição sua percepção das paisagens brasileiras que tanto o encantam. No trecho que segue, podemos perceber o sentimento de liberdade e a ampla possibilidade de vistas que proporcionam prazer e descanso para o observador:

⁴⁹ Und vieldeutig und unerschöpflich, großartig und großmütig, wie sie einen empfängt, weiß sie einen zu halten; von der Stunde der Einfahrt an weiß man schon, das Auge wird nicht müde werden und der Sinn nicht satt an dieser einzigartigen Stadt (ZWEIG, 1989, p. 179, 180).

Aqui, o olhar pode descansar e observar o que quiser [...] (ZWEIG, 2013, p.168)⁵⁰.

No entanto, ele não deixa de mostrar que também existem lugares não tão belos para serem vistos e desfrutados. Zweig fala da possibilidade de, com apenas poucos passos sair das residências de luxo próximas a praia e estar “em uma favela ou bairro pobre”. Com seu olhar positivo, enfatiza, entretanto, que esse bairro pobre é “rodeado do mesmo verde, banhado na mesma luz radiante” e que “uma coisa não atrapalha a outra”. Afirma, em seguida, que “de uma certa forma, a força da natureza não oprime os contrastes, mas os suaviza”, mostrando, assim, mais uma vez, sua tendência para conciliação (ZWEIG, 2013, p. 178, 179). Para Zweig os contrastes mais se complementam que se hostilizam. Para o autor, os prédios e os barracos, as avenidas e as ruas estreitas, a praia e o morro corroboram para uma visão prazerosa e harmoniosa do Rio de Janeiro (ZWEIG, 2013, p. 179).

Stefan Zweig vai além e considera as favelas, por ele designadas de “estrelas de um caleidoscópio”, construções singulares que dão ao Rio um tom “colorido e pitoresco”. Ele se questiona também se elas ainda existirão em alguns anos. Faz ainda um apelo sutil para a preservação de uma delas ao menos “por representar um pedaço de natureza humana em meio à civilização” afirmando que “Um pedaço insólito, incomparável do Rio desaparecerá com essas favelas” (ZWEIG, 2013, p. 181, 182, 183).

Mais adiante em sua narrativa, Zweig repete o que falava sobre os bairros pobres e favelas para então acrescentar que estes se assemelham a “uma aldeia polinésia ou africana” onde podemos ver o “grau mais baixo de primitivismo, as condições mais baixas de moradia e de vida” para, logo em seguida, afirmar que essa visão “nada tem de deprimente, de repugnante ou vergonhoso”, pois seus moradores aqui se sentem mil vezes mais felizes do que o proletariado europeu em suas casas alugadas (ZWEIG, 2013, p. 182). E, apesar de ser um dos lugares mais primitivos que Zweig já havia visto, ele ainda consegue encontrar outros aspectos positivos além de seus moradores serem mais felizes que os proletários

⁵⁰ Hier kann der Blick rasten und betrachten, was ihm beliebt (ZWEIG, 1989, p. 190).

européus. Para o autor, esses barracos, situados nos morros, “nos mais inacessíveis cantos e recantos, essas favelas tem a melhor vista que se pode imaginar, é a mesma vista das mansões de luxo e é a mesma natureza que orna e fornece bananeiras, a mesma natureza que “impede a alma de ficar deprimida ou triste porque a consola incessantemente com suas mãos macias e tranquilizadoras” (ZWEIG, 2013, p. 182).

A visão, o prazer, a igualdade do prazer, a generosidade, e o fato de ele mesmo não ter sido consolado por essa natureza, todos são elementos que reforçam a utopia zweiguiana.

Na lista das preciosidades ameaçadas de desaparecimento citadas por Zweig estão “os velhos bondes abertos” que conferem às ruas do Rio “um brilho especial, um espetáculo em cujos estribos as pessoas ficam penduradas feito cachos de uvas” e onde nos dias mais quentes e abafados do verão pode-se comprar a brisa mais fresca por apenas alguns centavos (ZWEIG, 2013, p. 184). Ao comparar as pessoas nos bondes aos cachos de uva, Zweig cria uma imagem positiva de um fato negativo dos bondes já apinhados de gente no Rio de Janeiro.

Um problema que existia em 1942 e continua atual são as enchentes causadas pelas chuvas que, claro, são consequência de um mau planejamento urbano e do estreitamento de leitos de rios. Zweig se limita a dizer que bastam quinze minutos de chuva para as ruas estarem inundadas, com vários metros de água, a ponto de ninguém ousar sair às ruas e o trânsito ficar parado. Nesse momento, ele não confere nada de bom ao fato de a chuva provocar enchentes, mas também não dá muita importância ao acontecimento, no sentido de não se demorar muito no assunto. Ele cita o que vê e segue adiante (ZWEIG, 2013, p. 192).

Stefan Zweig faz algumas comparações do Brasil com a Europa. Uma delas diz respeito à construção das cidades. Enquanto na Europa havia planejamento, com as cidades crescendo em torno de um núcleo, o autor afirma que no Brasil, elas crescem “ao sabor do improvisado, com pressa, de qualquer jeito” (ZWEIG, 2013, p. 198).

Apesar da observação aparentemente negativa, pois planejamento contrasta com improvisado, Zweig contorna a situação que apresenta do país e, mais uma vez, nos dá uma descrição positiva do Brasil. Para ele a ideia de permanência, estabilidade ou até mesmo permanência, uma “interação burguesa do indivíduo” não podia fazer parte da vida do imigrante, ainda nômade, e por isso, no sentido arquitetônico, as construções eram improvisadas, um amontoado casual de moradias, para que pudesse ser tão facilmente demolido quanto foi construído (ZWEIG, 2013, p. 199).

Zweig vislumbra o futuro num lugar onde seus habitantes destroem tudo que é considerado velho, ultrapassado, o que para um europeu seria considerado tradição, memória e patrimônio, um lugar que é impermanente e imprevisível. Em sua opinião, um europeu tem suas tradições e as conserva; preserva a memória e a história. Suas construções, assim como o tempo, não são tão avassaladoras. Desta perspectiva, parece ser muito caro para Zweig ver uma sociedade que acelera o tempo e constrói edifícios ao lado de casarões e igrejas antigas, uma civilização nômade, constituída de várias tribos e multiplicidade de culturas e que não se fixa e explora constantemente seu novo futuro.

Mesmo mantendo uma postura conciliadora, Zweig não deixa de mostrar um certo incômodo com algumas coisas que vê por aqui. Sobre a arquitetura de São Paulo, do século XVII ao século XVIII, ele nota que não sobrou quase nada e avisa que se alguém tem interesse em conhecer a estilo arquitetônico do século XIX deve se apressar, “pois aqui tudo o que ainda lembra o ontem ou o anteontem é demolido com uma rapidez assustadora” (ZWEIG, 2013, p. 198).

A cidade de São Paulo, segundo Zweig, caracteriza-se pelo trabalho. Não é como o Rio de Janeiro, onde se pode tirar prazer e satisfação; oferece poucos passeios, paisagens e poucos locais de diversão, e nas ruas, diz o autor, só se veem homens apressados, agitados e ativos. Para explicar essa agitação toda e essa energia para o trabalho, ele afirma que o dia em São Paulo tem o dobro de horas do que o dia no Rio de Janeiro, e que cada hora tem o dobro de minutos e cada minuto é gasto com atividades (ZWEIG, 2013, p. 200).

Ainda falando sobre São Paulo, o autor muda um pouco o tom quando fala sobre a Penitenciária modelo do Estado. Ele se confessa deprimido ao visitar o lugar, mas a considera uma instituição modelar, que honra os diretores, a cidade e o estado (ZWEIG, 2013, p. 202). Apesar do abatimento, Zweig segue com sua postura conciliadora e afirma que o problema dos estabelecimentos penais é abordado aqui num sentido mais humanitário. O Brasil não conhece a pena de morte e se esforça para cuidar dos criminosos de acordo com princípios mais avançados e que o humanitarismo no trato com os presos não é visto como um atraso (ZWEIG, 2013, p. 202). Segundo seu relato, a penitenciária é um complexo muito limpo de casas, onde tudo é feito pelos internos, eles assam o pão, produzem os medicamentos, dirigem a clínica e o hospital, plantam os legumes e lavam as roupas. Além das atividades cotidianas de manutenção e limpeza, a atividade artística também é incentivada e, na prisão, essas pessoas têm a oportunidade de aprender o que não aprenderam na escola: ler, escrever, e alguma atividade artística (ZWEIG, 2013, p. 202, 203).

3.3. O brasileiro e o homem cordial

Stefan Zweig afirma constantemente que a história do Brasil foi construída sem derramamento de sangue. O mesmo podemos ler em Marilena Chauí, que diz: “Aprendemos também que nossa história foi escrita sem derramamento de sangue, com exceção de nosso Mártir da Independência” (2000, p. 6). Isto nos faz pensar que ele teria não apenas viajado pelo país e feito suas pesquisas, mas também repetido, ou aproveitado, o que muito se diz sobre nós e encontrando eco em nossas vozes e na de muitos estrangeiros viajantes que por aqui passaram e ainda passam, isto é, a ideia de sermos pacíficos, amorosos, incapazes de violência. Para Zweig, a harmonia é elemento muito importante e presente na sociedade brasileira. Podemos verificá-lo no parágrafo:

Para surpresa, descobre-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, convivem em plena

harmonia e, apesar das diferentes origens, apenas competem no empenho de acabar com suas diversidades a fim de se tornarem rapidamente brasileiros, de se construir uma nação nova e homogênea (ZWEIG, 2013, p. 18)⁵¹.

Stefan Zweig localiza as diversas etnias vivendo no território brasileiro como uma mistura que formará uma nação com identidade única: a dos brasileiros. Como se todos pudessem absorver e adotar para si os modos tão elogiados por ele. Talvez esse fosse mesmo seu desejo. Devemos considerar também, como já foi mencionado no primeiro capítulo, este era o real projeto do Estado Novo, e de sua prática de uma política de nacionalização que dificultou, em muitos aspectos, a vida dos estrangeiros no Brasil.

“A fim de ser tornarem rapidamente brasileiros” é uma consideração muito coerente com o discurso da questão da nação e da criação, ou formação, do brasileiro. Esta questão ocupou a elite no começo do século XIX e ainda não está resolvida. Mais interessante ainda é percebermos que Zweig desloca a fala da elite para a voz do povo, fazendo-nos acreditar na formação da identidade brasileira como algo voluntário, partido de baixo para cima, e até mesmo idílico. Sobre tal fato, Bauman (2005) designando a questão identitária como “convenção socialmente necessária”, considera que esta não é algo pré-estabelecido, conhecido, dado, e sim uma construção e adaptação para o futuro, que muda constantemente (p. 13, 21). Fica, para nós, mais uma vez evidente o fato de o autor apenas aproveitar as ideias vigentes da época e as trabalhar literariamente em seu livro, fazendo com que tivessem um frescor e fossem melhor aceitas.

Chauí (2000, p. 5, 6) aborda a questão dos mitos da fundação do Brasil, como aquele usado por Zweig em seu livro. Também ele afirma sermos um povo sem preconceitos e integrados, pacíficos e que nossa história foi escrita sem derramamento de sangue.

⁵¹ Zum größten Erstaunen wird man nun gewahr, daß alle diese schon durch die Farbe sichtbar voneinander abgezeichneten Rassen in vollster Eintracht miteinander leben und trotz ihrer individuellen Herkunft einzig in der Ambition wetteifern, die einstigen Sonderheiten abzutun, um möglichst rasch und möglichst vollkommen Brasilianer, eine neue und einheitliche Nation zu werden (ZWEIG, 1989, p. 13).

Da maneira mais simples, o Brasil – e a significação deste grandioso experimento me parece exemplar – tornou absurdo o problema racial que complica o nosso mundo europeu: simplesmente ignorando seu suposto valor (ZWEIG, 2013, p. 18)⁵².

Stefan Zweig usa, por vezes, palavras que talvez devessem ser evitadas. É o caso, no trecho abaixo, da palavra *völlig* cujo sentido, na língua portuguesa, correspondente a “totalmente”. Trata-se de um vocábulo, pois generaliza e dirige a leitura para um entendimento anteriormente pretendido.

Enquanto, entre nós, cada nação inventa uma palavra odiosa ou de desprezo para a outra, como *Katzelmacher* ou *boche*, falta totalmente no vocabulário brasileiro a palavra correspondente depreciativa para o negro ou o crioulo, pois quem poderia, quem quereria se gabar aqui de ser de raça pura? (ZWEIG, 2013, p. 19)⁵³.

O autor lança mão de duas palavras, *Katzelmacher* e *Boche* e se refere a elas como ofensivas quando compara o tratamento dado aos negros no Brasil ao conferido aos estrangeiros na Europa. Segundo o dicionário de língua alemã Duden, *Katzelmacher* é uma palavra masculina da língua alemã, no alemão falado na Áustria, ao menos na época do autor, e é um termo pejorativo usado contra imigrantes italianos, geralmente trabalhadores manuais, fabricantes de colheres de estanho, originado da palavra coloquial *Gatz(el)*, e do veneziano *cazza*, que veio do Latim *cattia*. A palavra é usada como significando barulhenta, em alemão *lautes Volk* ou *Lärm*. *Boche*, também uma palavra masculina, faz parte do vocabulário austríaco, com origem na língua francesa, e tem sentido pejorativo, desdenhoso contra alemães.

⁵² Brasilien hat – und die Bedeutung dieses großartigen Experiments scheint mir vorbildlich – das Rassenproblem, das unsere europäische Welt verstört, auf die einfachste Weise ad absurdum geführt: indem es seine angebliche Gültigkeit einfach ignorierte (ZWEIG, 1989, p. 13).

⁵³ Während bei uns von Nation zu Nation die eine für die andere ein Haßwort oder ein Hohnwort erfand, den *Katzelmacher* oder den *Boche*, fehlt hier im Vokabular völlig das entsprechende deprezierende Wort für den *nigger* oder den Kreolen, denn wer könnte, wer wollte sich hier absoluter Rassenreinheit berühmen? (ZWEIG, 1989, p. 14).

Talvez não houvesse motivo para alguém gabar-se por ser de raça pura no Brasil contemporâneo a Zweig. No entanto, havia muita vontade de gabar-se por ser de raça branca.

Zweig por diversas vezes exalta os modos mansos do brasileiro, repetindo-se constantemente para que se pudesse acreditar ou fazer com que acreditassem nisso. Para ele, o brasileiro, por natureza, não é nem radical nem revolucionário e com uma boa mão poder-se-ia, facilmente, governar o país (ZWEIG, 2013, p. 64).

Para o autor, a mansidão do brasileiro alcança até momentos de esperada explosão e excessos. Ele relata algumas festas populares por ele presenciadas e afirma que as pessoas continuam quietas e discretas mesmo quando estão se divertindo em massa, como numa passeata religiosa ou carnaval, notando-se uma ausência de “robustez e brutalidade” que confere à festa um encanto comovente (ZWEIG, 2013, p. 129).

Na análise de Zweig, fazer barulho, dançar loucamente são atitudes contrárias aos costumes locais reservadas apenas para os quatro dias de carnaval, “que servem de escape para os impulsos reprimidos”. Entretanto, mesmo nesses momentos, nunca acontecem “excessos, inconveniências ou baixezas”. A tranquilidade é tanta que qualquer estrangeiro ou mulher pode ousar andar nas ruas cheias e explodindo de ruídos sem risco algum (ZWEIG, 2013, p. 129, 130).

Para Zweig, essa “suavidade” natural e essa “boa índole” são conservadas até mesmo nas relações entre as diferentes classes, que se tratam umas às outras com educação e cordialidade surpreendentes até mesmo para um europeu. Principalmente aqueles provenientes da Europa, da qual o autor fugiu, segundo ele próprio “tão deteriorada” nos últimos tempos (ZWEIG, 2013, p. 130).

Zweig exemplifica essa cordialidade entre as classes diferentes falando do abraço, um costume, para ele, comum entre os brasileiros. Ele relata que quando dois homens são vistos abraçando-se na rua, pode-se pensar enganosamente serem irmãos ou amigos de infância que acabam de se reencontrar, mas, segundo ele, essa cena se repete em cada esquina; daí concluir que o abraço é um hábito natural

do brasileiro, uma expressão de sua cordialidade. E a polidez, para o autor, é a forma básica das relações entre as pessoas (ZWEIG, 2013, p. 130). Ele não podia estar mais enganado. O que ele designa de “polidez” nada mais é que um modo de agir guiado pelo favorecimento, tão marcante na cultura brasileira.

Zweig estende o tratamento recebido aqui no Brasil a qualquer recém-chegado. Para ele, “todo recém-chegado é recebido calorosamente, e tudo lhe é facilitado da maneira mais obsequiosa”. O autor ainda afirma que, ao indagar os amigos e conhecidos sobre essa cordialidade tão aberta, recebe como resposta a confirmação de “todos serem unânimes em elogiar essa primeira e mais básica característica deste povo: sua boa índole” (ZWEIG, 2013, p. 130).

Ainda sobre a passividade e boa moral do brasileiro e sua incapacidade para atos violentos, o autor usa como exemplo a ausência de violência contra animais e novamente propõe uma generalização perigosa que direciona a leitura de um leitor menos atento:

Jamais se ouviu falar aqui de brutalidade contra animais, touradas ou brigas de galo (ZWEIG, 2013, p. 130)⁵⁴.

Essa é uma afirmação hoje facilmente contestável, pois, de acordo com o site do Senado Federal, o decreto nº 24.645, de 10 de Julho de 1934, de Getúlio Vargas, estabelece medidas de proteção aos animais, proibindo rinhas e touradas. O inciso XXIX do artigo 3º versa que “realizar ou promover lutas entre animais da mesma espécie ou de espécie diferente, touradas e simulacros de touradas, ainda mesmo em lugar privado” é considerado mau trato. A lei de proteção aos animais é de um período não muito anterior àquele em que Zweig viveu no Brasil. Ele provavelmente sabia disso, mas ainda assim conseguiu escamotear a violência, usando a expressão “jamais se ouviu falar”, um modo inteligente de contornar a situação. Ele mantém a boa imagem do povo e não se compromete. Por outro lado, essa seria uma informação que, para o leitor estrangeiro, aquele

⁵⁴ Nie hat man hier von Grausamkeit gegen Tiere gehört, nie von Stierkämpfen oder Hahnenkämpfen, [...] (ZWEIG, 1989, p. 145).

para qual inicialmente se destinava o livro, não seria tão fácil verificar. O mesmo não acontece com os excessos religiosos:

Nunca, nem nos tempos mais obscuros, a Inquisição ofereceu aqui seus autos de fé à multidão. O brasileiro repele instintivamente todo tipo de brutalidade, [...] (ZWEIG, 2013, p. 130, 131)⁵⁵.

Mais uma vez percebemos a necessidade do autor, pessoal ou imposta, de abrandar os ânimos brasileiros, pois é de conhecimento geral que a Inquisição, também conhecida como Santo Ofício, era uma instituição formada pelos tribunais da Igreja Católica que perseguia, julgava e punia pessoas acusadas de se desviarem de suas normas de conduta. A Inquisição teve duas versões: a medieval, nos séculos XIII e XIV, e a feroz Inquisição moderna, concentrada em Portugal e Espanha, que durou do século XV ao XIX. O tribunal da igreja católica foi criado em 1231, pelo papa Gregório IX, que estava preocupado com o crescimento de seitas religiosas, e tinha por objetivo investigar os suspeitos de heresia. Segundo o papa, qualquer pessoa que professasse práticas diferentes daquelas reconhecidas como cristãs era considerado herege. No Brasil, a Inquisição ocorreu por volta da segunda metade do século XVIII; nesse período, cerca de 500 pessoas foram acusadas de disseminar o judaísmo. No entanto, aqui, o tribunal não apresentou tanta força como na Europa. Foram julgados, principalmente no Nordeste, alguns casos de heresias relacionadas ao comportamento dos brasileiros, e perseguidos alguns judeus que aqui moravam. O auto da fé, a que Zweig se refere, era a cerimônia pública em que se liam as sentenças do tribunal. Geralmente ocorria na praça central da cidade e era um grande acontecimento. As punições iam desde a excomunhão, que era uma punição branda, até prisão perpétua e morte na fogueira.

Zweig faz aqui uma leitura muito ingênua, para não dizer infeliz, sobre as motivações do brasileiro ao agir, para o bem ou para o mal. Segundo sua leitura:

⁵⁵ [...] nie hat selbst in den dunkelsten Tagen die Inquisition ihre Autodafés der Menge dargeboten; alles Brutale stößt den Brasilianer instinktiv ab [...] (ZWEIG, 1989, p. 145).

Crimes ligados à astúcia, premeditação, cobiça ou esperteza são raridades; quando um brasileiro puxa a faca está com problemas nervosos ou muito sol na cabeça. Quando visitei a grande penitenciária de São Paulo, eu próprio notei que ali faltava o tipo caracterizado como criminoso pela criminologia. Eram pessoas suaves com olhos calmos e ternos, que em algum momento de muita emoção tinham cometido alguma coisa da qual nem tinham noção (ZWEIG, 2013, p. 131)⁵⁶.

Então, em conformidade com as observações do autor, o brasileiro seria um homem pacífico que agiria de modo inconsequente e ruim apenas influenciado por alguma força externa ou com “muito sol na cabeça”. No entanto, Holanda em seu texto “O homem cordial” considera:

[...] a cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange [...] apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de *concórdia*. A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado (2012, p. 102).

Assim, fica claro para qualquer leitor mais atento que a cordialidade julgada por Zweig uma qualidade natural do brasileiro, nada mais é que um modo de conseguir as coisas com mais facilidade, pois não está associada à boa educação ou polidez como afirmado em alguns momentos pelo próprio Zweig.

Zweig teve algumas experiências interessantes no Brasil, e talvez isso tenha influenciado sua visão sobre o país e seus habitantes. No entanto, não podemos esquecer que ele sempre fala do Brasil comparando-o com seu país de origem, a Áustria. Por isso, ser bem recebido, no sentido de não ser maltratado ou até mesmo xingado, nos lugares mais impróprios, é para ele algo inusitado. Ele

⁵⁶ Verbrechen, die an List, Berechnung, Raubgier oder Raffiniertheit gebunden sind, gehören zu den größten Seltenheiten; es ist nur wie ein Nervenriß, ein Sonnenstich, wenn ein Brasilianer zum Messer greift, und mir selbst fiel es auf, als ich die große *Penitenciaría* in São Paulo besuchte, daß der eigentliche in der Kriminologie genau verzeichnete Verbrechertypus völlig fehlte. Es waren durchaus sanfte Menschen mit stillen, weichen Augen, die irgendeinmal in einer überhitzten Minute etwas begangen haben mußten, von dem sie selber nicht wußten (ZWEIG, 1989, p. 145).

relata a visita feita a uma favela do Rio de Janeiro. Para Zweig a favela e seus barracos são casebres pitorescos onde os negros moram. Esses casebres ficam “nas encostas dos morros no meio da cidade como gaiolas de pássaros”. O autor relata que ao andar em meio à favela teve um mau pressentimento e a consciência pesada, pois estava ali por curiosidade para “ver o degrau mais primitivo da vida” (ZWEIG, 2013, p. 131) e observar nos barracos de barro e bambu “as pessoas em sua condição mais primitiva” (ZWEIG, 2013, p. 131) e por isso, esperava “receber um olhar raivoso ou um palavrão pelas costas, como num bairro proletário na Europa” (ZWEIG, 2013, p. 131). No entanto, ocorre o oposto do esperado, pois para “essa gente de boa-fé o estrangeiro que se perde naqueles cantos é um hóspede bem-vindo e quase um amigo”. O negro que carrega sua água em baldes “sorri com seus dentes brilhantes e ainda ajuda o estrangeiro a subir os degraus de barro escorregadios (ZWEIG, 2013, p. 131).

Stefan Zweig por vezes emprega o termo ‘raça’ em seu texto. E faz isso para mostrar o quão harmônica é a vida dos brasileiros, apesar da miscigenação, que na Europa causava tantos problemas. Ele não usa o termo ‘democracia racial’, mas faz questão de deixar claro que isso não é um problema para os diversos elementos étnicos, que as diferenças não são um problema, que não existem restrições ou boicotes particulares aos negros e mestiços, como podemos verificar no trecho a seguir:

Jamais se descobre qualquer animosidade entre as dúzias de raças diferentes, nem entre adultos, nem entre crianças. A criança negra brinca com a branca, o mulato caminha abraçado com o negro, em lugar nenhum existem restrições ou mesmo boicotes sociais. [...] Japoneses casam com negras, brancos, com morenas, a palavra “mestiço” não é aqui uma ofensa, e sim uma constatação que nada tem de pejorativa (ZWEIG, 2013, p. 132)⁵⁷.

⁵⁷ Niemals ist innerhalb der Dutzende Rassen etwas von Absonderung gegeneinander zu entdecken, weder bei Erwachsenen noch bei Kindern. Das schwarze Kind spielt mit dem weißen, der Braune geht mit dem Neger selbstverständlich Arm in Arm, nirgends gibt es Einschränkung oder auch nur privaten Boykott. [...] Japaner heiraten Negerinnen und Weiße wiederum Braune: das Wort „Mischling“ ist hier kein Schimpfwort, sondern eine Feststellung, die nichts Entwertendes in sich hat: [...] (ZWEIG, 1989, p. 146, 147).

No original, o autor emprega a palavra *selbstverständlich*, que equivale ao nosso evidentemente ou naturalmente e, com isso, tenta tirar todo espanto, talvez próprio, de ver brancos e negros juntos. Zweig vai mais longe e chega a insinuar que não existe ódio racial no Brasil. Ele afirma que o ódio entre as classes, “essa planta venenosa da Europa, ainda não criou raízes neste solo” (ZWEIG, 2013, p. 132). Apesar de Zweig não dizer que não existe ódio de classe e raça no Brasil, o fato de ele usar a expressão “não criou raízes” dá a falsa impressão de inexistência, principalmente quando fazemos uma leitura mais superficial e desatenta de seu texto. Ele tenta nos fazer acreditar que o ódio existe, mas é fraco, pois sem raiz, não sendo, por isso, suficiente para criar problemas e separações.

É interessante notar, no entanto, que o autor apenas repete os mitos sobre o Brasil amplamente divulgados no mundo pelos viajantes europeus, desde von Martius e Humboldt. Marilena Chauí nos resume bem esses mitos:

Sabemos todos que somos um povo novo, formado pela mistura de três raças valorosas: os corajosos índios, os estóicos negros e os bravos e sentimentais lusitanos. [...] Há quem não saiba que, por sermos mestiços, desconhecemos preconceito de raça, cor, credo e classe? [...] somos um povo bom, pacífico e ordeiro, convencido de que “não existe pecado abaixo do equador” (CHAUÍ, 2000. p. 6).

São uma constante, no texto de Stefan Zweig, os elogios à boa índole do brasileiro. Ele o faz sem muita cerimônia e receio. Para ele, o brasileiro é dono de uma “sensibilidade muito forte e talvez excessiva” que possui um “sentimento de honra suscetível, todo especial”. Essa sensibilidade excessiva faria um contrapeso com a “delicadeza de sentimentos” típica do brasileiro. Para ele, “essa ausência de qualquer veemência é a qualidade mais característica do povo brasileiro” (ZWEIG, 2013, p. 132, 133).

Seguindo o mesmo tom condescendente ao falar dos costumes brasileiros, Zweig consegue até mesmo transformar características negativas em positivas, ou ao menos, dar-lhes uma boa capa. O vício no jogo da loteria recebe o nome de paixão e o fato de o brasileiro pobre gastar dinheiro com jogo, recebe o nome de

esperança. É interessante, pois a perspectiva muda apenas com a mudança das palavras. Encarar o vício em jogo como esperança, dá todo um sentimento especial ao fato. Zweig afirma que, no Brasil, o jogo “é uma das poucas paixões visíveis deste povo tão calmo e a esperança diuturna de centenas de milhares de pessoas” (ZWEIG, 2013, p. 135).

E assim, o autor vai mostrando os problemas e defeitos do brasileiro de modo a não ferir sensibilidades. De um lado, parece demonstrar por contraste questões positivas e negativas, valorizando-as muito mais como componentes de uma cultura diferente da cultura do europeu. De outro, permite que o brasileiro não se identifique com um povo esbanjador e apegado à jogatina.

3.4. O negro e o mito da democracia racial

Stefan Zweig trata do assunto do negro como Marilena Chauí mostra em seu livro: como um elemento neutro, em alguns aspectos, que está no Brasil sem oferecer contribuições econômicas e culturais, e prejudicial em outros, pois deprecia o brasileiro por ser inculto e primitivo. Assim, o autor tenta criar uma imagem de conciliação e boa convivência ao colocar lado a lado duas situações díspares e dizê-las iguais, harmônicas ou, de algum modo, complementares. Esse efeito de sentido é explicado por Paz, para quem as imagens podem conter muitos significados, mesmo contrários entre si, que a imagem abarca e até mesmo o reconcilia (PAZ, 1982, p. 119). Temos um exemplo desse recurso quando Zweig afirma que nas ruas do Brasil se encontram muitas raças, “o senegalês negro de roupa rasgada e o europeu de terno bem-talhado”; também o índio, com seu olhar grave e cabelos lisos e no meio disso tudo, milhares de matizes e “mesclas de todos os povos e nações”. A vantagem que o autor observa é que estas pessoas não estão separadas em bairros como em Nova York e outras cidades; aqui tudo se mistura, negros, brancos, mestiços, italianos, brasileiros, japoneses. Para ele isso é prova mais que suficiente da boa índole do brasileiro e do potencial do país para um futuro pacífico e promissor (ZWEIG, 2013, p. 179).

Ao posicionar “o senegalês de roupa rasgada” ao lado do “europeu de terno bem-talhado” Zweig cria um efeito de sentido, diz uma coisa com as palavras, mas mostra outra com a imagem. Com as palavras o autor tenta transmitir a ideia de que a diferença entre o primeiro e o segundo homem não é tão grande e, apesar dessa suposta diferença, eles vivem bem cada um em sua realidade, sem qualquer tipo de conflito. Com a imagem, no entanto, é possível perceber o abismo entre os dois homens e as classes às quais pertencem: que não é possível existir harmonia e felicidade num lugar onde uns passam fome e moram na rua e outros vivem em meio ao luxo.

Talvez ele não tenha podido entender que a separação aqui é outra. Mais adiante, no relato, ele diz “tudo se mistura”, mas será que mistura mesmo, ou é apenas mais uma tentativa de Zweig de harmonizar o país?

É difícil entender e sustentar outras afirmações do autor. É o caso daquela que leremos abaixo, onde se afirma que os escravos libertos foram os responsáveis pela necessidade de mão de obra importada. É interessante notar também, o uso da palavra *plötzlich*, - subitamente - em português, como se um dia qualquer os negros escravizados acordassem e decidissem ir embora.

Muitos antigos escravos saem do campo para as cidades. Os empreendimentos agrícolas, que se veem subitamente sem sua mão de obra, começam a ter dificuldades, e os antigos proprietários se sentem roubados porque não foram indenizados – ou não apropriadamente – pela perda em capital do marfim negro (ZWEIG, 2013, p. 75)⁵⁸.

Não podemos descartar a possibilidade de Zweig ter usado de ironia. Essa possibilidade se sustenta em alguns trechos do livro em que o autor reproduz algumas ideias absurdas sobre o Brasil, no que concerne a cultura, costumes, comportamento e, principalmente, dados históricos.

⁵⁸ Viele ehemalige Sklaven laufen vom Lande in die Städte, die landwirtschaftlichen Unternehmen, denen plötzlich ihre *main d'oeuvre* entzogen ist, geraten in Schwierigkeit, und die früheren Eigentümer fühlen sich beraubt, weil ihnen keine oder keine zureichenden Entschädigungen für ihren Kapitalverlust an schwarzem Elfenbein gezahlt werden (ZWEIG, 1989, p. 79, 80).

Um desses exemplos está na passagem em que o autor trata do fim da escravidão no Brasil e da necessidade de se importar braços para o país. Em linhas gerais, ele declara que, com o fim da escravidão, muitos dos ex-escravos saíram do campo em direção à cidade e, por isso, se fez necessária a importação de braços para a lavoura. Segundo ele esses braços, brancos, trouxeram muitos benefícios para o país, e contribuíram para elevar o nível cultural, algo impossível em sua opinião, de ser feito pelos negros e termina afirmando que outro benefício trazido pelos europeus foi o leve clareamento da pele dos brasileiros.

Essa ideia de os negros serem primitivos e de os europeus contribuírem com o aumento do nível cultural no Brasil, podemos ler também em Chauí, quando ela analisa as ideias de Silvio Romero, em seu livro *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro*, de 1881, sobre a criação de uma nação brasileira, que diz:

Quanto à raça, o brasileiro é uma sub-raça mestiça e crioula, nascida da fusão de duas raças inferiores, o índio e o negro, e uma superior, a branca ariana. Para evitar a degeneração da nova raça mestiça, será preciso estimular seu embranquecimento, promovendo a imigração europeia. [...] Esse descompasso evolutivo tem sido a causa da pobreza cultural, do atraso mental e da falta de unidade de nossas tradições [...] Mas, julga Romero, a imigração, trazendo povos num estágio mais avançado da evolução, poderá auxiliar a corrigir tais defeitos (CHAUÍ, 2000, p. 49).

Stefan Zweig faz essas declarações e nem ao menos cita a teoria de branqueamento vigente na época. No entanto, segundo Lucia Lippi Oliveira, autora do livro *O Brasil dos imigrantes* (2002), os intelectuais brasileiros autores da teoria do branqueamento, que almejavam para três ou quatro gerações um acentuado branqueamento dos brasileiros, viam a vinda de imigrantes brancos como um bem. Pois, de acordo com as ideias da época, “o mestiço original poderia ser melhorado caso se introduzisse mais brancos” (OLIVEIRA, 2002, p. 10). Assim, a seleção de imigrantes “obedeceu principalmente a demanda pelo branqueamento”. Os imigrantes teriam um duplo papel no Brasil: preencher a

demanda por mão de obra e contribuir para o branqueamento da população (OLIVEIRA, 2002, p. 10).

O que para muitos é bajulação ou rendição, para nós pode ser interpretado como ironia. Zweig se encontrava em uma situação de exílio. Recebeu do governo da época visto e boa acolhida, o que incluía dinheiro e alguns privilégios. Ao escrever o livro, claramente não poderia falar mal de seu anfitrião.

Zweig se nega a ver, ou esconde consciente ou ironicamente, a verdadeira questão aqui: o desejo de branqueamento da nação, a recusa em se contratar braços negros e a importação de imigrantes europeus para concretizar uma política de branqueamento. Além disso, ele coloca sobre os ombros negros a responsabilidade pela crise e a necessidade de se contratar imigrantes. Algumas possibilidades de interpretação se colocam aqui. O autor pode estar sendo irônico. Ao responsabilizar o negro pela crise, talvez queira chamar a atenção para a verdadeira questão: a política de branqueamento e o total abandono dos negros, agora ex-escravos. Stefan Zweig pode aqui ter apenas escamoteado o que realmente aconteceu para, assim, manter a imagem de povo pacífico e harmônico que permeia sua narrativa, mantendo desse modo, o mito de gentileza e bondade do brasileiro, pois para o autor:

Muitos dos negros, inebriados pela nova liberdade, deixam o interior e vão para as cidades. [...] Com os escravos, os fazendeiros perdem uma grande parte do seu capital [...] Isso obriga o governo a incentivar sistematicamente a imigração [...] (ZWEIG, 2013, p. 113)⁵⁹.

O autor omite a possibilidade de se contratar os próprios negros, agora ex-escravos, para o trabalho e a política de branqueamento adotada pelos políticos e pensadores da época. Na verdade, faz referência sutil a isso apenas à página 114 da tradução e 125 da edição em alemão usada nessa análise, ao dizer que “a raça

⁵⁹ Viele der Neger, von der neuen Freiheit berauscht, verlassen das innere Land und ziehen in die Städte. [...] die Plantagenbesitzer verlieren mit den Sklaven einen Großteil ihres Kapitals [...] Das zwingt die Regierung, die Immigration, [...] systematisch in Schwung zu bringen (ZWEIG, 1989, p. 124).

brasileira, cuja pele ameaçou escurecer cada vez mais com três séculos de importação de negros” voltou a clarear com a introdução do elemento europeu, que “ao contrario dos escravos analfabetos e criados de forma primitiva” aumentaram o nível cultural do país (ZWEIG, 2013, p. 114).

A palavra ameaça, que aparece no trecho acima, é interessante. Ela carrega em si um sentido negativo. Ela aparece também no original, *drohen*, e denota claramente um perigo, algo pernicioso para a nação que se forma, pois sugere o atraso, o primitivismo, o empobrecimento e o baixo nível cultural atribuído aos negros. Zweig imprime em seu texto uma falsa impressão de que as coisas aconteceram de modo natural, como conseqüências, e não escolhas. Ele faz referência à política de branqueamento como conseqüência natural da vinda de imigrantes para o país e não como algo pensado e realizado para esse fim. Mais ainda, a vinda de imigrantes só foi necessária pela suposta recusa dos negros em permanecer nos campos após a também suposta libertação.

Em alguns momentos, Zweig se refere aos negros como uma massa amorfa que apenas ocupa espaço e atrapalha o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil.

É bom ter em mente que o negro era não só força bruta de trabalho, que manufaturava o açúcar, era responsável também por quase tudo que se produzia no país, da fabricação e venda de bens, aos cuidados com os filhos dos senhores. A economia dependia inteiramente dos braços negros que escureciam o país.

Essa posição em relação ao negro é encontrada em outras narrativas sobre o Brasil. Oliveira, já citada, nos oferece alguns relatos sobre isso. Ela transcreve a narrativa de Karl Friedrich von Martius de 1824. Sobre suas primeiras impressões do Brasil, ele informa que, ao chegar impressiona muito ao viajante “sobretudo a turba variada de negros e mulatos” (OLIVEIRA, 2002, p. 8) e a classe operária com que se pode topar por toda parte. Von Martius diz que esse aspecto foi mais de surpresa que de agrado e que a “natureza inferior e bruta desses “homens inoportunos”, seminus, “fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os “costumes delicados e as fórmulas obsequiadas” da sua pátria (OLIVEIRA, 2002,

p. 8). Mais adiante a própria autora nos diz que a identidade do Brasil, desde meados do século XIX, é pensada como a fusão das três raças, mas a participação do negro apresentava problemas, pois vindo e vivendo como escravo, considerado inferior, o negro se integra à nação mas não encontra lugar na construção ideológica da identidade brasileira (OLIVEIRA, 2002, p. 9).

Percebemos assim, que o posicionamento de Zweig em *Brasil, um país do futuro* está de acordo com a visão de sua época, que coloca o negro como inferior e, portanto como indigno de integrar a construção da identidade brasileira, sendo visto antes como um problema a ser resolvido a qualquer custo, pois havia o medo de que sua presença tirasse o Brasil de estatuto de nação civilizada diante do mundo.

No entanto, ele faz referência ao “espontâneo branqueamento” como consequência da vinda de imigrantes para o país e não como algo pensado e realizado para esse fim. Exatamente como se a população tivesse sofrido um clareamento de sua pele pela existência de imigrantes brancos, e não que eles tivessem vindo para o país com esse objetivo específico.

Zweig coloca o negro como um objeto, uma parte da paisagem, não como um sujeito ativo e participante da economia e da formação do brasileiro. Em contrapartida, Gilberto Freyre considera que a colonização e o desenvolvimento brasileiro foram possíveis por meio do açúcar, como cultura, e dos negros como mão de obra produtora (2003, p. 341). Lembramos aqui que o negro era não só força bruta de trabalho que produzia o açúcar; a economia dependia inteiramente dos braços negros que, de acordo com o pensamento da época, escureciam a população e diminuía o nível cultural da mesma. De algum modo, dentro de sua obra, Zweig consegue afirmar que os negros não tinham a menor relevância positiva para o país:

Como todas as forças de sua natureza, o Brasil ainda não aproveitou essa massa ampla e escura nem como produtora de bens nem como consumidora (ZWEIG, 2013, p. 139)⁶⁰.

O escritor minimiza, ou anula o papel do negro na formação da sociedade, ao fazer essa afirmação. Apresenta-o como elemento da paisagem, como massa escura e burra que apenas faz alguma coisa quando tocado para isso. Por fazê-lo, podemos perceber neste excerto uma fina ironia, uma tentativa de mostrar o que viu e viveu aqui. No entanto, Zweig ainda consegue conciliar seu discurso com o de Chauí, no que diz respeito à contradição daquilo que reconhece pois, ao mesmo tempo em que percebe as diferenças sociais, ignora a realidade dos negros e os coloca em posição de neutralidade na sociedade. Ele consegue enxergar isonomia nos tratamentos raciais e sociais, mesmo e principalmente onde ela não existe:

O brasileiro não conhece o exclusivismo – o que é uma vantagem, e o processo de assimilação é constante não só em termos raciais como também de classes sociais. Toda tradição, todo passado aqui é tão breve que se dilui rapidamente nas novas formas do que é brasileiro (ZWEIG, 2013, p. 143)⁶¹.

Ainda relatando suas experiências de viagem, Zweig fala sobre o que considera “a verdadeira magia da Bahia” dizendo que tudo lá é genuíno e não propositado. Para ele, “o antigo e o novo, o hoje e o ontem, o distinto do primitivo”, tudo se funde num único quadro fluido que é emoldurado por uma das paisagens mais pacíficas e suaves do mundo (ZWEIG, 2013, p. 233).

Também ao tratar as baianas como uma atração pitoresca, na citação abaixo, Stefan Zweig atribui a essas mulheres uma função decorativa, como mais uma atração a ser visitada e retira delas todo traço humano. Coloca-as no chão e lhes nega a dignidade do trabalho, como se tudo o que fizessem fosse um mero

⁶⁰ Wie alle Kräfte seiner Natur, so hat Brasilien auch diese weite und dunkle Masse weder als Produzent noch als Konsument von Gütern bisher ausgewertet (ZWEIG, 1989, p.155).

⁶¹ Das Brasilianische kennt nicht das Exklusive – dies seine eigentliche Kraft – und wie in der rassenmäßigen, so ist auch in der sozialen Schichtung der Assimilationsprozeß ein ständiger. Alle Tradition, alle Vergangenheit ist hier zu kurzfristig, als daß sie sich nicht willig und leicht in die neuen und erst werdenden Formen des Brasilianischen auflöste (ZWEIG, 1989, p. 160).

espetáculo para os turistas. É possível também, que ele esteja encantado, enfeitiçado, pois nunca tinha visto coisa semelhante. Compara a baiana à uma rainha e, talvez, como todo europeu, não aceitaria uma rainha primitiva, sentada no chão. Daí o pitoresco para ele, que nada sabe da organização social dos africanos, e da organização social dos negros escravizados aqui no Brasil. A mão negra que entrega os bolinhos tem ornamentos e um tilintar suave, o que só aumenta o encanto do forasteiro. Haveria como, para o europeu considerado culto como Zweig, emprestar dignidade no seu conceito, ao seu modo, às baianas?:

O mais pitoresco naquilo que é permanentemente pitoresco são as baianas, aquelas gordas negras de olhos escuros com seu vestuário especial. Ele não pode ser chamado de traje típico, pois um traje típico pressupõe uma determinada intenção [...] Não é comparável com nenhuma outra, nem a africana, nem a oriental, nem a portuguesa, mas todas juntas ao mesmo tempo. Um turbante colorido na cabeça, enroscado com engenhosidade [...] e uma saia rodada enorme em forma de sino [...] (ZWEIG, 2013, p. 233)⁶².

Para Zweig a imponência dessas baianas não está no traje, e “sim em sua atitude, seu jeito de andar, seu comportamento”. Mesmo estando sentadas no mercado em um uma soleira suja as saias que elas usam se assemelham a “um manto real” e isso faz parecer que estão “sentadas numa enorme flor” (ZWEIG, 2013, p. 233, 234).

A figura da princesa baiana, com seu manto e sentada no centro da flor, se presta à polissemia do texto do autor. De um lado, poder-se-ia pensar numa negra explorada, sem coroa, sem cetro, sem poder, isolada de seus servos e vendendo comida barata, realidade nada poética. De outro, observamos o valor dado à beleza da imagem poética de uma negra como centro de uma flor, para onde os olhos convergem, e suas mãos negras com pulseiras tilintando e a folha verde de

⁶² Das Pittoreskeste im ständig Pittoresken sind die Bahianerinnen, die mächtigen dunkeläugigen Negerinnen mit ihrer eigenartigen Tracht. Man kann es eigentlich nicht Kostüm nennen, denn Kostüm meint schon ein in bestimmter Absicht oder bei bestimmtem Anlaß getragenes Kleid. [...] Ein farbiger Turban im Haar, mit raffinierter Kunst geschlungen [...] darunter glockenförmig ausschwingend ein gesteifter, riesig breiter Rock [...] (ZWEIG, 1989, p. 264, 265).

palmeira, tudo contrastando e combinando, natureza e perfeição, contrários que se realçam e que só o poeta consegue perceber:

Nessa atitude imponente, essas princesas de cor vendem a mercadoria mais barata do mundo: pequenas iguarias gordurosas ou condimentadas que elas preparam em um fogareiro a carvão – bolinhos tão baratos que uma folha de papel seria muito cara para embrulhá-los. A mão negra, com pulseiras tilitando, entrega esses bolinhos ao freguês, embrulhados em uma folha verde de bananeira (ZWEIG, 2013, p. 234)⁶³.

Para o autor, claramente extasiado com a experiência na Bahia, “não existe nada mais pitoresco do que as negras da Bahia, nada mais genuíno” e acrescenta que apenas na Bahia pode-se conhecer e compreender o Brasil (ZWEIG, 2013, p. 234).

Ainda falando sobre os negros, Zweig emprega dois termos que vamos explorar. Ele os considera ingênuos e depois os classifica como “livres do trabalho intelectual”. Da perspectiva zweiguiana, podemos entender que o trabalho intelectual corrompe o ser humano, faz pensar demais, teorizar, tirando da pessoa um pouco do prazer obtido com coisas instintivas e comuns. Nessa perspectiva, Zweig, já corrompido pelo trabalho intelectual, vê, na origem do ser humano, a ingenuidade, o indivíduo que ainda respeita as leis biológicas e seus instintos, não se fazendo cativo do pensar. Desse modo, podemos interpretar seu discurso como elogioso. Para o autor, o negro “apontava um tipo especial de religiosidade”, que ele não havia conhecido antes. Ele faz uma observação sobre a cor da cidade, e faz isso ao dizer que “de todas as grandes cidades do Brasil, a Bahia é a mais escura” pois ainda conserva a antiga população negra e mais, “ainda não perdeu a cor na mesma medida que as outras cidades com afluxo de europeus”. Para Zweig os negros são mais fiéis e mais adeptos à religiosidade e

⁶³ In dieser Imposante Haltung verkaufen diese schwarzen Fürstinnen die allerbilligste Ware auf Erden, kleine, fette oder würzige Bäckereien, die sie an einem Holzkohlenherdchen zubereiten – derart billige kleine Kügelchen und Fischragout, daß ein Blatt Papier, um sie einzuwickeln, schon zu kostspiellig wäre. In einem grünen Palmblatt reicht es die schwarze, mit den Armbändern leise klingende Hand einem hin (ZWEIG, 1989, 265).

“para esses africanos ingênuos, ainda livres do trabalho intelectual” a igreja não era um lugar de recolhimento e meditação, o que os atraía, segundo o autor, era o rito, o mistério e o colorido das igrejas (ZWEIG, 2013, p. 236).

No entanto, outra perspectiva se coloca: quando considera os negros “livres do trabalho intelectual”, Zweig os insere no que Bauman designa subclasse. Bauman entende como pertencente à subclasse qualquer um que:

[...] abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis [...] qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada *a priori* (2005, p. 46).

Zweig posiciona o negro, nesta e em outras passagens de seu livro, como um integrante dessa subclasse, um excluído do “*bios*” brasileiro, que é a condição de sujeito socialmente reconhecido, e reduzido a “*zoë*”, que é a condição de “vida puramente animal”, com “todas as ramificações humanas podadas ou anuladas”, como diz o próprio Bauman (2005, p. 46). Quem pertence à subclasse é um indivíduo sem identidade. Na opinião de Zweig, os negros figuram, às vezes, apenas uma massa escura, sem proveito. Mais adiante, em sua narrativa, Bauman afirma, ainda, que os refugiados estão também inseridos nessa categoria de subclasse “os sem-Estado, os *sans-papiers*, os desterritorializados num mundo de soberania totalmente assentada” (BAUMAN, 2005, p. 46). Assim, ao passo que a leitura pode nos deixar intrigados com os termos empregados pelo autor, também nos faz perceber que, talvez, o próprio Zweig se reconhecia na condição de um integrante da subclasse. Apesar de polido pela cultura europeia, de ser um intelectual reconhecido, estava num país que lhe era estranho, na condição de um sem-Estado e também não podia mais se deleitar com coisas ingênuas.

O verdadeiro herói moral, mais uma vez, é a natureza conciliadora brasileira (ZWEIG, 2013, p. 76)⁶⁴.

Essa característica de conciliação parece ter muito valor para Stefan Zweig, constituindo-se uma categoria sociológica ou um parâmetro de classificação do ser civilizatório. Para ele, apesar de todos os problemas e diferenças, a boa índole e o caráter conciliador do brasileiro suplantavam tudo.

3.5. História e economia

Zweig afirma não se sentir capaz de fornecer conclusões definitivas, previsões ou até mesmo profecias sobre o futuro do Brasil, sejam elas econômicas ou políticas. Ele assume que o país tem problemas, mas os atribui a sua extensão territorial e julga que seria necessário “uma equipe completa de especialistas para fornecer uma explicação consistente sobre o futuro e melhorias.” E finaliza afirmando ser impossível ter e fornecer uma visão completa de um país que ainda não consegue se perceber como conjunto (ZWEIG, 2013, p. 17).

Stefan Zweig deixa muito clara a visão que tem e vende sobre o país que o hospeda. Ele vê a crise de modo simplório: por exemplo, considera a superprodução, em 1929, consequência da facilidade de produção, e não excedente que não foi vendido como reflexo da quebra da bolsa:

Com sequência quase regular ocorreram crises de superprodução, unicamente porque tudo era muito rápido e simples. O episódio em que as sacas de café foram lançadas ao mar, no século XX, é o exemplo mais recente. Cada vez que o Brasil começa a produzir alguma coisa, precisa se autoimpor barreiras, a fim de evitar a superprodução (ZWEIG, 2013, p. 80)⁶⁵.

⁶⁴ [...] der eigentliche moralische Sieger ist wiederum die brasilianische Konzilianz (ZWEIG, 1989, p.80).

⁶⁵ [...] in regelmäßiger Folge entstanden hier Krisen der Überproduktion einzig darum, weil alles zu rasch und zu leicht ging, immer mußte – die Versenkung der Kaffeesäcke ins Meer im zwanzigsten Jahrhundert ist das letzte Beispiel – Brasilien, sobald es etwas zu produzieren begann, sich selbst zurückdämmen, nicht zu viel zu produzieren (ZWEIG, 1989, p. 85).

Zweig confere à mandioca e à banana o status do maná, com que, de acordo com a narrativa bíblica, Deus provia ao povo judeu todos os dias na travessia do deserto. A mandioca e a banana, o maná brasileiro, são uma dádiva da natureza, que não cai do céu, mas está ao alcance das mãos de qualquer desvalido. A qualquer um que tenha sido excluído das benesses do mercado financeiro ou do progresso, aqui, a natureza acolhe, inclui e alimenta com seu fruto completo, que nutre o corpo e alimenta a alma de esperança:

Depois, passamos por extensas áreas plantadas de mandioca, o principal alimento do país, com cuja raiz se prepara a farinha saborosa e nutritiva que é para a população primitiva o que para os chineses é o arroz e que, ainda hoje, junto com a banana e a fruta-pão, é o presente mais generoso da natureza para todo pobre (ZWEIG, 2013, p. 242)⁶⁶.

Quanto ao café, que comandou a economia do país por um período, ele afirma apenas que o país florescia ou não, dependendo do valor da saca. Quando seu valor caía, “o governo queimava as sacas excedentes ou jogava os preciosos grãos aos peixes ignorantes” (ZWEIG, 2013, p. 206).

3.6. O futuro – espaço e tempo

Futuro, assim como harmonia, é um conceito importante e recorrente para Zweig. Em seu livro aparece também associado como espaço e tempo.

Para ele, todas as energias do país ainda são mal aproveitadas, mas uma, em especial, “a consciência do próprio valor da nação”, também não aproveitada e até desconhecida, vai ajudar ao país a pensar “nas dimensões do futuro” (ZWEIG, 2013, p. 123).

Os brasileiros são privilegiados pois “onde há espaço, há não só tempo, mas também futuro” e os brasileiros podem ouvir o “farfalhar vigoroso das asas

⁶⁶ Dann wieder vorbei an langen Flächen, wo Mandioca gepflanzt wird, die Hauptnahrung des Landes, dieses wohlschmeckende und nahrhafte Wurzelmehl, das der Urbevölkerung war, was den Chinesen der Reis, und noch heute mit den Bananen und der Brotfrucht das freigebigste Geschenk der Natur an jeden Armen ist (ZWEIG, 1989, p. 275).

do futuro” (ZWEIG, 2013, p. 124). Em contrapartida, na opinião de Zweig, Portugal, que é um país mais antigo e com mais história, sonha com um passado glorioso, mas o Brasil, “este país tem futuro” (ZWEIG, 2013, p. 128). A Europa, a referência principal de Zweig, tem mais tradição e menos futuro, enquanto o Brasil tem “menos passado e mais porvir” (ZWEIG, 2013, p. 150). E o mais notável em suas observações, é que o fato “de existir um futuro nesse país torna o ambiente mais despreocupado e cada indivíduo menos aflito e excitado (ZWEIG, 2013, p. 151). E é exatamente dessa excitação e aflição que o autor foge o tempo todo. Da que deixou na Áustria tomada por Hitler e da que encontra aqui.

Segundo Dines, em artigo publicado no site da Casa Stefan Zweig, aponta que a combinação Brasil e Futuro já estava presente na série de crônicas que Zweig escreveu em 1936 e que no texto do livro de 1941, escrito antes da escolha do título, o porvir aparece como protagonista em diversas passagens⁶⁷.

⁶⁷ CASA STEFAN ZWEIG. *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=18>. Acesso em: 27 abr. 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Stefan Zweig usou fantasias para descrever uma realidade nada favorável. Ele pintou o Brasil nas cores que quis. Mostrou ou escondeu artisticamente tudo o que viu por aqui, não assumindo, assim, nenhum compromisso com a verdade. Zweig assumiu para si a fala de Manoel de Barros, onde afirma que “[...] o poeta não tem compromisso com a verdade”. Delineou para si a sua utopia, a utopia zweiguiana, perseguindo-a a qualquer preço, de olho na arte de descrever imagens que lhe saltavam aos olhos e encantavam os sentidos. Foi, nesta dimensão, um verdadeiro poeta.

Percebemos, assim, uma tentativa de conferir ao brasileiro uma passividade e cordialidade que não existem. Zweig tenta criar uma imagem que ele gostaria que existisse e que correspondesse à realidade. Mas não foi o caso aqui. O autor fez isso, talvez, por sua aversão pessoal à violência.

Em seu outro livro, *O mundo de ontem*, que contrasta abertamente com o livro que estudamos aqui, Zweig faz um balanço de sua vida e menciona o Brasil com muita empolgação e entusiasmo. É uma prova de seu otimismo por um Brasil em formação, uma esperança zweiguiana de que uma nação precisa ser mais tolerante e ele se agarra a este país como última solução. Ao fazer reflexões sobre seu percurso de intelectual e humanista, ele estava em Petrópolis, num paraíso natural, e acompanhava o inferno europeu protagonizado pelos nazistas. Zweig filtra esta realidade brasileira, pacífica, mas não menos turbulenta, com imagens positivas, como quando o poeta enxerga aquilo que um outro ser qualquer não conseguiria enxergar. Talvez, quando a realidade histórica de um Brasil autoritário, getulista e totalitário bateu à sua porta, o poeta Zweig se despediu e abandonou de vez seu sonho humanista.

Zweig omite a realidade dura dos excluídos do Brasil e privilegia majoritariamente os pontos positivos, sob uma perspectiva de quem estava antevendo morte e sofrimento de morte. Diante do horror europeu, o escravo aqui liberto, nas favelas, usufruindo sua liberdade, embora sem trabalho e sem o que comer, parece ser uma situação melhor que a de cativo, da perspectiva do autor.

Zweig chega ao Brasil num período posterior ao da escravidão e a dominação do índio. Ele vê o resultado da miscigenação, da civilização e do progresso, e a situação da sociedade no momento em que ele está no país, sem lançar vistas ao passado, e projeta de seu momento presente o futuro, com a perspectiva do desastre europeu, em que a ciência e a filosofia, grandes promessas de benesses à sociedade como um todo, do século anterior, não ajudaram em muita coisa. Então, o Brasil se transparece como o país do futuro. Para Zweig, acostumado com animosidades e ataques de grupos opositores, quase não há preconceito, não há racismo ou diferença social. Esta parece ser uma posição deslocada no tempo mas situada naquela época. Não se trata de uma visão de hoje, retornando àquela época. É para isso que se faz uma contextualização: para justificar e compreender aqueles fatos naquele momento histórico; para analisar sua visão e seu posicionamento com os instrumentos científicos que se tinha. Daí que se pode concluir que Zweig reorganizou seus valores, seus métodos e optou por apresentar o Brasil como país do futuro, a sociedade brasileira como sociedade avançada no tempo, integrada e de algum modo protegida contra uma semelhante crise europeia. Pois, nas palavras de Dines⁶⁸, Zweig não era um poeta versejador, mas um *Dichter*, poeta-artista.

⁶⁸ CASA STEFAN ZWEIG. *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=18>. Acesso em: 27 abr. 2016.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUENO, Alexandre Marcelo. *O Estado Novo e sua relação com os imigrantes: a língua como defesa dos valores nacionais*. Estudos Semióticos. [online] Disponível na Internet via www.fflch.usp.br/dl/semiótica/es. Editor Peter Dietrich, Número 4, São Paulo, 2008. Acesso em 27/06/2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração, (1930 - 1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, Dieter. *Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do nazi-fascismo. Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen. Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Faschismus*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. *Wie weit ist Wien. Lateinamerika als Exil für österreichische Schriftsteller und Künstler*. PICUS editorial, Viena, 1995.

ELMER, Alexandra, WOHNOUT, Helmut. *A Áustria em concreto*. Viena: Viena, Chancelaria Federal. Serviço Federal de Imprensa, 2006.

FREUD, Sigmund. (1856 - 1939) *Luto e melancolia*. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

HERBERTZ, Adelaide Maristela. *Xeque-mate no país do futuro: Stefan Zweig e o exílio no Brasil*. 2001. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Homem Cordial*. Seleção de Lília Moritz Schwarcz. 1º ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *A literatura em língua Alemã e o período do exílio (1933-1945): a produção literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil*. Itinerários, Araraquara, 23, 115-135, 2005.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e Literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. Tradução: Karola Zimmer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. – (Ensaio de Cultura; 22)

LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidades e políticas de imigração*. Tradução: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LESSER; Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a*

luta pela etnicidade no Brasil. Tradução: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

OLIVEIRA, Lucia. Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982.

PFEIFFER, Wolfgang. *Deutsche Künstler und Brasilien*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

PRUTSCH, Ursula. *Das Geschäft mit der Hoffnung: Österreichische Auswanderung nach Brasilien; 1918-1938*. Wien; Köln; Weimer: Böhlau, 1996.

SAID, Edward Wadie. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEYFERTH, Giralda. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Mana. Estudos de Antropologia Social, 1997.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: *Repensando o Estado Novo*. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

VENTURA, Mauro de Souza. De Karpfen a Carpeaux. Formação política e

interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Tradução: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, um país do futuro*. Tradução: Kristina Michahelles. Porto Alegre, RS: L&M, 2013.

ZWEIG, Stefan. *Brasilien, ein Land der Zukunft*. Berlin, Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1989.

INTERNET

BIBLIOBS. *Pourquoi Stefan Zweig est-il l'écrivain étranger le plus lu en France?*. Disponível em: <<http://bibliobs.nouvelobs.com/romans/20130416.obs8145/pourquoi-stefan-zweig-est-il-l-ecrivain-etrange-le-plus-lu-en-france.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Legislação: decreto nº 19.482, de 12 de dezembro de 1930*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Legislação: decreto nº 24.258, de 16 de maio de 1934*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930->

1939/decreto-24258-16-maio-1934-557864-publicacaooriginal-78583-pe.html>.
Acesso em: 27 abr. 2016.

CASA STEFAN ZWEIG. *A invenção do paraíso no inferno do Estado Novo*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_texto_view.php?id=18>.
Acesso em: 27 abr. 2016.

CASA STEFAN ZWEIG. *Canto dos Exilados*. Disponível em:
<http://www.casastefanzweig.com.br/sec_canto.php#>. Acesso em: 26 abr. 2016.

CASA STEFAN ZWEIG. *Stefan Zweig*. Disponível em:
<http://www.casastefanzweig.org/index_sz.php>. Acesso em: 26 abr. 2016.

DEUTSCHE WELLE. *Calendário histórico*. Disponível em:
<<http://www.dw.com/pt/1933-grande-queima-de-livros-pelos-nazistas/a-834005>>.
Acesso em: 27 abr. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Extático. Disponível em:
<<http://www.dicio.com.br/extatico/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

DUDEN. *Rechtschreibung: Boche*. Disponível em:
<<http://www.duden.de/rechtschreibung/boche>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

DUDEN. *Rechtschreibung: Katzelmacher*. Disponível em:
<<http://www.duden.de/rechtschreibung/katzelmacher>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ESTADÃO. A experiência de Axl Leskoschek no Brasil.. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,a-experiencia-de-axl-leskoschek-no-brasil,10000022918>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

FGV CPDOC. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>>. Acesso em 20 julho 2016

INSTITUTO MARTIUS STADEN. *Instituto Martius Staden*. Disponível em: <<http://www.martiusstaden.org.br/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS. *Franceses: Taine, Hippolyte Adolphe (1823-1893)*. Disponível em: <http://www.iscsp.ulisboa.pt/~cepp/autores/franceses/1823._taine.htm>. Acesso em: 27 abr. 2016.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Sociologia - conceito de Estado-nação*. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-estado-nacao.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

PONS.DE. *Online-Wörterbuch: Boche*. Disponível em: <<http://de.pons.com/%c3%bcbersetzung?q=boche&l=defr&in=&lf=de&cid=&srt=null>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SENADO FEDERAL. *Decreto n. 24.645 ? de 10 de julho de 1934*. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/listapublicacoes.action?id=39567>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *Holocausto: um local de aprendizado para estudantes*. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?moduleid=10007691>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. *Hippolyte-Adolphe Taine*. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/hipoadta.html>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

VAGALUME. Música de Gilberto Gil: Outros viram. <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/outros-viram.html>. Acesso em 08 ago. 2016.

BIBLIOGRAFIA

BOHUNOVSKY, Ruth. *A relação literária de Ulrich Becher com o Brasil: entre transculturalidade e “moradia fixa”*. XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFPR – Curitiba, Brasil, 18-22 de julho de 2011.

CAMPOS, Cyntia Machado. *A Política da Língua na Era Vargas. Proibição do Falar Alemão e Resistências no Sul do Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, Dieter. *Brasil, um refúgio nos trópicos. A trajetória dos refugiados do nazi-fascismo. Brasilien, Fluchtpunkt in den Tropen. Lebenswege der Flüchtlinge des Nazi-Faschismus*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996 – (Coleções particulares).

ECKL, Marlen. „*Großes zärtliches Brasilien*“ – Das Brasilienbild in den Werken von Heinrich Eduard Jacob. In: *Pandaemonium germanicum* 14/2009.2, p. 54-83
www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum

ECKL, Marlen. *O exílio no Brasil ou “a Europa no meio do mato”*: desencontros entre Stefan Zweig e Ulrich Becher. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)* n 53, São Paulo, 21 nov. 2011. p. 127-148

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo, Global, 2003.

FREYRE; Gilberto. *Nós e a Europa Germânica: em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do Século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. BRA-DEUTSCH LTDA, 1987

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 2000.

HUBER, Valburga. *A Literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ILG, Karl. *Deutsche Pionierleistungen in Südamerika*. Vier österreichische Siedlungen in Brasilien und Peru. In: *Eckarbote deutscher Kultur- und Schutzarbeit*. 18. Jahrgang, September 1970. Seite 7.

KUSCHEL, Karl-Josef; MANN, Frido; SOETHE, Paulo Astor. *Terra-mátria: a*

família de Thomas Mann e o Brasil. Tradução: Sibebe Paulino. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Ministério Federal das Relações Exteriores. WENGER, Friedrich. Die Auslandsösterreicher und das 10. Bundesland. Brasil-Post, 06.02.1969.

MOISES, Patrícia Cristina Biazão Manzato. *Kunst des Briefes – arte da carta: um estudo sobre cartas de Stefan Zweig no exílio*. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

OBERACKER, Jr. Carlos. „*A Imperatriz Leopoldina. Sua vida e sua época*“, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1973.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina. *A linguagem como instrumento de dominação*. Victor Klemperer e sua obra. USP, Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Departamento Letras Modernas, Área de Alemão, Junho 2002.

OLIVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982. 166 p. (Política e Sociedade).

OLIVEIRA, Xavier de. *O problema Imigratório na Constituição Brasileira: Razões Americanas de uma Campanha Parlamentar de Brasilidade*. Rio de Janeiro, Coelho Branco F., 1937.

PRANTNER, Johanna. *Imperatriz Leopoldina do Brasil*. A contribuição da casa Habsburg-Lothringen e da cultura austríaca ao desenvolvimento do Brasil durante a monarquia no século XIX. Petrópolis: Vozes, 1997.

SKIDMORE, Thomas Elliot. *O Brasil visto de fora*. Tradução: Susan Semler. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, Celeste Henriques Marquês Ribeiro de. *Retratos do Brasil*. Heteroimagens literárias alemãs. São Paulo: Arte & Cultura, 1996. – (Coleção Universidade Aberta: V. 16).

TEODOR, Erwin. *A literatura austríaca depois de 1945*. O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário. 13.11.1965.

WENGER, Friedrich. *Die Auslandsösterreicher und das 10. Bundesland*. Brasil-Post, 06/02/1969.

ZWEIG, Stefan. *24 horas na vida de uma mulher*. Tradução: Lya Luft. Porto Alegre, RS: L&M, 2007.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, País do Futuro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1960.

ZWEIG, Stefan. *Maria Antonieta. Retrato de uma mulher comum*. Tradução: Irene Aron. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ZWEIG, Stefan. *Zwei Erzählungen*. Die unsichtbare Sammlung. Buchmendel. Frankfurt am Main: Hartfrid Voss Verlag, 1972.

FILMES

LOST Zweig. Direção: Sylvio Back. Fotografia: Antônio Luiz Mendes. [s.l.]: Ancine, 2002, 1 DVD (114 min), NTSC/MP4, cor.

INTERNET

AFROAMAZONAS. *A política brasileira de branqueamento - uma visão jurídica*. Disponível em: <<http://movimentoafro.amazonida.com/branqueamento.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

BOHUNOVSKY, Ruth. O Brasil de Ulrich Becher no Romancero Brasileiro: a harmonia em questão. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 12, p. 80-99, nov. 2008. ISSN 1982-8837. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/62264>>. Acesso em: 27 apr. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/1982-8837.pg.2008.62264>.

CASA STEFAN ZWEIG. *Stefan Zweig no país do futuro*. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.org/sec_futuro.php?language=pt_br#>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ESCRITÓRIO DE ARTES. Artistas. Disponível em: <<https://www.escritoriodearte.com/artista/gaetano-miani/>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

HISTÓRIA E-HISTÓRIA. *Racismo e teorias raciais no século XIX: principais noções e balanço historiográfico*. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ITAU CULTURAL. Enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8768/agi-straus>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

LISBOA, Karen Macknow. Entre o passado europeu e o futuro americano: dois ensaios sobre o Brasil da década de 1930. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 317 - 332, Mar. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000100317&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Apr. 2016. Epub Feb 14, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702014005000006>.

ANEXO

Outros exilados austríacos e sua contribuição para o Brasil

Levando em consideração a importância da Áustria para o Brasil, desde a vinda de Leopoldina de Habsburgo-Lorena (OBERACKER, 1973) arquiduquesa da Áustria, imperatriz do Brasil pensamos ser pertinente oferecer mais alguns nomes que contribuíram para a formação intelectual do Brasil. Muitos dos estrangeiros que vieram para o Brasil não passaram por aqui sem destaque ou sem, ao menos, oferecer sua contribuição para o país ou para a comunidade em que viviam. No entanto, nem todos vieram por vontade própria. Há aqueles que, por motivos políticos, tiveram que se exilar no Brasil para garantir sua integridade física, moral e emocional, e também de suas famílias. Por outro lado, há que se salientar que aqueles que vieram pelas vias consideradas normais de emigração, para trabalhar ou não na terra, tiveram mais tempo e interesse em se dedicar ao novo país. Para os dois grupos, o Brasil era um país novo e estranho, mas que oferecia abrigo e perspectiva de uma nova vida. Tanto o primeiro quanto o segundo grupo soube retribuir a acolhida. Elencamos aqui apenas alguns nomes de judeus austríacos que se exilaram no país. No site Casa Stefan Zweig, na página Canto dos Exilados, é possível encontrar uma lista de alguns célebres exilados no Brasil⁶⁹. As informações sobre a maioria das pessoas dessa lista são poucas e todas foram encontradas nos arquivos do Instituto Martius Staden em São Paulo. O contraste dos autores abaixo listados com Stefan Zweig ajuda a compreender a dimensão desses intelectuais e de suas contribuições.

Agi Strauss (CARNEIRO, 1996, p. 166) nasceu em Viena. Interrompeu os estudos com a chegada das tropas alemãs. Chegou ao Brasil em São Paulo em 1938, indo depois residir em Belém, Recife, Bahia e São Luiz do Maranhão. Estudou pintura, desenho, gravura e escultura com diversos artistas, entre eles

⁶⁹ CASA STEFAN ZWEIG. Canto dos exilados. Disponível em: <http://www.casastefanzweig.com.br/sec_canto.php#>. Acesso em: 26 abr. 2016.

Gaetano Miani⁷⁰, com quem executou um afresco para o Palácio do Café⁷¹, em São Paulo. Seu impacto diante do novo ficou registrado em suas obras. Strauss se dedicava também à pintura, seus quadros mais famosos são *Botânica* (óleo sobre tela 1975) e *O Abraço* (PFEIFFER, 1995, p. 107) (óleo sobre tela 1983) Foi premiada em vários salões paulistas, expôs em Nova York e Milão. Em 1951 dedicou-se à literatura infantil escrevendo e ilustrando livros para a Editora Melhoramentos. Nos anos 60 fundou e dirigiu a Escola Agi em São Paulo. Entre os anos 80 e 90 continuou participando de salões e realizando várias individuais, entre elas uma grande mostra em Viena.

Alfred Gartenberg (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 101) foi jornalista e escritor. Nascido em Viena a 24.11.1897. Estudou Direito na Universidade de Viena e obteve o doutorado em 1924. Depois trabalhou como jornalista na *Ullstein Verlag* em Berlim. De 1929 a 1930 escrevia resenhas para a revista teatral “*Die neue Bühne*” (em português: O novo Palco). Nesse mesmo período foi assistente. Em 1930 foi estagiário da Delegação Alemã na Liga das Nações em Genf. De 1930 a 1933 foi jurista na Chancelaria de Direito. Em 1939 Gartenberg emigra para o Brasil, onde no Rio de Janeiro trabalha como gestor de publicidade para uma loja. De 1943 a 1944 foi Secretário na Embaixada Turca no Rio de Janeiro e de 1946 a 1948 foi Diretor da Organização Sionista “Keren Hajessod”; de 1948 a 1957 foi Diretor da Federação de Sociedades Israelitas do Rio de Janeiro. Desse ano até 1972 trabalhou numa Organização de Reparação (*Organisation für Wiedergutmachung*). Além dessas atividades, Gartenberg escreveu três livros, a saber: *Der gläserne Berg* (A montanha de vidro), Romance, (1931); *O J vermelho*. Rio de Janeiro 1976; *O messias da Sarjeta*. Edb. 1977. Gartenberg faleceu, não se saber ao certo se em 1981 ou 1982, no Rio de Janeiro.

⁷⁰ ESCRITÓRIO DE ARTES. Artistas. Disponível em: <<https://www.escriitoriodearte.com/artista/gaetano-miani/>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

⁷¹ ITAU CULTURAL. Enciclopédia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8768/agi-straus>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

Axl von Leskoschek (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, Dieter, 1996, p. 166) nasceu em Graz no ano de 1889, onde obteve o título de doutor em Direito no ano de 1917. Combateu como alferes de aviação na Primeira Guerra Mundial, quando foi gravemente ferido. Após a guerra frequentou a Escola de Arte de Graz e o Instituto Experimental de Ensino Gráfico de Viena, tendo como mestres A. Hofbauer e Alfred Cossman. Trabalhou como cenógrafo do *Augsburger Theater* entre 1929-1931, sob a direção de Karl Lustig-Prean. Foi membro do *Schutzbund* (Liga Republicana de Defesa), combatendo na guerra civil de 1934. Leskoschek viveu vários anos como clandestino em Graz e Viena, sendo preso em 1936 e encarcerado no campo de internamento de Wöllersdorf. Foi solto graças à intervenção do escritor Theodor Csokor. Fugindo do nazismo viveu clandestinamente em Berlim até 1938 e em 1940 veio para o Brasil via Suíça. Como gravurista, ilustrador, desenhista e pintor, foi ativo no Rio de Janeiro entre 1940-1948, onde atuou como artista e professor na Fundação Getúlio Vargas. Apegado às suas origens e ao expressionismo alemão, não deixou de sensibilizar-se pelos tipos e episódios do cotidiano brasileiro. Ilustrou os livros *Uma Luz Pequeninina*, de Carlos Lacerda, *Dois Dedos*, de Graciliano Ramos, *Brazilianischer Romanzero*, de Ulrich Becher e Dostoievski, publicado pela José Olympio Editora. Sua Coletânea *Odysseus*, de gravações em madeira, registra suas impressões sobre o exílio, sendo sua principal obra gráfica. Como gravador expressionista em metal e madeira, influenciou artistas autodidatas como Renina Katz, Fayga Ostrower e Edith Behring. Recentemente foi feita uma exposição com as obras do artista⁷².

Bruno Arcade (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula, 1995, p. 95) (*Bruno Kreitner*) foi publicitário e nasceu em Viena no ano de 1904. Chegou ao Brasil depois de viagens pela Suíça, Bélgica, França, Portugal e Colômbia. O motivo para a imigração foi a oposição interna ao nacional-socialismo. Publica junto com

⁷² ESTADÃO. A experiência de Axl Leskoschek no Brasil.. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,a-experiencia-de-axl-leskoschek-no-brasil,10000022918>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

Miecio Askanasy sob o pseudônimo Árcade, o livro “*Nach Hitler... was dann?*” (“Depois de Hitler... vem o que?”). Kreitner manteve contato com Zweig e planejava um livro sobre literatura de exílio em alemão, espanhol e francês.

Ernst Pollak (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 110) (*Ernest Pollak; pseudônimo: Ernst Behrendt*). O escritor nasceu em Viena a 17.04.1901. Depois de terminado o colégio entrou para a Nova Academia de Comércio de Viena. Frequentou cursos particulares de Dramaturgia e Direção. Pollak tinha contato com as personagens da cena literária do momento. Entre eles estavam Arthur Schnitzler e Franz Werfel. Isso o ajudou a se decidir logo cedo pela carreira de escritor livre. Paralelo a trabalhos para o Rádio e para o “*Neue Wiener Journal*” (Novo Jornal Vienense) escreveu também para o *Wiener Kleinkunsth Bühnen* (Cabarés de Viena) cabarés como o “Chat noir”. Sua peça, “*Sie, Johann...!*”, escrita em conjunto com Fritz Grünbaum sob o pseudônimo Ernest Behrendt foi estreada em 1937 na *Wiener Volksoper* (Opera Popular de Viena). Pollak tinha fechado contratos com Praga e Warschau quando ele teve que deixar seu país em 1938. Sua fuga o levou para a Bélgica passando pela Suíça, França e Bulgária, onde em 1941 foi deportado para o sul da França e na sequência para Auschwitz. Sobreviveu no campo de concentração como bibliotecário do hospital para a *Waffen-SS* e como *Vortragskünstler*⁷³. Em seguida foi deportado para Buchenwald. Depois de sua libertação Ernst Pollak trabalhou em Pilsen na Checoslováquia como Supervisor de Instituições Culturais nos Campos de Organização de Ajuda. Emigrou para o Brasil em 1947, onde na cidade de São Paulo ganhou a vida como professor de alemão e trabalhando num programa de rádio em alemão. Publicou artigos e poemas na revista “Jornal Alemão”.

⁷³ O termo indica uma atividade comum nos períodos de guerra. Quando as pessoas precisavam de animo e distração. Muitos faziam isso, com apresentações, onde cantavam, contavam histórias, encenavam. O termo *Vortragskünstler* poderia ser traduzido como Comediante, Moderador, o mais próximo seria um Animador ou um ator polivalente, mas preferi aqui não traduzi-lo para não incorrer em erro primário.

Ernst Schauder (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 113) foi fotógrafo. Nasceu em 20.01.1923 em Wien-Leopoldstadt. Depois da morte de seu pai foi levado a um orfanato e trabalhou como aprendiz numa fábrica de móveis. Em março de 1939 Schauder conseguiu emigrar com a ajuda da *Jugendlija* (Liga da Juventude) para Israel, onde viveu num Kibutz⁷⁴ e finalmente em Haifa. Sobreviveu como estivador, lavador de carros num posto de gasolina, se empregou em uma padaria militar e diversos campos militares ingleses. Casa-se em 1947 e em 1948 volta com sua esposa para Viena. Sua esposa se matriculou em medicina e ele foi aprovado para o curso de fotografia na Escola Gráfica e Instituto Experimental do professor Hartmann. As difíceis condições de vida em Viena obrigam Schauder a mais uma vez deixar o país. Depois de uma tentativa fracassada na Suécia ele conseguiu, para si e sua esposa, visto para o Brasil. Em São Paulo fundou um estúdio de propaganda e trabalhou nisto mais de trinta anos. Recebeu numerosos prêmios. Fez trabalhos para firmas como a J.W. Thompson, MacCann Erickson. Fez propagandas para Volkswagen, Ford, Philips, Neslé, Singer, Knorr, Unilever, Jardley, Bayer e outros. Em 1989 voltou para Viena.

Frank Arnau (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, Dieter, 1996, p. 175) nasceu em Viena em 1894. Estudou Direito e criminologia entre 1912-1916. Foi repórter criminalista e jornalista do *Frankfurter Zeitung*, *Die Reichspost* e do *Berliner Tageblatt*, além de roteirista e consultor industrial da *BMW* e da *Daimler Benz*. Em 1933 fugiu para a França e, de lá, para a Espanha onde foi perseguido pelos nacional-socialistas por ter conhecimento de um suborno envolvendo a Goering, a BMW e o Ministério da Guerra. Compromissado com o movimento contra o nacional-socialismo, escreveu em 1934 o livro *Die braune Pest* (A peste marrom) que obrigou-o a exilar-se. Após terem tentado visto para os Estados Unidos, Frank Arnau e Ruth Arnau, sua esposa, vieram para o Rio de Janeiro em maio de 1939. Durante o período da guerra atuou como jornalista junto

⁷⁴ Os Kibutz são uma comunidade voluntária coletiva, predominantemente agrícola, onde não há bens particulares e o qual é responsável por todas necessidades de seus membros e famílias.

ao jornal *A Noite* e, liberado pela DIP⁷⁵, fazia cobertura do conflito. Trabalhava para o serviço de informação da embaixada britânica no Rio de Janeiro. Em 1955 retornou à Alemanha Ocidental onde publicou livros sobre costumes brasileiros, filatelia e romances policiais. Dentre suas obras cabe citar *À Sombra do Corcovado* (Rio de Janeiro: 1940) e *A Mascara com Fitas de Prata*, em 1942.

Frederico Heller - Fritz Heller - (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula, 1995, p. 102). Jornalista. Nascido a 03.10.1904 em Viena. Irmão de Otto Heller, cônsul honorário da Áustria em São Paulo. Estudou medicina, economia, sociologia e jornalismo. Doutorou-se em 1928 e trabalhou como redator do “*Leipziger Volkszeitung*”. Em março de 1933 Heller, que era um social democrata ativo, fugiu para Viena e depois em novembro do mesmo ano migrou para São Paulo, para assumir o posto de redator do jornal antinacionalista “*Deutsche Tribüne*”, que circulou por um curto período de tempo. A partir de 1934 foi redator da revista “*Gegenwart*” (Presente), que devido à intervenção nacional-socialista teve que ser fechado. Foi correspondente de jornais europeus, cooperador do “*Argentinisches Tageblatt*” e de 1940 em diante do “O Estado de São Paulo”, e a partir de 1946 foi diretor da Redação. Trabalhou também para Programas Educativos para televisão brasileira. Foi Delegado do “Conselho Consultativo de Planejamento” (CONSPLAN) e recebeu o prêmio Halles de Jornalismo em 1973 e da “Federação Internacional dos Estudantes de Ciências Políticas” de Genf. Frederico Heller, que foi um dos mais prestigiados jornalistas do país, morreu em 10.10.1991 em São Paulo.

Georg Bernard Sperber (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 115) tradutor e literato. Nasceu em 30.05.1938 em Viena. Em 1940 mudou com a família para Argentina passando por Moscou e Japão. Começou a estudar arquitetura em Buenos Aires, mas o interrompeu em 1961 quando se mudou para

⁷⁵ DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda criado em 1939. Funcionava com para controle e ordenação da propaganda oficial.

o Brasil. Entre 1967 e 1970 estudou germanismo na Universidade de São Paulo. Viajou como bolsista a Munique em 1972, onde se doutorou com um trabalho sobre a Trilogia da América do Sul (*Südamerika-Trilogie*) de Alfred Döblin. Nos anos 70 trabalhou como redator na TV Cultura em São Paulo. Desde 1977 orienta projetos na área de mídia, pesquisa social, educação de adultos, sindicato e partidos políticos no Konrad-Adenauer-Stiftung (Fundação Konrad-Adenauer) no Brasil. Traduziu trabalhos autores como Bertolt Brecht, Peter Handke, Arthur Schnitzler, Martin Walser und Peter Weiss. Como tradutor trabalhou em projetos importantes e eventos políticos no Brasil.

Gina Trebitsch - nascida *Regina Geyerhahn* - (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 117) foi tecelã e pedagoga. Nasceu em 17.08.1893 em Angern, Baixa Áustria. Regina fugiu com seu marido, que era advogado, em 1941 por Portugal para o Brasil. No Rio de Janeiro recorre à uma habilidade aprendida em Viena e monta um ateliê de tecelagem “Gina, Rio-Vienna”, onde ela produzia, de acordo com a tradição europeia, cortinas, móveis, cobertas, toalhas, guardanapos, modas e acessórios. Depois da morte de seu marido fecha o ateliê e passa a lecionar no “Colégio Sion” na “Fundação Leão XIII” e no SENAI. Faleceu no dia 02.04.1970 no Rio e Janeiro.

Herbert Lichtenstern (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 106) foi publicitário e historiador. Nasceu em 29.07.1903 em Viena. Emigrou para o Brasil via Suíça no ano de 1939. Lecionou filologia na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Emerge como publicitário nos periódicos “Times of Brazil”, “Vozes de Petrópolis”, “A Cruz” ou “Tribuna”. Escreveu principalmente sobre política, pedagogia e religião. Voltou para Suíça em 1948. Morreu em 13.07.1967 em Zurique.

Johann Schwartz (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 114) crítico literário e publicitário. Nasceu em 1903 em Viena. Depois de formado pela Universidade dedicou-se aos estudos de Arte e Literatura. Devido à tomada de poder pelos nacional-socialistas austríacos, Schwartz se estabelece em São Paulo. Radicado em São Paulo, dedicou-se ao aprofundamento das relações culturais austro-brasileiras e continuou seus estudos literários e estéticos. Publicou artigos artísticos, seu último trabalho sobre a “*Abstrakte und figurative Malerei*” (Pintura abstrata e figurativa) foi publicado no jornal “O Estado de São Paulo” em maio de 1954. Sua morte prematura impede que ele termine o romance “*Die Entwurzelten*” (Os desarraigados), do qual foi publicado o primeiro capítulo no “Anhembi”. Foi Secretário da Sociedade Cultural Austro-Brasileira (a fundação deve-se a sua iniciativa⁷⁶) e membro ativo das comunidades austríacas em São Paulo. Incentivou a organização e realização de numerosas conferências destinadas ao intercâmbio cultural entre os dois países amigos. Johann Schwartz morreu em 22.05.1954 durante uma viagem de estudos em Viena.

Otto Maria Carpeaux - Otto Maria Karpfen - (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, Dieter, 1996, p. 176) nasceu em Viena em 1900 e morreu no Rio de Janeiro em 1978. Iniciou a Faculdade de Direito, mas abandonou o curso e estudou matemática, física, química, filosofia e letras doutorando-se em 1925. Em 1930 casou-se com Helena Carpeaux e passou a se dedicar ao jornalismo e literatura. Em 1938 lançou na Holanda um estudo histórico sobre o fim da Áustria diante da invasão nazista. Em 1939 o casal se refugiou no Brasil em uma fazenda no Paraná. Veio então para São Paulo onde começou a escrever para o “*Correio da Manhã*”, do Rio de Janeiro, para onde se transferiu em 1942. Colaborou no “*Diário Carioca*” e em vários órgãos dos “*Diários Associados*”. Foi diretor da biblioteca da “*Faculdade Nacional de Filosofia*” (1942-1944), da Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas (1944-1949) e redator-editorialista do “*Correio da Manhã*”. Publicou a “*Cinza do Purgatório*” (1942), “*Origens e Fins*” (1943),

⁷⁶ Dr. Johann Schwartz. In: O Estado de S. Paulo, 11.06.1954. sem página.

“*Retratos e Leituras*” (1953), “*História da Literatura Ocidental*” (1953) entre outros.

Paul Frischauer (CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. STRAUSS, 1996, p. 176) nasceu em Viena em 1898, de uma família de advogados. Estudou história e ciências políticas vindo a ser um personagem importante na literatura produzida no entre guerras. Em 1933 protestou contra a queima de livros na Alemanha acarretando uma cisão no PEN-Club⁷⁷ austríaco. Sua obra foi proibida na Alemanha. Emigrou para Londres e, em 1940, veio para o Brasil, atuando como advogado e conselheiro de Getúlio Vargas. Em 1941 escreveu juntamente com Stefan Zweig um roteiro para cinema sobre D. Pedro I e a Marquesa de Santos, que nunca chegou a ser filmado. Trabalhou no *Estado de São Paulo* em 1942 e, em 1945, mudou-se para os Estados Unidos atuando, durante dez anos, como assessor de Nelson Rockefeller, além de ocupar o cargo de vice-presidente do *Inter-Science-Found.* Voltou a Viena em 1955 onde retornou seu trabalho literário. Autor de várias novelas e biografias dentre as quais *Presidente Vargas*, publicada pela Editora Nacional em 1943, sob a supervisão do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), além da obra *Theater-Geschichte. Die Welt der Bühne als Bühne der Welt*, publicado na Alemanha em 1977, dentre outras.

Paul Kris⁷⁸ austríaco, doutorou-se nas Universidades de Droit, em Paris, na Universidade de Viena, Nova York e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Migrou com sua esposa para o Brasil fugindo do nazismo na Áustria. Gostava muito do novo país. Pesquisou sobre ele, viajou longas distâncias para fazer pesquisas. Tomou parte da vida intelectual e era bom conhecedor da literatura brasileira. Foi membro da “Sociedade São Vicente de Paulo” por 28 anos e durante esse período fez muita coisa boa com modéstia e sem chamar

⁷⁷ Uma abreviatura para *Poets, Essayists and Novelists*. É uma associação internacional de escritores.

⁷⁸ H.S. Dr. Paul Kris. In: *Deutsche Nachrichten*, São Paulo. 26.09.1971. (Encontrado no arquivo do Instituto Martius-Staden sob o número Ref nº 6).

atenção. Tinha grande interesse por estudos etnológicos, se ocupava com a questão do negro e um dos seus estudos preferidos era sobre a vida dos ciganos. Paul Kris é autor de artigos como “*Os austríacos e o pan-germanismo no Brasil*”. Trabalhou 10 anos como advogado do Consulado Geral da Áustria. Também atuante para uma Áustria Livre. Nos anos de 1922 – 1938 foi tradutor de francês e russo em Viena. De 1938 – 1940 trabalhou no “Conselho Jurídico” de Paris, e foi membro do jornal austro-francês Anti-Hitler. Depois da ocupação da França emigrou em 1940, sobre os Pirineus e Portugal, para o Brasil. Depois de 10 anos de trabalho para o Consulado Geral da Áustria em São Paulo, foi lhe concedido em 1959 a Medalha de Prata de Mérito por serviços prestados à Áustria.

Peter Ludwig Berger (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula, 1995, p. 98) era jurista, publicitário e jornalista. Nasceu em Baden em Viena, no ano de 1896. Estudou Direito na Universidade de Viena. Participou na Primeira Guerra Mundial e o Partido Social Cristão. Emigrou para o Brasil em 1938 e em 1940 para os EUA. Entre os anos de 1940 e 1953 foi professor na Faculdade de Direito na Universidade Católica da América em Washington. Era membro do “Free Austrian Movement” (“Movimento Áustria Livre”). Volta à Áustria em 1953. Faleceu em 1978.

Otto Heller⁷⁹ (DOUER, Alisa. SEEBER, Ursula. 1995, p. 102) foi negociante, jornalista, diplomata. Nasceu em Viena, a 31.03.1910. Em 1922 mudou-se com a família para a Alemanha, onde trabalhou como doméstico, e garçom até 1932. De volta a Viena, sobreviveu da venda de patente própria para gastronomia e trabalhou no Departamento da Juventude da “Associação Central dos Vendedores Empregados” e como relator do Partido Social Democrata. Em março de 1934 teve de fugir, via Trieste, com sua esposa para o Brasil não apenas por causa situação da Áustria. Em São Paulo tirou seu sustento trabalhando como

⁷⁹ SP Homenageia o cônsul da Áustria. Otto Heller. O Estado de S. Paulo, 01/04/1980. (Encontrado no arquivo do Instituto Martius-Staden sob o número O, nº. 103/7).

decorador de vitrine, publicitário e redator da revista “AGFA Novidades”. De 1942 em diante construiu uma fábrica de móveis, em 1948 fundou a Câmara Comercial Austro-Brasileira (*österreichische-brasilianische Handelskammer*) que realizou a primeira ligação comercial entre os dois países. Em 1949 foi nomeado, provisoriamente, Cônsul Geral da Áustria em São Paulo, cargo que se tornou definitivo em 1950. Criou o Departamento Cultural do Consulado em 1963. Em 1965 recebeu na Câmara Municipal em São Paulo o título de “Cidadão Paulistano”. Em junho de 1995 solicitou ao ministro do Exterior, da Áustria, Alois Mock, que fosse substituído no cargo por ter completado 85 anos de idade. Heller atuou como cônsul na cidade por 45 anos, sendo um dos responsáveis pelo Projeto Estímulo, que, em parceria com a Secretaria Estadual da Cultura, incentiva novos músicos.

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, ____/____/____

Assinatura do autor